



# Esporte e Sociedade

Renato Sampaio Sadi

Jocimar Daolio

Marcelo de Brito

Aldo Antonio de Azevedo

Dulce Suassuna

Adriano de Souza

1ª edição

Brasília-DF, 2004

**República Federativa do Brasil**  
Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente

**Ministério do Esporte**  
Agnelo Santos Queiroz Filho  
Ministro

Orlando Silva de Jesus Júnior  
Secretário Executivo

Ricardo Leyser Gonçalves  
Secretaria Nacional do Esporte Educacional

Lino Castellani Filho  
Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

André A. Cunha Arantes  
Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento

Julio César Soares da Silva  
Diretor do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural

Renato Sampaio Sadi  
Coordenador Geral de Esporte Escolar e Identidade Cultural

Luciana H. de Cecco  
Coordenadora de Apoio, Capacitação e Eventos Esportivos

**Comissão de Especialistas de Educação Física**

Alcides Scaglia  
João Batista Freire  
Juarez Sampaio  
Mara Medeiros  
Marcelo de Brito  
Renato Sampaio Sadi  
Suraya Darido

**Fundação Universidade de Brasília**

Lauro Morhy  
Reitor

**Decanos**  
Sylvio Quezado de Magalhães  
Extensão

Noraí Romeu Rocco  
Pesquisa e Pós-Graduação

Ivan Marques de Toledo Camargo  
Ensino de Graduação

Thérèse Hofmann Gatti  
Assuntos Comunitários

Erico Paulo Siegmar Weidle  
Administração e Finanças

**Centro de Educação a Distância – CEAD-UnB**  
Diretor  
Bernardo Kipnis

Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento – NPD  
Márcio da C. P. Brandão

Coordenadora do Núcleo de Educação e Tecnologias – NET  
Olgamir Francisco de Carvalho

Equipe Pedagógica  
Maritza L. dos Santos  
Sheila Schechtman  
Tâmara M. F. Vicentine

**Equipe de Produção**  
Tâmara M. F. Vicentine – designer instrucional  
Francisco M. C. de Oliveira – ilustrações

**Sobre os autores do módulo**

**UNIDADE 1 – ESPORTE, POLÍTICA E SOCIEDADE**

Renato Sampaio Sadi  
Doutor em Educação pela PUC/SP  
Docente da FEF/UFG

**UNIDADE 2 – ASPECTOS SOCIOANTROPOLÓGICOS DO ESPORTE**

Aldo Antonio de Azevedo  
Doutor em Sociologia pela UnB  
Docente da FEF/UnB

Dulce Suassuna  
Doutora em Sociologia pela UnB  
Docente da FEF/UnB

Jocimar Daolio  
Doutor em Educação Física pela Unicamp  
Docente da FEF/UNICAMP

**UNIDADE 3 – ESPORTE, ESCOLA E CIDADANIA**

Marcelo de Brito  
Mestre em Educação pela UnB  
Docente da FEF/UnB

**Colaboração na revisão dos conteúdos**

Adriano José de Souza  
Mestrando em Coaching Pedagogy pela Kent State University (USA) e  
auxiliar técnico de voleibol da equipe feminina da Kent State University

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Esporte, política e sociedade / Renato Sampaio Sadi ... [et al.]. – Brasília :  
Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2004.  
120 p. : il. ; 21 cm. – (Esporte escolar ; v. 1)

ISBN 85-86290-31-9

1. Esporte escolar – Brasil. 2. Esporte e educação. 3. Educação física  
e esporte. I. Sadi, Renato Sampaio. II. Série.

CDU 372.879.6

---

# Apresentação

O ensino de esportes vem sendo reformulado e transformado mundialmente. Países de primeiro mundo como Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Inglaterra e França têm realizado investimentos em estudos e pesquisas, para que novas possibilidades de inclusão através da prática de esporte sejam evoluídas.

No Brasil, já há algum tempo, cientistas do esporte e pedagogos da Educação Física têm colaborado neste tema, estando em contato direto com as novas abordagens científicas de ensino e desenvolvimento de esporte dentro de uma comunidade continental como a nossa. No entanto, a inclusão de mais praticantes de esportes, tanto jovens como adultos, perpassa por um novo olhar numa área altamente enraizada no modelo de *performance* baseado em movimentos tecnicizados.

Muitos dos professores de Educação Física, instrutores e monitores de esporte conhecem o chamado ensino tradicional ou tecnicista e o identificam como o que ensina as técnicas esportivas através da pura repetição de movimentos, exercícios, gestos e atitudes. Esta é uma visão estreita que precisa ser reformulada, pois o esporte comporta hoje uma totalidade de expressões humanas.

Como um dos fatores de inclusão social, o esporte é um poderoso mecanismo de integração entre crianças e adolescentes, podendo ser considerado como ferramenta pedagógica na escola (ou fora do contexto escolar) dependendo das ações desencadeadas pelos professores, instrutores e monitores.

Entendendo o processo educacional de maneira ampla e com significados abrangentes, o ensino de esportes não fica limitado a concepções de Educação Física; tampouco se limita ao ensino de técnicas esportivas.

Seja na escolarização formal ou no convívio comunitário, a idéia básica deste primeiro módulo é conjugar aportes teóricos críticos com a realidade possível, tentando destacar os principais elementos de uma formação continuada que seja capaz da intervenção pedagógica de qualidade social ao alcance de todos.

É importante que a educação esportiva seja realizada com qualidade, o que implica em uma bagagem ampliada do professor, do educador e do aluno. É necessário compreender o alcance social da presente capacitação e sua inserção no **Programa Segundo Tempo**.

Para que possamos ter uma idéia de como realçar e aumentar o número de praticantes de esportes, temos que ter a coragem de aceitar as inovações metodológicas do ensino e desenvolvimento em esportes. Para isto, precisamos entender que a prática de jogos e esportes não é necessariamente baseada na reprodução de movimentos e sim na capacidade de se envolver no jogo. É preciso compreender o jogo como um processo cognitivo e, depois disto, o praticante precisa assegurar seus movimentos e atitudes como ações e técnicas individuais, isto é, como identidade da individuação (indivíduo + ação).

A aceitação das diferenças e das diferentes possibilidades de resposta e *performances* dentro de jogos e esportes ajudará na inclusão de personagens em nosso país esportivo – *performance* possível e adequada às diferentes faixas etárias, portanto, sem modelos pré-determinados, sem treinamento com sobrecarga, sem especialização precoce.

Aqui vale uma ressalva: se continuarmos com indicadores de modelos estereotipados de técnicas para a prática desportiva, contribuiremos para a diminuição do número de praticantes e consumidores de esportes em nosso país e ainda teremos, a longo prazo, um país de somente três esportes, como por exemplo: o futebol, o voleibol e o basquete.

Ainda, com mais um detalhe: esportes como voleibol e basquetebol não conseguem ter mais do que 10 equipes em seus torneios nacionais, (estamos falando de torneios continentais); portanto, é preciso aceitar que algo errado tem ocorrido no mundo da formação esportiva de nossas crianças e adolescentes.

É preciso que novos olhares para o esporte brasileiro sejam concretizados, para termos a médio e longo prazos mais praticantes de todas as idades. Além da prática, as pessoas teriam o acesso a conhecimentos do esporte, uns como profissão, outros como lazer.

Nesse sentido, os temas desenvolvidos neste módulo estão articulados com as possibilidades concretas das atividades práticas e podem ser resumidos em:

- oportunidade para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos nas aulas de Educação Física, educação esportiva e desenvolvimento esportivo;

- oportunidade de aprender e praticar resolução de problemas dentro e a partir dos jogos (recursos estratégicos e inteligentes); pois antes de qualquer ação motora é necessário que seja descoberto qual o problema de jogo a resolver, quais as necessidades que este problema cria e qual a solução que será apresentada – estes são aspectos cognitivos do jogo que estão esquecidos na pedagogia do esporte;
- criatividade e crítica como arma do professor; este necessita transformar-se em arquiteto do jogo, para assim contribuir com jogos que criem possibilidade de aprendizagem e melhora da *performance* dentro dos jogos;
- convívio social e ético dos alunos – a educação esportiva pode ser desenvolvida dentro de um ambiente criado e recriado pelo professor.

Tais temas, longe das famosas receitas de atividades, devem ser problematizados pelos agentes com (e através de) mediação pedagógica com os alunos. A criatividade do professor, sua experiência de vida e seu relacionamento com a comunidade que atende são marcas importantes para a prática diária do esporte, bem como para o crescimento e o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Este primeiro módulo do **Curso de Capacitação Continuada em Esporte Escolar – Especialização** é composto por três eixos que se articulam numa temática central: *Esporte e Sociedade*.

É fundamental perceber, na leitura que se segue, os objetivos deste estudo: compreender o recente debate na área de educação física e esporte, sendo capaz de considerar as questões da política social e do direito ao esporte, os elementos socioantropológicos e o lugar da pedagogia do esporte na busca de autonomia, crítica, criatividade e emancipação.

Os pontos destacados, abaixo, referem-se à indicação de estudos que possam estruturar os pensamentos dos pedagogos e suas atividades diárias:

- Educação Física e espetáculo esportivo
- Regulamentação profissional
- Esporte Educacional e escolar
- Os direitos da criança e do adolescente no esporte
- As cartas brasileiras de Educação Física
- Abordagem socioantropológica
- Técnicas corporais e técnicas esportivas: entre a eficiência e a eficácia
- Educação Física e ciências humanas
- Contradições do Futebol Brasileiro
- Contradições do esporte brasileiro
- Particularidade e totalidade escolar
- Necessidade de uma nova concepção de esporte

As mudanças que precisamos para o Brasil são inúmeras. No caso do esporte, a mudança deve ser clara: uma pedagogia de qualidade social para todos. O papel do educador é fundamental neste processo e, portanto, necessita ser qualificado. Através dos tópicos apresentados, podemos concluir pela necessidade desta qualificação. Isso significa que todos podem assumir responsabilidades com o ensino (e a aprendizagem) dos esportes, tornando-o uma área significativa no interior escolar. Mais do que atividade prazerosa, o ensino dos esportes precisa de pedagogos e pedagogas familiarizados com os novos termos do debate atual.

Se o professor de esporte no Brasil tiver a coragem de encarar as mudanças mundiais que já ocorrem em pequenas comunidades de nosso país, nós teremos em médio prazo um país com mais praticantes que participam ativamente de atividades em suas comunidades e não somente consomem esportes através da TV.

Ainda temos um país que não oferece chance da prática esportiva em plenitude. Poder-se-ia argumentar que isso só é possível com a transformação da sociedade e do modelo de produção. É evidente que no horizonte das mudanças sociais existe uma preocupação central que é uma transformação específica da didática do esporte, do conteúdo e método de ensino do esporte. Como criar elementos de alteração e tensão com velhas práticas? Podemos mudar este quadro com atualização metodológica e projetos comunitários? Aachamos que devemos dar os primeiros passos.

Nestas mudanças o caráter crítico deve ser problematizado. São inúmeras as obras, livros, monografias, dissertações e teses sobre temáticas relacionadas ao mundo do esporte, muitas vezes desconhecidas por nós. Na área acadêmica da Educação Física, dos anos 80 até os dias de hoje, as produções científicas têm destacado o caráter seletivo e excludente do esporte. Do geral para o específico, da sociedade desigual para o esporte desigual e destas constatações para o plano de mudanças que necessitamos, a crítica criativa é uma poderosa arma de intervenção do professor.

Além da crítica, a organização e reorganização das manifestações esportivas, da cultura esportiva das crianças, também requerem problematização e debate. Saímos, portanto, da crítica como lugar comum para qualificá-la como lugar de destaque. Não pode ser qualquer crítica, tampouco aquela que só oferece os elementos negativos. São as críticas conseqüentes que fazem avançar os termos da mudança, que se apresentam com maturidade suficiente diante das dificuldades. São críticas que revelam o potencial de criação, de criatividade do(s) sujeito(s).

Uma questão crítica para reflexão: se o esporte é, por natureza, seletivo e excludente, como fazer para amenizar tal característica? O processo hierárquico do comando esportivo deve ser transformado em um processo heterárquico e democrático, tanto na relação entre professor-aluno, aluno-aluno, ligas/federações, equipes/investidores para com os praticantes.

Os professores devem assumir as responsabilidades que lhes cabem, afinal a profissão de professor é uma profissão de quem estuda, pesquisa, debate e intervém com qualidade. A formação de professores é um tema de longo debate no Brasil. Em linhas gerais, no que se refere ao ensino do esporte, podemos afirmar que os instrutores e monitores são professores em potencial. Devem ser estimulados ao estudo e à busca de um curso superior.

Assim, com o objetivo de tirar o máximo proveito no estudo deste módulo, observe as orientações e os princípios gerais desta apresentação, refletindo sobre os pontos polêmicos.

É importante frisar com quais óculos escolhemos enxergar o esporte escolar no Brasil: na busca de uma nova concepção de esporte, entendendo as possibilidades concretas de atuação dos professores e desenhando novas formas de atuação fundamentadas na perspectiva dialética, ou com as velhas lentes do esporte excludente, desigual e exclusivamente de *performance*.

Nesse sentido, o conteúdo das próximas linhas deve ser objeto de intenso debate e polêmica.

Boa leitura! Bons estudos!



# Sumário

**Apresentação** 4

## **Unidade 1 → Esporte, política e sociedade** 11

- 1.1 O esporte como política social para todos 12
- 1.2 A regulamentação profissional na Educação Física 15
- 1.3 Estranhamento com o espetáculo esportivo para massas: mídia, individualismo e hipercompetitividade 19
- 1.4 Esporte educacional, de desenvolvimento, participação e lazer e de rendimento 23
- 1.5 O direito da criança e do adolescente no esporte 30
- 1.6 A Carta Brasileira do Esporte Escolar 33
  - 1.6.1 As Cartas Brasileiras de Educação Física 40
  - 1.6.2 Comentários e reflexões sobre as Cartas Brasileiras de Educação Física 50

Referências bibliográficas 54

## **Unidade 2 → Aspectos socioantropológicos do esporte** 59

- 2.1 O homem como produtor e consumidor do esporte 60
  - 2.1.1 Sociologia funcionalista *versus* sociologia crítica do esporte 60
  - 2.1.2 Relação homem-sociedade 63
  - 2.1.3 O homem, a sociedade de consumo e o fenômeno esportivo: a secularização do esporte 65
- 2.2 A Educação Física e as Ciências Humanas 67
  - 2.2.1 As mudanças no conceito de corpo – a concepção biológica e padronizada 68
  - 2.2.2 As mudanças no conceito de corpo – as contribuições da Antropologia 70
  - 2.2.3 O homem como ser cultural 75
  - 2.2.4 Técnica esportiva: entre a eficiência e a eficácia simbólica 79
  - 2.2.5 Implicações para o ensino do esporte 81
- 2.3 O futebol brasileiro e suas contradições 85

Referências bibliográficas 96



## **Unidade 3 → Esporte, escola e cidadania 99**

### **3.1 A escola como experiência significativa e desejável 100**

3.1.1 A escola que queremos 102

3.1.2 A escola a serviço da sociedade capitalista 104

3.1.3 Pensando um projeto para a Educação Física 105

3.1.4 Um projeto para a escola que queremos 108

### **3.2 A necessidade de uma nova concepção de esporte 111**

Referências bibliográficas 118



# 1



# Esporte, **política** e **sociedade**



**Apresentação** → **Nesta unidade você irá estudar alguns elementos sobre a organização das políticas sociais e seus impactos/efeitos no esporte.**

Acompanham as presentes reflexões:

- elementos do esporte como instituição para massas;
- tensões da prática esportiva de cunho educacional com a de cunho de rendimento;
- princípios elementares no campo da luta de classe e direitos sociais no esporte.

Apresentamos, ainda, uma breve síntese sobre as cartas brasileiras de Educação Física, documentos que visavam, na sua determinada época, estabelecer os pilares da área acadêmica e profissional.



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender que o esporte é uma política social para todo o cidadão (Constituição Brasileira de 1988).*

No Brasil, o esporte sempre foi uma política para poucos. As classes dominantes apenas legitimavam a prática esportiva quando seus interesses internacionais poderiam promover a nação, vendendo-a segundo os princípios mercadológicos. Assim, construiu-se uma concepção de que a política do esporte deveria ser massificada segundo os interesses do fomento ao esporte olímpico. Para compreender o que é uma política de esporte, vamos começar entendendo um pouco o que é uma política social.



*Como estratégia de governo, a política social é geralmente entendida como um conjunto de planos, programas e normas, nos quais o Estado estabelece suas diretrizes, fixando ordens de governo e concedendo alguns mecanismos de reprodução social.*

O conjunto de leis e diretrizes expressas em políticas sociais consegue apanhar do real o que é mais urgente e imediato e, muitas vezes não consegue fotografar o estratégico.

Por outro lado, as tensões relativas a Capital-Trabalho encontram níveis de conflito mediados pelo Estado. Assim as pressões e reivindicações acabam por configurar-se em “tentativas” num primeiro momento e “conquistas” efetivas, com a definição de políticas de governo, num momento posterior.

“Não tem havido, pois, política social desligada dos reclamos populares. Em geral, o Estado acaba assumindo alguns destes reclamos, ao longo de sua existência histórica. Os direitos sociais significam antes de mais nada a consagração jurídica de reivindicações dos trabalhadores. Não significam a consagração de todas as reivindicações populares, e sim a consagração daquilo que é aceitável para o grupo dirigente do momento. Adotar bandeiras pertencentes à classe operária, mesmo quando isto configure melhoria nas condições humanas, patenteia também a necessidade de manter a dominação política” (Vieira, 1997, p.22).

O esporte como política social insere-se na luta de classes, pois articulam-se perspectivas antagônicas em seu campo de atuação.

“Um exame fundamentado no método **materialista histórico e dialético** pode revelar a política social como parte da estratégia da classe dominante, mais adequadamente da burguesia. Pode dar a conhecer a política social como estratégia capaz de conservar a desigualdade social, colaborando no funcionamento do capitalismo” (Vieira, 1997, p.30).

**Materialismo histórico e dialético** corrente de pensamento fundada por Marx e Engels; concebe o homem como um ser social, concretamente determinado pela história.

Escrevendo sobre três momentos da política social brasileira no século 20, o autor, em outro texto, considera que o primeiro período da política social seria o período de *controle da política*, indo desde a Era Vargas ao populismo nacionalista.

O segundo período nomeado por *política do controle* cobriria a ditadura militar de 1964 até a Constituinte de 1988.

O terceiro momento seria representado pelo período pós-88 e denominado de *política social sem direitos sociais* (cf. Vieira, 1997, p. 68).

As lutas em favor da redemocratização da década de 80 possibilitaram uma certa oxigenação no campo das políticas sociais.

Em nenhum momento a política social encontra tamanho acolhimento na Constituição brasileira, como acontece na de 1988 (artigos 6º, 7º, 8º, 9º, 10, 11): nos campos da Educação (pré-escolar, fundamental, nacional, ambiental, etc.), da Saúde, da Assistência, da Previdência Social, do Trabalho, do Lazer, da Maternidade, da Infância, da Segurança, definindo especificamente direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, da associação profissional ou sindical, de greve, da participação de trabalhadores e empregadores em colegiados dos órgãos públicos, da atuação de representante dos trabalhadores no entendimento direto com empregadores. De outra parte, poucos desses direitos estão sendo praticados ou ao menos regulamentados, quando exigem regulamentação. Porém, o mais grave é que em nenhum momento histórico da República brasileira os direitos sociais sofrem tão clara e sinceramente ataques da classe dirigente do Estado, como depois de 1995.

Somar os esforços na direção do sujeito coletivo da classe dos que vivem do trabalho é ousar nas possibilidades concretas de mudança. O Esporte, no interior da escola, tem canais próprios para esse tipo de aposta. Sim, é uma aposta, pois não se pode saber o resultado, mas também pode ser um trabalho fascinante, se houver envolvimento social e emocional das pessoas. Por outro lado, a crise mundial afeta diretamente a escola pública. Há falta de recursos e desmotivação em geral.

A crise não é só das expectativas dos agentes financeiros e econômicos em sonhar com os *ganhos*, que estão diminuídos. Não é só uma crise de investimento, na ótica capitalista de projeção de mercados. Além de ser uma crise de perspectiva do trabalho humano, é sobretudo uma crise de possibilidades, na qual o descontrole e a autonomia do financeiro assumem enormes proporções. A partir da crise estrutural e inerente ao capitalismo,

“O evoluir da ordem burguesa, ao longo de todo o século 20, não infirmou nenhuma das tendências estruturais de desenvolvimento que Marx nela descobriu – ao contrário, comprovou-as largamente, pois aí estão: – a concentração e a centralização do Capital; – o caráter anárquico da produção capitalista; – a reiteração das crises periódicas; – as dificuldades crescentes para a valorização; – os problemas referentes à manutenção dos patamares das taxas de lucros; – a contínua reprodução da pobreza relativa e crescentes emersões de pobreza absoluta; – os processos alienantes e reificantes” (Netto, 1993, p. 36-37).



**O que significa o esporte como política social na sociedade moderna?**

Tais situações acentuam o caráter de provisoriidade das políticas sociais nos marcos da ordem burguesa e, o esporte pode, quando muito, apenas contribuir no esforço de promoção de maior qualidade nas políticas desenvolvidas, nos serviços prestados. Serão sempre provisórias se não forem edificadas como estratégia dos trabalhadores.

Por estratégia estamos compreendendo (e defendendo) um conjunto de ações que caminhem no sentido de transformação da atual realidade. Mudar a concepção de esporte tecnicista, trabalhar por uma concepção ampliada de esporte escolar como forma de atrair crianças e jovens para a cidadania e futura emancipação.

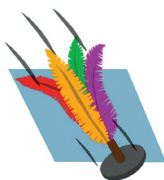


**Na sua opinião, o que deve ser um esporte democrático?**

Não é tarefa fácil, portanto, pensar nas especificidades das políticas sociais (como estratégia) quando se tem em mente que os objetivos maiores da mudança como plataforma política dependem da lógica de globalização econômica. Entretanto, ao encaminhar propostas de intervenção, temos claro que o campo de ação demarcado é restrito aos acertos democráticos nos quais, certamente, podem ser desenvolvidos mecanismos de criatividade e crítica por parte dos professores e estudantes de Educação Física.

Este é um outro ponto de partida absolutamente fundamental para a mobilização consciente e estratégica a partir de políticas sociais elaboradas ou pressionadas por trabalhadores. O que deve ficar claro é que tais ações constituem apenas o início de uma longa jornada de revolução democrática.

## **Agora é com você**



Essa primeira parte do curso é bastante teórica e pode até mesmo conter alguns temas que você pode não ter visto em sua formação, ou estudado muito pouco. Aproveite esse primeiro momento para listar suas dúvidas e inquietações e enviá-las para seu tutor.

O importante é não desanimar e aprofundar seus conhecimentos de forma a ter um ponto de partida teórico para embasar sua prática. Lembre-se que uma prática sem reflexão é tão ruim quanto a reflexão sem o apoio da prática e da renovação.

## 1.3

## Estranhamento com o espetáculo esportivo para massas: mídia, individualismo e hipercompetitividade

Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- Compreender que o esporte possui componentes negativos (reprodução da mídia sem reflexão dos sujeitos) e positivos (postura dos professores/monitores como agentes de mudança).



Das manifestações esportivas capazes de influenciar a conjuntura política, certamente temos as grandes competições de esporte de rendimento, como a Copa do Mundo de Futebol, as Olimpíadas, os Jogos Pan-Americanos, etc. A simbologia da vitória é o cerne da questão. Através dela, os organizadores do *marketing* do esporte potencializam suas vendas; as torcidas atuam como elemento passivo diante do fenômeno do espetáculo esportivo.

Nesse sentido pode-se dizer que há um *estranhamento* do homem em relação ao espetáculo esportivo, pois na arena da competição todos se envolvem em busca da vitória, que pode ser tanto uma vitória legítima quanto uma vitória por meios ilícitos. Tal estranhamento é reforçado pela mídia televisiva, pelas falas dos apresentadores que ora valorizam, ora destroem a imagem de atletas.

*O discurso televisivo sobre o esporte pode ser verdadeiro ou mentiroso como qualquer outro discurso, mas seu elemento sedutor reside na imagem da perfeição do gesto técnico dos atletas, bastante explorado pela televisão. Recordes, finalizações, dribles e façanhas esportivas são exaltados e repetidos em montagens espetaculares.*



Assim, no que se refere ao esporte, a dura realidade do País não é projetada para os milhões de brasileiros. O que assistimos são espetáculos de esporte de alto nível que se pautam pelo individualismo e hipercompetitividade não o esporte como jogo, como lazer, como educação, etc.

Vaz (1999, p.100) afirma que a mídia televisiva tem como preocupação central dois “passatempos”, quando transmite, por exemplo, os Jogos Olímpicos:

- um relacionado à especulação de limites humanos como recordes, marcas e pontos;
- a comparação das *performances* entre homens e mulheres, atribuindo ao sexo masculino o paradigma “superior”.

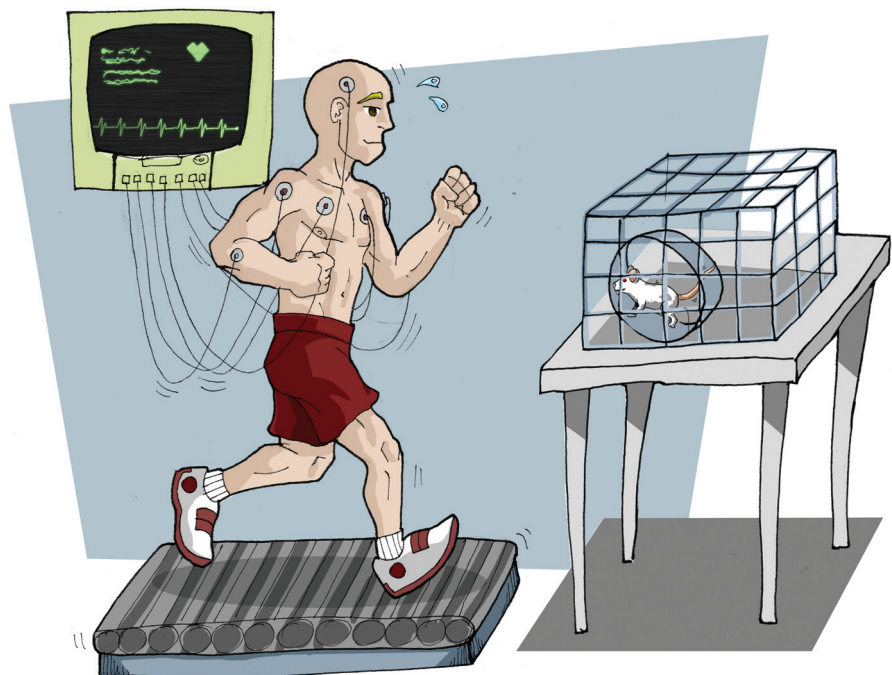
O autor constata que nos dias atuais os processos de controle do corpo mediados pela ciência e pela tecnologia do esporte alcançam a experiência humana, tornando-a um culto a *performance*. Baseando-se em **Theodor Adorno** – para quem o esporte teria um caráter masoquista, violento, fazendo o ser obedecer e sofrer – Vaz resgata a idéia do corpo como máquina, do corpo como coisa.

Assim, a sociedade esportivizada precisa treinar os corpos para o rendimento, para o espetáculo esportivo, o que significa naturalizar as experiências em laboratório com seres humanos, equiparando-os com os animais.

### Theodor Adorno

(1903-1969)

filósofo alemão, tinha clara consciência que a educação escolar é determinada e não determinante. Na sociedade administrada vários fatores determinam a educação escolar, entre eles, as políticas educacionais. Realizou estudos sobre a Indústria Cultural e o Capitalismo Tardio.



A explicação desta trama é que os corpos, transformados em máquinas a serem dominadas, estariam sujeitos à coisificação da consciência, isto é, à mutilação da consciência, que não teria espaço para o racional, para o esclarecimento. A violência, a vingança, o ódio e o irracional tomariam conta deste corpo coisificado.



Torna-se importante destacar que tais princípios do esporte de rendimento podem se manifestar no esporte educacional, no nascimento do esporte na criança. Os professores de Educação Física conhecem tais princípios, entretanto, precisam compreendê-los melhor. O estranhamento no esporte pode ser muito forte na formação inicial das crianças, que poderia conduzi-las à passividade da mera torcida pelos colegas considerados mais “aptos”. Tais divisões e fragmentações estranham as possibilidades educacionais no esporte e precisam ser revistas pelos professores.

*O individualismo e a hipercompetitividade precisam ser constantemente combatidos. São expressões máximas e esdrúxulas que se deseja negar numa sociedade efetivamente fraterna e democrática.*



As manifestações da individuação (indivíduo em ação) e da competição a favor e não contra o humano devem ser incentivadas e promovidas de forma didática e educacional, garantindo-se a permanência de valores éticos no decorrer da vida.

Bracht (1992), advogando princípios de uma **pedagogia crítica** para a área, enumera as seguintes posturas:

“Os professores de Educação Física precisam superar a visão positivista de que o movimento é predominantemente um comportamento motor. O movimento é humano, e o Homem é fundamentalmente um ser social (...) precisam superar a visão de infância que enfatiza o processo de desenvolvimento da criança como natural e não social. Fala-se da criança em si, e não de uma criança situada social e historicamente (...) devem buscar o entendimento de que, o que determinará o uso que o indivíduo fará do movimento (na forma de esporte, jogo, trabalho manual, lazer, agressão a outros e a sociedade etc.) não é determinado em última análise, pela condição física, habilidade esportiva, flexibilidade, etc., e sim pelos valores e normas de comportamento introjetados, pela condição econômica e pela posição na estrutura de classes de nossa sociedade (...) Superar a falsa polarização entre diretividade e não-diretividade (...) um outro equívoco que precisa ser superado, é o de que devemos simplesmente ignorar a cultura dominante, que nesse entendimento não serve à classe dominada” (Bracht, 1992, p. 65).

Ao superar uma série de condicionamentos pertinentes à formação tecnicista em Educação Física, os professores precisam entender que o esporte educacional e escolar deve ser o esporte **da escola** e não o esporte **na escola**.

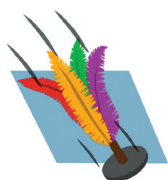
Da escola, por ser próprio de cada manifestação individual e coletiva, por ser próprio de cada localidade e principalmente, por carregar a perspectiva da autonomia. Não deve ser um esporte na escola, isto é, um esporte de rendimento, olímpico e de treinamento, injetado na escola por determinação de uma dada cultura dominante, televisiva e mercadológica.

Na **pedagogia crítica** o professor atua de forma dinâmica e sempre que possível relacionar os conteúdos à experiência do aluno, tentando, sistematicamente, evidenciar a importância de uma sólida formação escolar como instrumento para a sua prática cotidiana, propiciando a crítica ao social e mudanças no indivíduo.

As interfaces entre o esporte na escola e o esporte da escola tornam-se visíveis na medida em que o esporte puder ser democratizado, isto é, ensinado a todos. Reafirma-se a idéia de que não há por que ser contra o esporte de rendimento, afinal ele tem um porquê e um para quê, além do para quem de sua existência.

Assim, as divisões entre Educação Física escolar e não-escolar contribuem para uma visualização da cultura corporal de forma ampla, complexa e dialética. Todas as manifestações dos jogos, das brincadeiras, do esporte, da dança, das lutas, da capoeira e de inúmeras formas de movimentar-se estão presentes nestas duas subáreas. Ocorre que as mudanças neoliberais da década de 1990 imputaram à educação formal um sentido restrito à Educação Física. Soma-se a isso o abandono e o sucateamento dos espaços públicos, dos equipamentos e da qualidade profissional que não pode ser imposta por um simples registro, mas deve ser formulada e articulada historicamente.

### **Agora é com você**



Depois desta leitura você deve ter pensado em seu grupo de alunos. Lembrou de algum que fica só ali, na torcida, fugindo das atividades porque não gosta ou porque é desajeitado? Lembrou daquele outro que fica sempre na torcida pelos colegas que considera desportistas natos?

E, neste curso, como você está atuando? Tem ficado apenas na torcida, lendo os textos ou está em quadra, refletindo, fazendo anotações, buscando soluções para suas dúvidas?

Vamos a mais uma seção de leitura e reflexão.

## 1.4

## Esporte educacional, de desenvolvimento, participação e lazer e de rendimento

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender o conceito e a prática do esporte em suas três dimensões: educacional, de participação e lazer e de rendimento;*
- *Compreender que o esporte escolar, na atual estrutura piramidal, deve ser reformulado.*



A atual estrutura do Ministério do Esporte está baseada na Constituição brasileira.

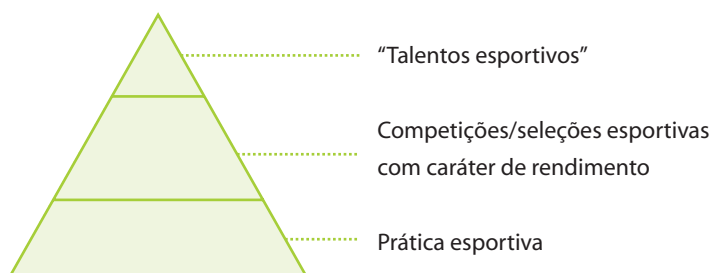
*As divisões do Esporte e a constituição de um Ministério próprio com três Secretarias (Educativa, de Desenvolvimento, Participação e Lazer, e de Rendimento) ajudam a compreender o esporte como prática social historicamente construída e culturalmente desenvolvida. As nítidas fronteiras entre as três dimensões do esporte foram resultado das mudanças processadas na sociedade brasileira nos últimos trinta anos, bem como das mudanças internas na área de Educação Física.*



O Esporte Escolar é ainda restrito a crianças e adolescentes considerados *talentos esportivos*, sendo predominantemente compreendido como base para o esporte de rendimento e desenvolvido a partir desta compreensão. Esta é uma realidade que distancia a prática do Esporte da perspectiva educacional, gerando exclusão nas práticas escolares e desigualdade de oportunidades, pois é um processo que já se inicia sendo oferecido para poucos. Sabendo que no decorrer dos anos haverá exclusão e desistência por uma série de fatores, chega-se ao esporte de rendimento com um número baixo de talentos esportivos.



**Em sua opinião, quais as principais características do esporte educacional?**

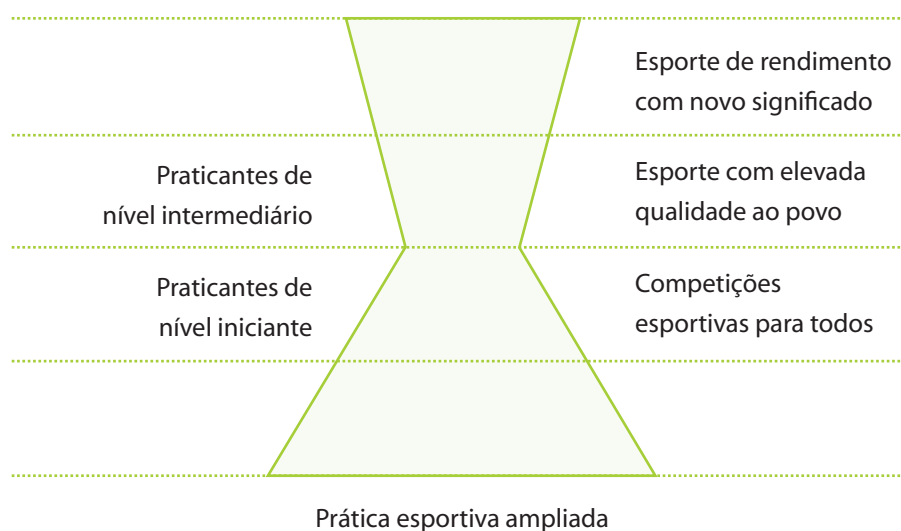


Na contra-mão desta pirâmide injusta, busca-se o aumento do número de alunos envolvidos, a continuidade do processo de participação esportiva na vida escolar, almejando uma educação integral, projetando a disseminação da prática e da cultura esportiva do país.

Dessa forma apresentamos uma (re)significação da pirâmide citada (que busca talentos pela exclusão – elementos a serem combatidos), *incluindo-a dentro de um amplo bloco de sujeitos envolvidos*, o que demonstra a continuidade de um processo de ensino e prática esportiva com elevada qualidade ao povo. Teríamos a oportunidade de ampliar o número de praticantes de esporte, tanto de nível iniciante (1) como de nível intermediário (2) antes de se chegar ao esporte de rendimento; nesta lógica, com novo significado.

A abertura das pirâmides, isto é, a inversão da lógica da pirâmide anterior (triângulo) implica o alargamento de oportunidades e novas possibilidades de vivência do esporte.

Verificamos, assim, a necessidade do aumento da prática esportiva nas escolas, por meio de um projeto de cunho pedagógico e educacional, de competições regionais, estaduais e nacionais, de eventos e festivais esportivos. Em outros termos, o esporte escolar olhando e trabalhando para além da antiga e obsoleta pirâmide, apresentada anteriormente.



O professor Elenor Kunz, em 1994, abordou o problema da mudança que era (e continua sendo) necessária na Educação Física. Seu estudo de doutoramento contribuiu para processar as mudanças na Educação Física através do tema esporte. Em sua concepção, haveria uma transformação didática do esporte na prática do professor de Educação Física. A idéia inicial da tese pode ser resumida em: *“É uma irresponsabilidade pedagógica trabalhar o esporte na escola que tem por conseqüências provocar vivências de sucesso para uma minoria e vivência de insucesso ou de fracasso para a maioria.”*

Desta forma, o desenvolvimento do esporte escolar seria conduzido pela contra-mão do processo de exclusão da maioria, isto é, os professores de Educação Física teriam que promover o esporte, ensinando-o a todos. Seria necessário não apenas transmitir e ensinar técnicas dos esportes com vista a competições, mas transformá-lo didaticamente. Isso inclui uma agenda complexa que passa pela compreensão da sociedade que produz mercadorias e chega à instituição Esporte, que também produz mercadorias. Nesse sentido, nos dias atuais, seria impossível imaginar o esporte sem o componente rendimento. Por isso mesmo é importante que os alunos tenham acesso a informações sobre a mercantilização do esporte, de como ocorre a troca e venda de imagem, produtos, atletas e tantas outras mercadorias no esporte e através do esporte.

Isso significa uma nova visão, com mais participantes, com maior número de espectadores que entenderão mais sobre esporte e com um maior número de pessoas envolvidas no mundo de negócios dos esportes, com uma compreensão maior do contexto de envolvimento.

Se o mais significativo no esporte escolar são as competições pedagógicas, precisamos aprofundar mais o tema do caráter das competições educacionais. Em primeiro lugar registra-se que a herança militar e médico-higienista nos conformou com a idéia do esporte educacional, necessariamente, de treinamento e rendimento de equipes esportivas como única via de promoção de competições.

Muitos cursos de Educação Física pautaram seus currículos pelo paradigma da aptidão física, o que implicou um grande número de horas destinadas ao estudo da anatomia, fisiologia, biomecânica e biologia entre outros. Tais conteúdos estavam organizados por uma formação tecnicista que, no esporte, ensinava nada mais do que gestos técnicos, fundamentos básicos do esporte.

Na atual realidade, as mudanças foram significativas e, portanto, não podemos aceitar o simplismo desta pedagogia, até porque seus objetivos hoje já não são tão possíveis. Por outro lado, devemos nos afastar do espontaneísmo pedagógico que entende que a criança deve jogar de acordo com a construção de regras livres e o professor ser um mero coordenador. Tal perspectiva anula o papel docente e, assim, reproduzimos a lógica da exclusão, isto é, nada ensinamos, nada efetivamente transmitimos para as novas gerações.

Na sociedade, o esporte é um fenômeno do senso comum. As pessoas, nos círculos de conversa familiar ou não, reproduzem o esporte e o discurso existente na imprensa. A reprodução é uma categoria importante para a compreensão crítica do esporte. De um lado, somos levados à reprodu-



**Em sua formação, se houve ênfase em aspectos biológicos, você aprendeu como lidar com pessoas saudáveis e normais ou também teve chance de saber como auxiliar alunos portadores de necessidades especiais, com diabetes, asma, e outros problemas crônicos? O professor de Educação Física é formado apenas para ensinar ao aluno ideal em termos físicos e cognitivos?**

ção de uma série de ações, movimentos e atitudes, isto é absolutamente normal, aliás é bom que aconteça mesmo a imitação da criança, as cópias dos adolescentes, as imagens que registramos na juventude, etc. Mas este é apenas um ponto de partida, pois, de outro lado, não precisamos e não devemos sempre reproduzir ações, movimentos e atitudes. Isso pelo fato de a consciência crítica se manifestar pelas contradições da realidade e da tirania das circunstâncias, o que nos obriga e negar. Em resumo, a reprodução é uma constante do afirmar, do negar e do afirmar novamente em plano crítico-superior.

Por isso as competições pedagógicas precisam ser modificadas radicalmente e isso só ocorrerá quando houver condições próprias, materiais e de recursos humanos qualificados, preparados para este desafio.

Descrevemos a seguir algumas características negativas na prática do esporte escolar, para podermos compará-las com possíveis mudanças:

- O esporte escolar reforça os valores da competição em detrimento dos valores da cooperação;
- O esporte escolar reforça o individualismo em detrimento da solidariedade;
- O esporte escolar privilegia atividades repetitivas e mecânicas em detrimento da liberdade de movimento, da criatividade e da ludicidade;
- O esporte escolar privilegia a ação exclusivamente diretiva do professor em detrimento do diálogo e da liberdade de expressão;
- O esporte escolar desenvolve as modalidades esportivas mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social, como o voleibol e o basquete;
- O esporte escolar privilegia como conhecimento de determinadas modalidades esportivas, exclusivamente a execução técnica e tática dos seus fundamentos como o passe, o drible, a cortada, etc;
- O esporte escolar reforça a idéia de ascensão social através do esporte (cf. Souza, 1994, p. 81).



Qual seria o contraponto da negatividade do esporte escolar e no que efetivamente os aspectos positivos se relacionam com a política e a sociedade? Para responder esta questão, podemos simplificar o discurso propositivo em quatro pontos e então relacionar as pertinências da política e da sociedade:

- O esporte escolar pode reforçar a cooperação através da educação da sensibilidade, da ética, da estética e dos conhecimentos pertinentes à bagagem dos alunos, bem como à criatividade crítica do professor;
- O esporte escolar pode reforçar o coletivismo ensinando que dependemos dos outros para poder atuar com mais inteligência, mais estratégia na atividade desenvolvida;



- O esporte escolar pode encaminhar crianças e jovens para práticas prazerosas, sem se furtar às competições pedagógicas. O prazer pode se aliar à técnica, à disciplina e ao estudo rigoroso sobre determinada atividade;
- O esporte escolar pode desmistificar a ascensão social de alguns atletas e disseminar um discurso democrático de que sua existência deve ser baseada na possibilidade de ensino para todos.

A aplicação destes pontos no interior da escola depende de um ajuste entre o professor, seus alunos, o projeto pedagógico e também da política traçada por aqueles que detêm poder. Nesse sentido as expectativas de uma política de esporte popular e democrática que possa entranhar-se no seio da sociedade são grandes.

As esferas políticas, desde o governo federal, passando pelos estados e municípios e chegando efetivamente ao coração dos estudantes, podem relacionar-se em uma unidade política de avanço, se compararmos com as tradições políticas de nosso país. Por fim, as dimensões do esporte (educacional, de lazer e de rendimento) também podem criar canais de diálogo na sociedade e é bem possível que isso venha a ocorrer, pois partindo da inclusão social e da democratização do acesso ao esporte, cada vez mais ficarão nítidas as diferenças no fazer esportivo e em seus respectivos objetivos.

Se todos concordam com as idéias de que o esporte, na sua dimensão educativa escolar, deva ser regido por princípios próprios e diferenciados do esporte de rendimento, o que dizer do esporte relacionado ao lazer? É possível estabelecer, nas horas de folga dos trabalhadores, práticas esportivas que os conduzam à emancipação?

Se entendermos o lazer esportivo como política social, podemos questionar o efeito de tal política, isto é, os conflitos dos setores populares serão anestesiados, adormecidos e amenizados ou terão oportunidade de manifestar-se nas contradições e reivindicações vigentes? Isso implica questionar se as políticas sociais estimulam os despossuídos e oprimidos a novas conquistas fora o mero direito ao emprego ou se o mero direito ao emprego e o que já existe é o suficiente.

Trata-se de uma questão complexa que envolve um certo sentido educacional, mas também pode ser vista pela ótica da necessária redução da jornada de trabalho.



*O importante é que a área de Educação Física estabeleça o diálogo com o esporte, traçando as linhas de demarcação dos interesses e confluências.*

Nesse sentido podemos separar a Educação Física como componente curricular, mais ligada ao conhecimento da cultura corporal e possibilidades de vivências múltiplas e o esporte escolar mais ligado às vivências esportivas e motoras, diversificadas e/ou específicas.

Também podemos separar a educação esportiva do esporte de base, a primeira mais próxima do esporte escolar e das práticas de educação formal; a segunda, relacionada ao esporte de preparação para o rendimento, realizada preferencialmente em instituições de formação de atletas, clubes, associações específicas de treinamento, etc.

Por fim, temos que tornar verdadeiro o discurso da inclusão. Isto significa pôr em prática as palavras mágicas do esporte educacional e planejar aulas de Educação Física e esporte que possam expressar com fidelidade o caráter educacional. Significa também abandonar de vez a idéia de que a Educação Física cuida do corpo e da mente (cf. Medina, 1989).

A mentira e o ocultamento das atividades pedagógicas não servem à sociedade, principalmente quando o autoritarismo (e não a autoridade) se faz presente para atropelar toda e qualquer organização democrática. Não podemos mais conviver com a falsa concepção de unidade existente na Educação Física: a de que existe um elo entre corpo e mente que não



pode ser dissociado. Da mesma forma temos que rechaçar a famosa dicotomia entre o corpo e a mente, ou seja, não concordar com a divisão e a fragmentação do ser humano. Tais questões implicam necessariamente na abordagem dialética do esporte, avançando-se em direção a uma concepção unitária de esporte, ainda inexistente.

Na mesma direção cabe fundamentar a Educação Física como componente curricular excluindo a possibilidade de mera atividade, ou nas palavras de Castellani Filho, “um fazer por fazer”. Isso porque já no nascimento das possibilidades escolares, muitas vezes, há o reforço da perspectiva do “nada fazer” do “recreio prolongado”. Tal perspectiva contribui para deslegitimar a Educação Física no interior da escolar e, conseqüentemente, o esporte escolar sendo tratado como acessório.

As conseqüências desse arranjo respingam na sociedade que entende que a atividade física é benéfica para a saúde e ponto. Para além da argumentação fácil, precisamos difundir a idéia de que os interesses de poucos estão sendo o centro do debate político sobre o esporte. Quem não se lembra da famosa frase televisiva: “Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa”?

*Cabe, nesse formato, inverter a lógica do exercício físico descontextualizado e tratá-lo como conhecimento prático e teórico. Prático, pelo fato de que a base do conhecimento é prática, aprende-se na e pela prática, no fazer, no se-movimentar, na expressão do corpo, na imitação dos gestos. Teórico pelo fato de que é a teoria quem generaliza a experiência, revela questões que nem sempre estão implicadas na prática e, além disso, contribui para atingir a consciência das necessidades dos homens, elevando-os racionalmente e sistematizando os pensamentos da prática.*



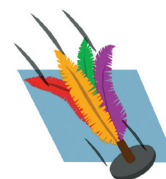
## Agora é com você

Como a Educação Física é vista em sua escola? Mera atividade para preencher tempo e carga horária obrigatória?

Quantas vezes suas aulas podem ter sido suspensas porque os alunos precisavam terminar alguma tarefa ou estudar para provas?

Parte da intenção deste curso é mudar essa mentalidade e parte da tarefa é sua.

Para isso, é preciso bastante empenho em seus estudos. Como eles estão indo? Lembre-se que você ainda está no começo deste módulo e temos muito a dialogar. O espaço reservado na sua agenda para suas leituras está sendo suficiente? É bom pegar o ritmo logo no começo, senão o tempo passa e as tarefas só se acumulam...





### Panathlon Internacional

é uma associação dos Clubes Panathlon, entidades fundamentadas essencialmente em trabalho voluntário de seus sócios e com finalidade ética e cultural que se propõe a aprofundar, divulgar e defender os valores do esporte como instrumento de formação e valorização da pessoa e como veículo de solidariedade entre os homens e os povos.

Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- Compreender que o esporte é um direito da criança e do adolescente e que deve ser promovido para todos, sem seletividade.

Lançado em 1988, em Genebra, e relançado no congresso de **Panathlon** em Avignone (1996) a Carta dos Direitos da Criança no Esporte apresenta onze itens assim distribuídos:

- 1 – Direito de praticar esporte;
- 2 – Direito de se divertir e de jogar;
- 3 – Direito de usufruir de um ambiente sadio;
- 4 – Direito de ser tratado com dignidade;
- 5 – Direito de ser rodeado e treinado por pessoas competentes;
- 6 – Direito de seguir treinamentos apropriados aos ritmos individuais;
- 7 – Direito de competir com jovens que possuem as mesmas possibilidades de sucesso;
- 8 – Direito de participar de competições apropriadas;
- 9 – Direito de praticar o próprio esporte com absoluta confiança;
- 10 – Direito de tempos de repouso;
- 11 – Direito de não ser um campeão.

Respeitar o ser em desenvolvimento no sentido de garantir uma educação esportiva de qualidade que possa oferecer o aprendizado do gesto esportivo combinado com a possibilidade de gosto pelo esporte é um eixo que perpassa toda a carta. Da mesma forma, ampliar experiências motoras e sociais dos grupos, a fim de estabelecer “consciências” dos direitos que possam ser introjetadas e vividas democraticamente.

Tratar de direitos da criança no esporte implica o questionamento da concepção e da prática esportiva a ser conduzida. Variando de lugar para lugar, mas com um eixo comum, os direitos podem se tornar inexpressivos e sem utilidade caso sejam apenas vistos e não vividos, isto é, caso não ocorra uma efetiva manifestação sobre eles.

Ao pensar em direitos da criança e do adolescente para o **Programa Segundo Tempo**, esboçamos um paralelo entre duas fontes internacionais, a Unesco e o Panathlon, extraindo uma concepção própria que pudesse auxiliar nossas características nacionais e regionais, refinar melhor os objetivos dos direitos, ou seja, ajustar tais direitos segundo as nossas necessidades.

PANATHLON	UNESCO
1 – Direito de praticar esporte	1 – Direito fundamental de todos
2 – Direito de diversão e brincadeira	2 – Educação permanente
3 – Benefício de ambiente sadio	3 – Necessidades dos indivíduos
4 – Tratamento com dignidade	4 – Qualificação docente
5 – Treinamento por pessoas qualificadas	5 – Equipamentos e materiais
6 – Treinamento adequado	6 – Investigação e avaliação
7 – Igualdade nas possibilidades	7 – Defesa de valores éticos
8 – Competições adequadas	8 – Informação e Documentação
9 – Repouso	9 – Comunicação Social
10 – Direito de não ser campeão	10 – Instituições Nacionais
	11 – Cooperação Internacional

A partir de uma compreensão unificada e avançada sobre direitos no esporte escolar, percebemos que ambas as instituições enfatizam as competições esportivas em detrimento das aulas de esporte para todos. Além disso, pautam seu discurso abstraindo a escola do universo de possibilidades pedagógicas do esporte.

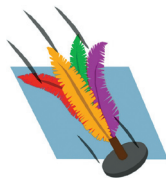
No Brasil, predominantemente o esporte educacional ocorre no interior da escola e não fora dela. Sabemos das dificuldades dos professores de Educação Física na organização de horários de quadra e turmas para a prática esportiva e isso reforça o argumento de que a escola deve ser um espaço privilegiado de atuação e ocupação do esporte escolar. Em ambos os documentos, a tônica parece estar fora da escola, concebendo uma criança idealizada, isto é, uma criança que, em tese, não enfrentaria problemas na família, na escola e na sociedade. No geral, não temos nada contra o esforço de Instituições que proclamam direitos para todos no esporte. O que não podemos deixar de frisar são as generalidades das cartas, palavras que se soltam no vazio e não se relacionam com a realidade miserável da maioria das escolas no Brasil.

Tentando inverter tal lógica, apresentamos a primeira versão da Carta Brasileira do Esporte Escolar – objeto de debate do Seminário Nacional Es-

porte Escolar e Inclusão Social – realizado em dezembro de 2003 na Universidade de Brasília.

Levando em consideração a diversidade e complexidade brasileira, bem como os objetivos do **Programa Segundo Tempo**, a perspectiva amplia determinadas noções de esporte e sugere a participação de todos na reflexão e ação sobre os mecanismos necessários à efetivação dos direitos no esporte escolar.

### **Agora é com você**



Reveja os direitos da criança no esporte. Você concorda com todos eles? Acrescentaria mais algum? O que eles dizem sobre ou para sua prática?

Até o momento você tem conseguido alcançar todos os objetivos propostos no começo das unidades? Se alguma coisa não ficou clara, entre em contato com seu tutor, pesquise, pergunte.

Se estiver tudo certo até aqui, passe para a próxima seção e bom trabalho.

## A Carta Brasileira do Esporte Escolar

Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- Compreender que existe desde a década de 80 um debate acadêmico profissional em forma de cartas, manifestos, confrontos e embates político-ideológicos na área de Educação Física;
- Compreender e ser capaz de explicar as diferenças entre as posturas assumidas por diferentes grupos e concepções nesse debate.



### Carta brasileira do esporte escolar – dezembro de 2003

#### Introdução

O Brasil vive um novo momento político e social. Nos últimos vinte anos grandes impasses como dependência e desigualdade social se agravaram, resultando em um quadro de crises recorrentes. A realidade social brasileira presencia o agravamento da violência e da expansão da criminalidade organizada nos centros urbanos. A reconstrução nacional é o principal desafio para o crescimento econômico e desenvolvimento sustentável com bases em novas iniciativas de caráter distributivo de renda. A questão do crescimento é nodal e por isso o desenvolvimento de políticas sociais ganha destaque. A consecução de um projeto nacional e desenvolvimentista requer amplo debate com a sociedade e, implica a formulação e execução de políticas que efetivamente ofereçam a inclusão social. A atual conjuntura é propícia à expressão democrática das várias instituições públicas e privadas, de educação, saúde, segurança, esporte, entre outras.

As políticas sociais, acolhidas na Constituição Brasileira de 1988 indicaram as principais mudanças, não sendo, entretanto, totalmente assimiladas pela população beneficiária, tampouco reconhecidas na sua plenitude. Assim, afirmar direitos sociais em processo de consolidação não é tarefa fácil para o conjunto da sociedade brasileira, principalmente para os segmentos excluídos e as classes sociais de baixa renda. A educação, a cultura, o esporte e o lazer inserem-se no contexto de políticas sociais e direitos sociais e se expressam em programas, projetos e atividades de impacto. O esporte como valor social deve ganhar importância nesse cenário. Com base na política nacional de esporte, formulada pelo Ministério do Esporte do Brasil, verificando os principais elementos do debate construído nacional e internacionalmente, cabe destacar as formulações mais gerais do esporte de caráter inclusivo e suas raízes com as áreas integradas. Reafirmamos aqui uma disposição coletiva em enfrentar a problemática da escola, seus múltiplos significados e desdobramentos, a área da Educação Física escolar, inserida no respectivo projeto educacional dos professores e a importância do esporte escolar como mais uma possibilidade pedagógica.

Os modelos esportivos predominantes são difundidos com base em práticas de reprodução de valores, normas, técnicas e gestos da sociedade vigente, incorporando códigos e significados que reforçam os princípios da alta competitividade, busca por índices de rendimento atlético, quantificação e seleção de estudantes, sendo muitas vezes utilizado como aparelho ideológico de controle social. Uma política de esporte para o Brasil não deve seguir modelos pré-estabelecidos, mas construir orientações democráticas com os envolvidos.

As características educacionais do esporte, combinadas com a perspectiva de uma educação integral informam que a política a ser desenvolvida nesse campo deve privilegiar ações complementares da Educação Física como componente curricular na escolarização formal, devendo tal componente ser oferecido sem distinção de qualquer tipo (sexo, raça, habilidade, características físicas, desempenho estudantil) e, ser necessariamente complementado pelo esporte, aumentando a jornada escolar e traçando um plano de unidade, tanto do ponto de vista administrativo e financeiro quanto do ponto de vista pedagógico. Isso implica a organização de um currículo escolar ampliado que possa compreender as especificidades regionais e, além disso, traçar metas de desenvolvimento humano condizente com a realidade. Assim, para efeitos de melhoria do que ocorre no interior da escola quanto ao esporte, Educação Física se diferencia do esporte escolar. Enquanto a primeira é um campo de conhecimento, o segundo apresenta-se como campo de vivência.

Torna-se importante que, no interior das escolas, a comunidade tenha acesso a práticas culturais e sociais que a possibilite interagir com e através do esporte. A violência como componente do esporte (vitória a qualquer custo, utilização de doping, lógica do jogo esportivo baseado na dominação e opressão dos mais fortes sobre os mais fracos, uma verdadeira guerra sanguinária), deve ser controlada, vigiada e substituída por mecanismos de diálogo e debate de componentes democráticos, o que inclui fundamentalmente a integração de políticas sociais e públicas na organização escolar

e popular. Os elementos de socialização e convívio escolar devem supor as diferenças corporais e técnicas entre os educandos, bem como questões afetivas devem ser contempladas no planejamento de atividades e na convivência com os sujeitos envolvidos. Ressalta-se que o esporte por si só não inibe a violência, isto é, as políticas sociais não podem ser pensadas de forma isolada, mas sim, integrada. A abertura de escolas nos finais de semana com o desenvolvimento de atividades esportivas e culturais é uma forma de enfrentamento à violência, mas esta ação não pode isoladamente conter a violência. Índices de violência diminuem na medida em que houver possibilidade de aumento de investimentos e disponibilidade de atendimento de direitos como moradia, transporte, emprego e qualificação profissional.

Na mesma direção a influência da Indústria Cultural e dos meios de comunicação de massa na manutenção da hegemonia conservadora indica uma dimensão mercadológica de padronização de imagens corporais e bens de cultura, reduzindo o esporte à manifestação de espetáculos, tornando-o prisioneiro do padrão único do rendimento máximo – rendimento de atletas de elite em detrimento da perspectiva educacional e de lazer.

O esporte educa através da cooperação, solidariedade, noção de conjunto, organização, discussão de regras, socialização e interesses em temas da cultura corporal. As estratégias de um jogo esportivo podem ser decididas coletiva e democraticamente, para tanto é necessário a compreensão do professor como pedagogo, como mediador ora diretivo ora não-diretivo, ou seja, sem cair nos abusos/extremos da diretividade (autoritarismo) ou não-diretividade (espontaneísmo). No esporte, há oportunidades de formação, de educação e difusão de valores sociais, conhecimentos e pensamentos voltados para o senso crítico. Crianças e adolescentes das mais variadas classes sociais gostam do esporte, vivenciam experiências e oportunidades de alegria, prazer, confiança, expectativa, resolução de problemas, amizade e sonho. A educação esportiva apresenta-se como oportunidade nas aulas de Educação Física e na complementação do esporte escolar (contra-turno escolar)

Os treinamentos intensivos e de sobrecarga devem ser abolidos no esporte escolar. Para isso, professores, instrutores e monitores devem atentar para as atividades realizadas, seu planejamento, acompanhamento e avaliação. As crianças e adolescentes devem ter oportunidades otimizadas em brincadeiras, jogos lúdicos e educação esportiva conduzidos através de manifestações corporais de múltiplos significados, bem como vivências práticas que possam estimular a socialização permanente e a inteligência corporal e técnico-tática. Isso se consegue com destinação de investimentos em formação, capacitação e requalificação de recursos humanos, mas há que se considerar as diferenças entre faixas etárias, bem como o necessário tratamento àqueles que se destacarem em atividades esportivas, isto é, o devido encaminhamento de alunos para atividades de iniciação esportiva com vistas ao esporte de rendimento, encaminhamento que deve objetivar o esporte de base nos clubes sociais, federações e instituições de formação de atletas. Nesse sentido a pirâmide esportiva seletiva deve ser totalmente reformulada no esporte escolar.

Por outro lado, os programas, projetos e atividades de esporte educacional devem ser acompanhados por equipamentos e materiais apropriados em número e qualidade compatível com a prática realizada. As instalações escolares, bolas e outros materiais e equipamentos que são fundamentais para as práticas não é uma questão menor, mas daquelas que exigem permanente esforço, pois requer conservação e reposição planejada. Isso implica em condições adequadas de higiene, água, merenda, atividade e repouso, relações com a Saúde como área interdisciplinar e organização de limpeza nos locais destinados à prática esportiva. O incentivo ao crescimento e desenvolvimento pessoal, bem como o respeito e tolerância às diferenças e a inibição da violência verbal e física no esporte, implicam no desdobramento dos direitos já consagrados, a serem conquistados mediante projetos de segurança e paz nas escolas, a pesquisas sobre a violência, à participação efetiva da comunidade na gestão dos equipamentos, a formação continuada de agentes e a pesquisas sobre o campo da Educação Física escolar. Tais princípios são imprescindíveis ao esporte escolar dos brasileiros.

O direito de participar em igualdade de condições nas possibilidades de sucesso ou insucesso no esporte passa internamente pelo direito de participar de competições pedagógicas, torneios e festivais esportivos adequados a faixas equilibradas de idade escolar. Questões que não podem ser desconectadas do planejamento e compromisso do professor de Educação Física, dos programas alternativos e criativos e da integração escolar e comunitária. Os pais e responsáveis devem ser informados sobre o acompanhamento e avaliação das crianças e adolescentes em processo de formação esportiva. Uma cultura esportiva pode ser gerada com novos mecanismos éticos de reivindicação e esclarecimentos quanto ao projeto pedagógico de esporte da unidade escolar, novas formas de reuniões pedagógicas com a efetiva participação dos professores de Educação Física e todos aqueles que se interessam pelas atividades esportivas e de lazer.

As teses democráticas e as constatações mais recentes da produção científica da Educação Física brasileira afirmada e reafirmada na perspectiva humanista e educacional das práticas esportivas foram expressas na sistematização das Cartas Brasileiras de Educação Física. A carta brasileira de Educação Física de Belo Horizonte, em 1984 se posicionou criticamente frente ao compromisso com a ciência emergente. A pesquisa como a investigação científica em Educação Física foi considerada incipiente, pois os estudos biomédicos eram valorizados em detrimento de outros campos de conhecimento da área. A carta sugere que o poder público reconheça a importância da pesquisa e aloque mais recursos para a evolução da Educação Física como ciência da educação. Além disso, entende que a comunidade científica deva ser ouvida e que o pesquisador possa ser respeitado na escolha de temas e investigações, resguardando os limites da ética. A preocupação com a pesquisa em Educação Física visa à melhoria da educação em geral. Desde os anos 1980 importantes estudos têm destacado a necessidade do esporte reformular-se. Em outras palavras, não basta garantir o acesso à educação, mas promover sua contínua qualidade através de diferentes atuações diretas e indiretas que possam efetivamente qualificar o direito prescrito. Por isso não podemos negar a crítica ao



esporte que o entende como instituição que agrega/desagrega valores e conhecimentos. A carta brasileira de Educação Física de Carpina, em 1986 evidenciou uma perspectiva de crítica ao tecnicismo tecendo elementos sobre a seletividade e discriminação de crianças.

Hoje, não se trata de negar o esporte de rendimento nem compreendê-lo como oposto ao esporte educacional, mas construir um caminho de unidade que possa promover e mudar o esporte em nosso país. Delimitar claramente as ênfases do esporte para que o direito ao esporte possa ser ampliado. Este desafio não é só do professor de Educação Física, mas do conjunto da sociedade que deve reivindicar uma pedagogia de qualidade para um esporte de qualidade.

Um conjunto de ações políticas no campo do esporte educacional pressupõe contínua capacitação, formação continuada e qualificação de professores, material adequado e competência pedagógica. Nesse sentido as pautas do(s) Direito(s) são fundamentais para uma clara compreensão do atual momento político da conjuntura mundial e brasileira. Para além dos consagrados direitos sociais (entre eles, o esporte) afirmamos a necessidade da educação brasileira atender na plenitude, a área do esporte escolar. Assim, uma nova concepção de esporte necessita ser gestada na prática pedagógica dos professores, um conteúdo que possa conciliar teoria e prática, objetivos que efetivamente conduzam ao ensino e aprendizagem significativos e uma avaliação que não vise à seleção, classificação e discriminação de estudantes.

- 1 – Considerando o acúmulo teórico e político do amplo debate das Cartas Brasileiras de Educação Física que reuniu as principais reivindicações do conjunto da área acadêmica e profissional;
- 2 – Considerando as ações de promoção do esporte escolar presente nas Secretarias de Educação e Esporte;
- 3 – Considerando a formatação de projetos de inclusão social como o Segundo Tempo e a série de ações integradas que organizam e objetivam uma nova concepção de esporte e desenvolvimento social;
- 4 – Considerando a realidade dos professores de Educação Física no que se refere às dificuldades operacionais e pedagógicas bem como ao projeto pedagógico das unidades escolares;
- 5 – Considerando as contribuições de entidades acadêmicas e estudantis como também de movimentos sociais, todos com o objetivo primeiro de democratizar em variadas esferas o esporte escolar, promovendo a socialização de conhecimentos no interior das escolas;
- 6 – Considerando a compreensão do esporte como fator de inclusão social, implicados aqui os determinantes da exclusão e das contradições geradas pela condição dependente do Brasil perante o imperialismo;
- 7 – Considerando ainda, a necessidade de tratar o esporte como conhecimento, como cultura ao alcance da comunidade escolar;
- 8 – Reafirmando as disposições constitucionais e as contribuições das cartas precedentes, apresentamos, na seqüência, os destaques centrais desta Carta, isto é, pontos que deverão ser amplamente divulgados junto à comunidade escolar.

## Princípios:

- 1 – Toda pessoa humana inserida no processo de educação formal tem o direito de praticar e conhecer o esporte no interior de sua escola. Todos devem ter a possibilidade de acesso garantido, no qual deverão ser inseridos mecanismos de qualidade crescente. Na atual conjuntura o governo tem demonstrado preocupação crescente com a política de esporte. O Ministério do Esporte como um ministério exclusivo é um exemplo claro desta preocupação, mas há outros. Pela primeira vez em nossa história temos a oportunidade de tratar de temas como a cultura corporal do brasileiro no esporte de forma transversal, múltipla e agregando a perspectiva de novos caminhos no setor. Começa a nascer uma concepção de esporte ampliada, democrática e unitária que causa impactos na escola.
- 2 – O esporte escolar é um elemento de educação integral e um complemento da Educação Física como componente curricular, devendo ser oferecido sem distinção de qualquer tipo (sexo, raça, habilidade, características físicas, desempenho estudantil). A necessidade de ampliação da jornada escolar é o primeiro passo para garantir a permanência do alunado na escola. Integrando o esporte no projeto pedagógico estamos promovendo um currículo ampliado que supera o conceito de currículo como um mero conjunto de atividades e disciplinas. Pode também superar a dicotomia/fragmentação existente entre Educação Física parte “curricular” e esporte como atividade “extracurricular”. No horizonte, os saberes curriculares se misturam com o trabalho como atividade humana realizadora. Se o esporte é uma das formas desta realização e libertação ele também é um componente imprescindível de produção cultural, simbólica e artística, efetivamente humano.
- 3 – Os elementos de socialização e convívio escolar devem ser incentivados e quando possível incrementado os laços de solidariedade e amizade. As diferenças corporais e técnicas dos alunos não deve ser motivo de exclusão ou segregação, mas respeito, tolerância, compreensão e conhecimento. Dentro ou fora do jogo esportivo, a expressão da afetividade se mistura com o prazer, a disputa, a ética, a estética, a confiança, o medo, a intenção e o conhecer corporal. Ninguém poderá ser humilhado, ofendido ou xingado por não executar/realizar gesto técnico ou exercício esportivo considerado não apropriado, ou mesmo falhar em alguma ação de jogo e/ou desempenho.
- 4 – Nenhum treinamento intensivo e de sobrecarga deve ser praticado no esporte escolar. As crianças e adolescentes deverão ter oportunidades otimizadas em brincadeiras, jogos lúdicos e educação esportiva conduzidos através de manifestações corporais de múltiplos significados, bem como vivências práticas que possam estimular a socialização permanente e a inteligência corporal e técnico-tática. As adequações e oportunidades em condições de igualdade são garantidas quando ocorre diferenciação de faixas etárias, diferenciação de atividades, de contexto e cultura onde se inserem. Podemos indicar como regra geral, um agrupamento por faixas etárias de dois anos de diferença,

não necessariamente rígido, mas flexível quanto às possibilidades concretas, iniciando-se aos seis ou sete anos de idade – início formal do ensino fundamental. Do ponto de vista educacional o esporte escolar não visa à formação do atleta, nem deve ser encarado como base para o rendimento. A iniciação esportiva e o treinamento também devem supor uma política integrada e critérios justos de avaliação sem segregação. Nesse sentido o encaminhamento de alunos destacados nas atividades desenvolvidas para clubes, federações e instituições de promoção da formação no e do esporte de base deve ser garantido como direito do cidadão.

- 5 – Os programas, projetos e atividades de esporte escolar deverão ser acompanhados por equipamentos e materiais apropriados em número e qualidade compatível com a prática realizada. Todas as instalações escolares devem receber vistoria de autoridades competentes. Banheiros, vestiários, salas de aula e demais equipamentos são condições indispensáveis para o desenvolvimento do esporte escolar. O material pedagógico por sua vez deve ser periodicamente repostado conforme houver solicitação de unidades escolares. Os materiais mais permanentes devem ser cuidadosamente guardados para evitar furtos e perdas desnecessários.
- 6 – Formação, capacitação e qualificação docente são direitos indispensáveis para o desenvolvimento do esporte escolar. Professores e estudantes de Educação Física devem ser estimulados ao estudo e à pesquisa sobre o esporte. A promoção de cursos de capacitação, extensão, especialização e qualificação profissional deve sempre ser incentivada. Muitos professores, depois de um certo tempo na carreira, desanimam-se com as condições de trabalho e acabam não estudando e pesquisando. Bolsas e incentivos na carreira docente são questões fundamentais para a garantia de qualidade no esporte escolar. Uma intervenção pedagógica de qualidade é fundamental para a garantia da mudança no conteúdo, metodologia e avaliação dos professores. Nesse sentido é necessário ir além dos antagonismos presentes nas concepções de Educação Física.
- 7 – A todos devem ser garantidas condições adequadas de higiene, água, merenda, atividade e repouso. As relações estabelecidas com a área de saúde não são relações de subordinação isto é, o esporte escolar não depende das orientações da área de saúde, tampouco é restrito à atividade física e corporal dos indivíduos. Como área multidisciplinar, a saúde colabora com o esporte. Crianças, adolescentes, professores, estagiários, funcionários e a própria instituição escolar organizam-se na busca de um ambiente limpo, saudável e produtivo.
- 8 – A todos devem ser garantidos, incentivos ao crescimento e desenvolvimento pessoal, bem como o respeito e tolerância às diferenças, inibindo assim, a violência verbal e física no esporte. A segurança e a paz são elementos importantes para o esporte escolar. Se a mídia impressa e televisiva pode abordar a temática, a escola agrega o potencial do debate e da organização coletiva, produz e reproduz no e através do esporte conhecimento em variadas esferas.



**Como a Carta Brasileira do Esporte Escolar trata as diferenças entre a Educação Física e o esporte? Em sua opinião, quais as inovações desta carta?**

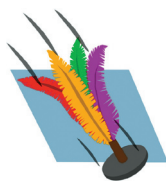
- 9 – A todos devem ser garantidos igualdades nas possibilidades de sucesso bem como o direito de participar de competições pedagógicas, torneios e festivais esportivos adequados à faixas equilibradas de idade escolar. Nesse campo estão incluídos a questão do planejamento e compromisso dos professores e estagiários de Educação Física, sua criatividade nos programas, planos, metodologias, acompanhamento e avaliação.
- 10 – Os pais e responsáveis devem ser informados sobre o acompanhamento e avaliação das crianças e adolescentes em processo de formação esportiva. A todos devem ser garantidos mecanismos éticos de reivindicação e esclarecimentos quanto ao projeto pedagógico de esporte da unidade escolar. As reuniões pedagógicas devem ocorrer com a efetiva participação dos professores e estagiários de Educação Física. Sempre quando possível deve-se incentivar trocas de informações, avaliação processual e outras formas de debate com os pais e os próprios alunos. A comunidade escolar tem o direito de construir o esporte como forma de integração e emancipação.

---

Por outro lado, a vivência dos direitos para as crianças devem constituir, na prática, as possibilidades de atingir a sensibilidade, o gosto pela vida, isto é, o direito de ser feliz.

Segundo Ruth Rocha (2002)

“Criança tem que ter nome, criança tem que ter lar, ter saúde e não ter fome, ter segurança e estudar. Não é questão de querer, nem questão de concordar, os direitos das crianças todos têm de respeitar (...) Tem direito à atenção, direito de não ter medos, direito a livros e a pão, direito de ter brinquedos (...) Carrinho, jogos, bonecas, montar um jogo de armar, amarelinha, petecas e uma corda de pular (...) Uma caminha macia, uma canção de ninar, uma história bem bonita, então, dormir e sonhar. Embora eu não seja rei, decreto neste país, que toda criança tem o direito de ser feliz.”



### **Agora é com você**

Você deve ter lido a Carta Brasileira do Esporte Escolar de forma bastante aprofundada e reflexiva. Suas dúvidas e opiniões devem ter sido sistematizadas ao lado do texto ou no espaço do módulo reservado para isso. Se você não leu a Carta dessa maneira, retorne a ela, pois nas próximas seções desta unidade você vai estar lendo outras Cartas de Educação Física, e deve comparar o conteúdo e as intenções explícitas e implícitas que elas trazem.

Preparado para essa tarefa? Vamos lá? Se precisar, peça ajuda a seu tutor.

### **1.6.1 As Cartas Brasileiras de Educação Física**

Na seqüência apresentamos uma síntese das Cartas Brasileiras de Educação Física com a intenção de problematizar o debate sobre o esporte escolar como uma política a ser documentada e os diferentes papéis por ele estabelecidos.

As cartas devem ser consideradas no tempo em que foram escritas e, assim, guardadas as características conjunturais e políticas dos diferentes momentos.

Seguindo a compreensão da problemática dos direitos, citada anteriormente, as cartas brasileiras orientam-se pelo modelo de análise global do processo, conhecimento e realidade da Educação Física no país.

É necessário, portanto, para os propósitos do esporte escolar, descartar as formulações mais genéricas sobre Educação Física e atentar para as especificidades que façam relação com o trabalho docente e as práticas esportivas de crianças e adolescentes.

Após uma apresentação resumida de cada carta, segue um comentário crítico que pode e deve ser também interpretado por você de acordo com sua experiência profissional e conhecimento acadêmico.

---

## **Carta de Belo Horizonte – julho de 1984 - Carta 01**

### **1 – O Direito à Educação Física**

O direito à Educação Física não tem sido possibilitado a todos e, portanto, sugere-se uma ação política para desenvolver a consciência crítica da população quanto aos seus direitos.

### **2 – Educação Física, educação e cultura**

A Educação Física tem se caracterizado pelo autoritarismo e conservadorismo que a afasta das raízes culturais nacionais e a torna isolada de outras áreas.

### **3 – Educação Física e a Ética Profissional**

Como existem conflitos entre as relações da sociedade/Estado/profissionais e não há um código de ética profissional para equilibrar tais conflitos, sugere-se que se criem debates para o desenvolvimento de um código de ética.

### **4 – A Educação Física e suas relações com o Estado**

As ideologias que atingiram a Educação Física foram marcadas pelos interesses dos grupos dominantes, contra as aspirações da sociedade e, muitas vezes, dissimuladora das desigualdades sociais através da violência simbólica. É necessário, pois, comprometer-se com o processo de transformação social, investindo recursos públicos na escola pública e parques para a população em geral.

### **5 – Educação Física e ensino**

O ensino de Educação Física não atende às reais necessidades da ação docente, havendo um descompasso entre o ensino e as áreas científicas, produtoras de conhecimento. Desta forma, os professores de Educação Física devem realizar uma análise crítica de sua prática, repensando a didática e o lazer na perspectiva de transformação social.

### **6 – O professor de Educação Física e o exercício da profissão**

A atuação de leigos na Educação Física tem sido crescente, sendo necessária uma formação universitária em nível de licenciatura plena. As atividades comunitárias não-formais de caráter voluntário serão consideradas como intromissão ilegal em atividades profissionais privativas do professor de Educação Física.

### **7 – Formação do professor de Educação Física**

Considerando a proliferação indiscriminada de cursos de Educação Física e uma mercantilização do seu ensino, bem como a necessidade de permanente atualização e aperfeiçoamento após a formação inicial, é imperativo que haja uma preocupação com a qualidade do ensino, que as associações de classe assumam sua responsabilidade no acompanhamento dessa formação e, que se objetive uma formação generalista, uma consciência ética e democrática.

### **8 – Mobilização e associativismo em Educação Física**

Foi bastante longo o período em que grandes contingentes de profissionais estiveram alheios aos problemas da classe. Como muitos não estão organizados para a reivindicação dos seus direitos, sugere-se uma ampla mobilização em torno das associações de professores de Educação Física (APEFs), sindicatos, representações estudantis e outras formas de associativismo.

### **9 – Pós-Graduação em Educação Física**

Para melhoria qualitativa dos recursos humanos em Educação Física, é necessário que a Pós-Graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) seja estimulada através de legislação, infra-estrutura, recursos humanos, bolsas e avaliação.

### **10 – Pesquisa em Educação Física**

Como a investigação científica em Educação Física é incipiente e há uma tendência à concentração da pesquisa nos estudos biomédicos em detrimento de outros campos de conhecimento da área, sugere-se que os poderes públicos reconheçam a importância da pesquisa e aloquem mais recursos para a evolução da Educação Física como ciência da educação. Além disso entende-se que a comunidade científica deva ser ouvida e que o pesquisador possa ser respeitado na escolha de temas e investigações, resguardando os limites da ética.

### **11 – Informação e Documentação em Educação Física**

A Educação Física Brasileira tem, como um dos fatores de desaceleração, o atraso no setor de informação e documentação. A diversidade do País exige uma melhoria substancial neste sistema, portanto, os poderes públicos e as entidades privadas precisam apoiar e investir.

### **12 – Educação Física e a iniciativa privada**

A empresa privada tem tido participação crescente em segmentos da Educação Física por meio de produtos, serviço e exploração publicitária, portanto, é necessária a criação e dinamização de auto-regulação publicitária com inclusão ou acompanhamento de organismos de classe da Educação Física e sindicatos para equilibrar os interesses das empresas privadas.

### **13 – Cooperação e intercâmbio internacionais da Educação Física**

Considerando que o avanço da tecnologia já não permite o isolamento de qualquer nação e que todos os documentos da Unesco e organismos internacionais da Educação Física preconizam a cooperação e o intercâmbio interna-

cionais, sugere-se que seja mantido o entrosamento, evitando-se o aprofundamento do desnível entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

---

## **Carta de Carpina – 12 a 14 de março de 1986 - Carta 2**

A sociedade precisa conhecer a Educação Física e saber que há profissionais nessa área empenhados no sério compromisso de torná-la uma ação pedagógica conseqüente, que busque alternativas educacionais dignas no deplorável quadro da educação brasileira. Tais profissionais representam uma tendência emergente na Educação Física no Brasil que, ao entendê-la e explicá-la, sob a ótica de uma concepção dialética do movimento, buscam a superação do corpo teórico existente, transformando-o estruturalmente. Esta tendência contrapõe-se àquela outra representada por profissionais que, mesmo desejando mudanças, somente as perseguem superficialmente. Esta contraposição acirra-se ainda mais no confronto com uma terceira tendência hegemônica, cujos profissionais que a representam colocam-se a serviço da reprodução e subseqüente perpetuação dos valores pertinentes à concepção de Educação Física dominante.

A identificação da miséria é imprescindível, pois, se a miséria humana se estende a todos os homens, indistintamente, priorizamos nosso compromisso com aqueles que, ao desabrigo de uma organização social dividida em classe de dominantes e dominados, pertencem a esta segunda. São estes os integrantes da sociedade que, sofrendo os efeitos da exploração econômica, não têm direito a, dignamente, comer, trabalhar, morar, jogar, estudar, decidir.

Numa perspectiva tecnicista, a busca do campeão desencadeia um processo seletivo e discriminatório sobre as crianças, e os que a ele sobrevivem são chamados de “talentos”. Talentosos para quê? Seguramente para suportar os castigos que a injustiça social impõe e ainda pendurar no pescoço a medalha que os pais, o professor, o técnico, o dirigente, o governador e o presidente tanto anseiam. Não basta recusar esta Educação Física. É necessário compreender as causas dessa miséria pedagógica que, no ambiente escolar, marginaliza os cidadãos deste país. Nesta nefasta ação pedagógica, igualam-se à Educação Física, a Matemática, a Geografia, a História e outros. Os professores de Educação Física através da história ainda não conseguiram encontrar, em sua ação teórico-prática, dimensão social que justifique a existência da Educação Física, ou seja, esta não tem dado conta de dimensionar sua prática no sentido de explicitar e entender as contradições e conflitos inerentes à educação.

Considerados estes aspectos, evidencia-se nosso compromisso com o movimento libertador, em oposição ao movimento opressor. Não bastasse o absurdo de se prenderem em salas e cadeiras os alunos da pré-escola à universidade, ainda se os dirigem nas aulas de Educação Física para os movimentos que apenas reproduzem a ideologia dominante. Desta forma a Educação Física, por cumprir o papel de reproduzir os valores culturais na sociedade, não tem considerado as especificidades culturais próprias daqueles que são oriundos da classe trabalhadora. Este comportamento

social tem sido responsável pela discriminação e exclusão de um enorme contingente de crianças, impedindo-as de prosseguir seus estudos dentro do sistema escolar.

Um jogo pode ser proposto pelo professor às crianças feito um “pacote”: regras, técnicas, táticas, organização, materiais prontos. Ao indivíduo caberia jogar exercitando-se segundo o comando do professor, em habilidades mais e mais desenvolvidas, até atingir uma *performance* julgada satisfatória, também pelo professor. Neste caso alimenta-se a subserviência, mas não a inteligência; alimenta-se a obediência às regras, mas não a compreensão de normas de respeito individual e social; alimenta-se uma certa habilidade motora, mas não a criatividade. Se, por outro lado, a proposta fosse de jogar de acordo com uma orientação geral, trabalhando com as crianças a elaboração das regras, das técnicas, teríamos resultados completamente diferentes. Neste caso o indivíduo estaria se alimentando de elementos imprescindíveis à sua cidadania, em que as diferenças sociais, os preconceitos e as inabilidades não seriam camuflados. É isso que queremos: que as contradições surjam, pois promovê-las, denunciá-las e superá-las é o papel da educação.

Nesta linha de pensamento, o resgate do compromisso social na ação pedagógica da Educação Física, no sentido da superação do como é para como deveria ser conquistado, e algumas fases, que consideramos importantes, devem ser observadas:

#### **A – Do domínio do conhecimento e do proceder científico**

Torna-se premente a necessidade de as pesquisas serem socializadas e seus resultados colocados a serviço de toda a população. Toda a produção de conhecimento envolve gastos públicos e deve ter retorno social.

#### **B – Da competência pedagógica**

Temos consciência de que a pedagogia não é, por si só, a alavanca da transformação da sociedade e muito menos um fator de redução das desigualdades. No entanto, entendemos que a transformação da sociedade não ocorrerá sem uma pedagogia libertadora.

#### **C – Da competência ética**

Atendo-se ao campo específico da Educação Física, a competência ética não deve ser vista como um conjunto estanque de valores imutáveis, mas sim como a capacidade de o professor questionar os valores existentes, criticando, negando e denunciando as injustiças, a corrupção e todas as demais formas de violência humana.

#### **D – Das responsabilidades governamentais**

O MEC deve atuar no sentido de destacar a responsabilidade dos níveis de administração pública e privada, concentrando esforços federais na busca de mecanismos disseminadores das posições políticas aqui mencionadas.

---



---

## Carta de Sergipe – 15 de dezembro de 1994 - Carta 3

### Problemática da Educação Física e Esportes no Nordeste do Brasil

- 1 – Não existem, na Região Nordeste do Brasil, evidências de uma política integral para fomento e desenvolvimento das atividades físicas e esportivas nos seus diferentes âmbitos.
- 2 – O desenvolvimento científico e tecnológico da Educação Física e esportes na região está limitado devido à existência de estruturas de poder burocratizadas, hierarquizadas, anacrônicas e atrasadas em termos de gerenciamento científico-democrático.
- 3 – A região não conta com recursos humanos formados e capacitados do ponto de vista científico, técnico, pedagógico, ético, moral e político.
- 4 – A região não conta com equipamentos e instalações, principalmente no interior dos Estados. Os equipamentos e as instalações muitas vezes tornam-se barreiras arquitetônicas, pois são projetados na perspectiva exclusiva do desporto competitivo de alto rendimento.
- 5 – A região não conta com condições favoráveis para a produção crítica e difusão do conhecimento científico da área, o que pode ser evidenciado pelos recursos financeiros irrisórios.
- 6 – A gestão democrática de políticas públicas para o setor inexistente na região, prevalecendo às decisões políticas que beneficiam setores abastados da sociedade. O esporte espetáculo é privilegiado e uma maioria de consumidores é espectador alienado que não compreende a cultura do seu tempo.
- 7 – As disparidades regionais são acentuadas em termos de recursos financeiros empregados no desenvolvimento da área. A maior parte dos recursos disponíveis é disputada e empregada no Sudeste e Sul do Brasil.
- 8 – A precária legislação da Educação Física escolar não é cumprida, o que pode ser constatado pela miséria das aulas, pelos pressupostos sustentados na prática pedagógica, pelo perfil do profissional, pela falta de continuidade de planos e programas, pela carência de pesquisa científica em torno da prática pedagógica, pela falta de espaço, materiais e fontes bibliográficas.
- 9 – O Nordeste do Brasil apesar de ser uma região potencialmente voltada para o turismo, lazer e recreação, nas perspectivas de atividades econômicas e culturais, não apresenta política, planos ou programas específicos para a área.
- 10 – Quanto ao desporto competitivo de alto rendimento, não existem políticas regionais de desenvolvimento. Confundem-se atribuições dos setores públicos e privado e atribui-se à escola o papel de “celeiro de atletas”.
- 11 – A violência nas atividades físicas e esportivas, em suas diferentes formas de manifestação nas práticas corporais e esportivas, também constitui uma problemática da Educação Física e esportes no Nordeste do Brasil. Tal violência se manifesta desde a segregação de oportunidades de acesso até a violência física, culminando com mortes em

estádios, o que exige intervenções nas políticas educacionais e sociais para a solução desses problemas.

Nesse sentido reconhecemos como alternativa e reivindicamos que:

- 1 – As ações políticas sejam sustentadas por premissas ou referências que se situem na perspectiva de colocar a economia e a cultura na trilha do crescimento econômico e social integrado.
- 2 – O sistema de Educação Física e esportes esteja organicamente articulado com o sistema produtivo – com o mundo do trabalho –, na perspectiva de produtividade e da qualidade, significando geração de emprego, condições dignas de trabalho, salários condizentes e amplas possibilidades de acesso às práticas corporais e esportivas a toda população nordestina.
- 3 – Sejam coordenados esforços de integração e empenho de toda a coletividade, principalmente de conselhos populares e demais organismos da sociedade civil organizada. Significa, ainda, o desenvolvimento de iniciativas em busca de interdisciplinaridade na formação acadêmica, na produção do conhecimento e nos projetos de extensão universitária.
- 4 – Haja ampliação dos percentuais orçamentários – recursos públicos – a serem gerenciados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Física e Esportes, para investimento no setor, e empregados sob rigoroso controle público e gestados democraticamente, privilegiando-se a Educação Física escolar, o esporte comunitário para todos, a produção do conhecimento, a formação de recursos humanos, as instalações, equipamentos e programas de amplo alcance e que beneficiem os setores desfavorecidos da população.
- 5 – As instituições de ensino superior assumam a responsabilidade de desenvolver projetos, programas e planos voltados para a otimização do setor, com relevância social e que não agridam o meio ambiente.
- 6 – As escolas sejam reconhecidas como espaço central de atividades educativas, a serem dotadas de estrutura material, pedagógica, organizacional e financeira, para oferecer ações integradas na área da cultura corporal e esportiva.
- 7 – Haja criação, ampliação e modernização, por vias informais e computacionais, de centros de documentação e informação – bibliotecas, museus e similares.
- 8 – Haja indicação e difusão de princípios avaliados, para o funcionamento das agências financiadoras do setor, com possíveis reorientações nas políticas de captação e distribuição de recursos, em função de necessidades sociais democraticamente identificadas.
- 9 – Haja incentivos à pesquisa – produção, crítica e difusão do conhecimento científico – na área de Educação Física e esportes, voltados para garantir a qualidade de vida, contribuindo para um desenvolvimento auto-sustentado e ecologicamente equilibrado.
- 10 – Sejam considerados domínios estratégicos à Educação Física escolar o esporte comunitário e o aproveitamento do potencial associado às atividades corporais de tempo livre, tempo de lazer e turismo.

- 11 – Sejam desenvolvidas políticas específicas para a melhoria das condições de trabalho dos profissionais da área e, principalmente, de remuneração. Planos de carreira, capacitação permanente, salários condizentes e condições de trabalho dignas para professores e alunos estão diretamente associados à melhoria de qualidade na produção acadêmica e à recuperação da dignidade do trabalho docente e da gestão administrativa autônoma da área.
- 12 – Sejam criados acordos de cooperação regional, nacional e internacional, associando-se capacitação interna com a incorporação de tecnologia externa, preservando-se autonomia e especificidades regionais.
- 13 – Haja transparência e efetividade no desenvolvimento de projetos e programas das agências de fomento e desenvolvimento da área.
- 14 – Haja rompimento com as ambigüidades entre quem coordena (ministérios e suas agências) e quem executa (órgãos, instituições, etc.), mediante mecanismos desburocratizados, mais democráticos e participativos.
- 15 – Sejam incentivadas a crescente autonomia organizativa didático-pedagógica, as inovações e a integração comunitária, estabelecendo-se rupturas com as ações cartoriais e clientelistas, exercidas por cartolas, grandes empresários do esporte e confederações com grande poder de barganha.
- 16 – Haja garantia da consecução das conquistas constitucionais na área de Educação Física e esportes, também no Nordeste do Brasil, expressas na Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988 – Capítulo III, Seção I, II e III.
- 17 – Sejam asseguradas mudanças na natureza qualitativa do Sistema Brasileiro Desportivo, rompendo o monopólio das grandes confederações esportivas detentoras de poder e que exercem de maneira totalitária e clientelista.
- 18 – Haja atendimento e materialização de reivindicações expressas em declarações, cartas, resoluções e manifestos elaborados por entidades e organismos da sociedade civil organizada nacional e internacionalmente, defensoras de Educação Física e esportes para todos, expressão de qualidade de vida.
- 19 – Seja consolidado um sistema de estatísticas e indicadores básicos em Educação Física e esporte – rede de banco de dados – que atenda com confiabilidade e regularidade às demandas do Estado, da comunidade científica e demais segmentos da sociedade.
- 20 – Seja garantida uma Educação Física de qualidade no Nordeste do Brasil; sejam incrementados os atuais níveis de aprendizagem da disciplina Educação Física; seja assegurada a melhoria do fluxo escolar, eliminando-se mecanismos pedagógicos excludentes.
- 21 – Seja promovida e incentivada a revisão crítica dos currículos de formação de profissionais para a área de Educação Física e esportes, de forma a assegurar, nas instituições, um novo padrão de qualidade para: o reconhecimento do trabalho pedagógico como essencial na intervenção social do profissional de Educação Física, abarcar uma

sólida formação teórica, gestão democrática, unidade metodológica e interdisciplinaridade no trato com o conhecimento.

- 22 – Sejam incentivados um reordenamento e redescobrimto de espaços urbanos e rurais, na perspectiva de espaços ecológicos, nos quais as oportunidades de práticas corporais e esportivas sejam disseminadas.

---

## **Carta do Confef – agosto de 2000 - Carta 4**

Do profissional Brasileiro de Educação Física

- 1 – A categoria de profissionais de Educação Física no Brasil deve ser identificada como a força de trabalho qualificada e registrada no Sistema Confef/Cref, responsável pelo exercício profissional na área de Educação Física.
- 2 – Os profissionais de Educação Física devem possuir uma formação acadêmica sólida, estarem organizados nos conselhos regionais de Educação Física e, permanentemente, envolver-se em programas de aprimoramento técnico-científico e cultural.

Do objeto da Educação Física no Brasil

- 3 – A Educação Física no Brasil terá que ser conduzida pelos profissionais da área como um caminho de desenvolvimento de estilos de vida ativos nos brasileiros, para que possa contribuir para a qualidade de vida da população.

Referências para uma Educação Física de qualidade no país

- 4 – Para uma Educação Física no Brasil que possa ser adjetivada pela qualidade, e que possa contribuir para a melhoria da nossa sociedade, existem algumas referências, pelas quais deve:
  - a) Ser entendida como direito fundamental e não como obrigação dos brasileiros;
  - b) Prover os seus beneficiários com o desenvolvimento de habilidades motoras, atitudes, valores e conhecimentos;
  - c) Propiciar vivências e experiências de solidariedade, cooperação e superação;
  - d) Valorizar práticas esportivas, danças e jogos que representem a tradição e a pluralidade do patrimônio cultural do País e das suas regiões;
  - e) Ajudar os beneficiários a desenvolver respeito pela sua corporeidade e as das outras pessoas, pela percepção e entendimento do papel das atividades físicas na promoção da saúde;
  - f) Interatuar com outras áreas de atuação e conhecimento humano, desenvolvendo, nos seus beneficiários, atitudes interdisciplinares;
  - g) Ser objeto de uma ação cada vez mais intensa da comunidade acadêmica quanto à pesquisa, intercâmbio e difusão de informações e programas de cooperação técnico-científica;
  - h) Ser conteúdo de livros, períodos específicos e banco de dados eletrônicos especializados.

Da preparação de profissionais para uma Educação Física de qualidade

5 – A preparação de profissionais para uma Educação Física de qualidade no Brasil deverá ser:

- a) Rediscutida, para que os currículos acadêmicos de preparação se harmonizem com as últimas renovações conceituais ocorridas na Educação Física;
- b) Comparada, por indicadores efetivos, à preparação de profissionais de países vizinhos;
- c) Ampliada, com a preparação complementada resultante de cursos, eventos, estágios, clínicas, etc.

Da indispensabilidade de uma Educação Física de qualidade nas escolas

6 – Para que o Brasil tenha uma Educação Física de qualidade nas escolas, é indispensável que:

- a) Seja obrigatória no ensino básico (infantil, fundamental e médio), independentemente de termos e circunstâncias dos alunos, fazendo parte de um currículo longitudinal ao longo da passagem dos alunos pelas escolas;
- b) Integre-se com as outras disciplinas na composição do currículo escolar;
- c) Seja dotada de instalações e meios materiais adequados;
- d) Tenha práticas esportivas e jogos em seu conteúdo, sob forma de esporte educacional, que, ao não reproduzir o esporte de alto rendimento no ambiente escolar, deva apresentar-se com regras específicas que permitam atender a princípios socioeducativos;
- e) Constitua-se no meio efetivo para conquista de um estilo de vida ativo dos seres humanos.

Da busca de uma Educação Física de qualidade nos seus diversos espaços

7 – A Educação Física, ao ser utilizada em espaços distintos de toda ordem, como academias, clubes, condomínios, praias, áreas públicas e outras, para que se torne de qualidade, é necessário que:

- a) Constitua-se numa expressão de democracia atendendo às opções das pessoas e oferecendo condições de igualdades em suas práticas;
- b) Fique evidenciada a competência dos profissionais responsáveis nos programas desenvolvidos;
- c) Tenha-se em todas as ações as referências éticas, sem concessões sob qualquer pretexto e circunstâncias.

As responsabilidades dos governos para o fomento de Educação Física de qualidade

8 – O governo federal, os governos estaduais e municipais precisam, o mais urgente possível, compreender o valor de uma Educação Física de qualidade para a população brasileira, o que deverá ser expresso por estratégias de intervenções como:

- a) A inserção de uma política de valorização da Educação Física para os cidadãos brasileiros através de programas e campanhas efetivas de promoção das atividades físicas em todas as idades, de acordo com suas especificidades;

- b) Adaptações necessárias nas legislações vigentes, principalmente na área de educação, para que a infância e juventude brasileira sejam beneficiadas com uma Educação Física desejável;
- c) Valorização da atuação dos profissionais de Educação Física, abrindo concursos e oportunidades de trabalho para atuações em todos os espaços públicos, além da promoção de programas de capacitação, que possam contribuir para uma melhoria da qualidade de vida nas populações sob suas responsabilidades;
- d) Compreensão da Educação Física como meio de promoção da saúde e, em decorrência, propiciar ações favoráveis nos campos legal, fiscal e administrativo.

Das responsabilidades do Confef/Crefs

9 – O Confef e os Crefs, pelas suas atribuições em lei e comprometimento diante da Educação Física no Brasil, atuarão fundamentalmente no compromisso de uma *Educação Física de qualidade*, sendo que, para isto, deverão intervir por uma melhoria e valorização de seus profissionais, inclusive quanto ao cumprimento do código de ética estabelecido, complementando a sua intervenção com ações vigorosas e consistentes, como a elaboração e difusão desta *Carta Brasileira de Educação Física*, para que a Educação Física possa, de fato, alcançar a *qualidade* objetivada e assim contribuir para uma sociedade cada vez melhor.

## 1.6.2 Comentários e reflexões sobre as Cartas Brasileiras de Educação Física

1984  
governo João Figueiredo

1986  
governo José Sarney

1994–2000  
governo Fernando  
Henrique Cardoso

São nítidas as diferenças e semelhanças apresentadas nas cartas. A **seqüência cronológica** destas produções (1984 – 1986 – 1994 – 2000) indica, nos contextos das conjunturas específicas, as mudanças internas da Educação Física brasileira.

Após a ditadura militar, todos foram unânimes em promover o direito à Educação Física e esporte de qualidade. Até mesmo no período ditatorial, tal direito era declarado com letras maiúsculas.

Diversas intenções podem ser extraídas destes documentos:

- necessidade de dar visibilidade a uma área com baixo grau de densidade científica;
- necessidade de combater politicamente grupos antagônicos;

- tentativas de superar a prática tecnicista na formação dos professores, pois tal formato atrapalhava as intenções de abertura do mercado na área;
- promoção e valorização de tecnologias em desenvolvimento;
- informações e documentações que, em grande parte do período citado, eram extremamente restritas a grupos fechados.

*Há, no entanto, um fio condutor que atravessa o período das cartas e manifesta-se com bastante visibilidade nos dias atuais: a questão do corporativismo.*



Ainda que na prática a luta travada seja pelo *corpo* de professores, o movimento geral das cartas se aproxima muito mais das reivindicações, obrigações, palavras de ordem e defesas apaixonadas (muitas vezes legítimas) do que de uma ofensiva estratégia organizada com um amplo conjunto de trabalhadores. A limitação apresenta-se quando apenas os aspectos econômicos são priorizados, quando apenas os aspectos reivindicatórios do jogo político são apresentados como elementos de contradição.

E como se processa o engajamento e a criticidade do professor? Poder-se-ia contra-argumentar e elaborar a tese da estrutura política vigente que oprimia o conjunto das classes populares e, entre elas a da Educação Física. Superar as concepções mecanicistas e corporativistas é um desafio para todos aqueles que desejam mudar a Educação Física e o esporte por dentro, pela via efetivamente pedagógica-política.

Mas a força educacional das atividades docentes na escola pode começar a fazer sentido, desde os pequenos jogos ao esporte de competição. Isso, é claro, vai depender do planejamento das atividades e atitudes, dos conteúdos, métodos e avaliação dos professores, o que implica em bons salários e, então, estamos de volta à questão do corporativismo. Por outro lado, a unidade se constrói na luta, na diversidade de opiniões e na experimentação de novas possibilidades.

As cartas registraram e captaram a maior parte dos anseios da área de Educação Física, mas mesmo assim é necessário reafirmar que esse movimento culminou, ao mesmo tempo, com uma ruptura na eleição de 2002, e uma continuidade crescente, pois todos os elementos concretos das cartas, suas manifestações, pleitos e explicações *continuam vivos*.

Opinar e filosofar sobre o conteúdo das cartas deve ser combinado com um aprofundamento conceitual dos temas e abertura de polêmica justa quanto à programática a ser instalada em cada unidade escolar, em cada núcleo de esporte, para que se concretize o discurso e se efetive a mudança.

Com esse espírito, podemos rumar para a ampliação do horizonte teórico-político e, na prática, desenhar novas possibilidades de intervenção criativa. De qualquer forma, concordando ou discordando do conteúdo e das mensagens das cartas, registra-se o empenho daqueles que as escreveram e/ou contribuíram na intenção de melhorar a área de Educação



**Usamos a palavra qualidade sem pensar muito em seu significado. Para você, o que é qualidade? Como ela se expressa na educação e no ensino do esporte?**

Física. Quem realmente se comprometeu com a construção de mudanças merece ser parabenizado.



*Um outro ponto importante a ser sublinhado no conjunto das cartas refere-se ao conceito de qualidade – se de um lado trata-se de uma justa reivindicação dos trabalhadores, de outro apresenta-se como serviço prestado, como mercadoria a ser trocada; em última análise, remete à coisificação do sujeito.*

Importa registrar que a verdadeira qualidade deve ser social e socializada com todos. A discussão conceitual sobre qualidade pode ser resumidamente apresentada sob dois prismas: de um lado, a empresa capitalista que almeja lucros através de política econômica favorável aos empresários e amplamente desfavorável aos trabalhadores. Tal organização econômica da atividade produtiva e de serviços em conjunto com a organização do trabalho requer qualidade. É a eficiência da eficácia, a rapidez da perfeição, a competitividade do competitivo, a ganância do ganancioso.

De outro lado está a qualidade social dos trabalhadores, radicalmente diferente da anterior. Produz-se qualidade a partir da construção coletiva e popular, da arte e da estética, da educação voltada para o humano, ou seja, não meramente voltada para o mercado. O conceito de qualidade tem sido vulgarmente utilizado para definir produtividade, eficiência, agilidade de relações de trabalho e ética. Vê-se portanto, que a qualidade depende de quem olha, da concepção que se adota para enquadrá-la nos objetivos perseguidos.

Na tentativa de estabelecer os principais significados das cartas hoje, para a política da Educação Física e esporte em nossa sociedade, realizamos um extrato das questões básicas para os determinantes escolares:

- Atividade docente e formação acadêmica e continuada, vinculada à produção de pesquisas socialmente relevantes;
- Competência pedagógica que contemple a autonomia dos alunos;
- Implantação de políticas sociais no país e, principalmente no Nordeste, área carente de recursos humanos e materiais;
- Participação ativa e gestão democrática nas diversas entidades e debates que os envolvidos dinamizam.

Por fim, na conceituação do Coletivo de Autores sobre a reflexão pedagógica, entendemos que não pode ser uma carta ou um conjunto de cartas, o eixo de articulação da área de Educação Física e esporte. Segundo o Coletivo, a reflexão pedagógica é diagnóstica, judicativa e teleológica, isto é, constatamos os dados da realidade, julgamos tais dados a partir de uma determinada ética e apontamos a direção, o alvo aonde queremos chegar (*Metodologia do ensino de Educação Física*, 1992, p.25). Podemos traçar o paralelo entre tal reflexão e o saldo das cartas brasileiras de Educação Física.



Estamos rigorosamente situados no conflito de perspectivas, pois já sabemos diagnosticar, julgar e objetivar. Resta aperfeiçoar tais mecanismos.

## **Agora é com você**

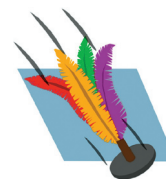
E então, conseguiu ler as cartas de Educação Física? Algum item chamou sua atenção? Existem posicionamentos nelas dos quais você discorda ou concorda? Qual sua opinião sobre elas?

Se você não conseguiu realizar uma leitura crítica desses documentos, retorne a eles daqui a um tempo. Sublinhe idéias interessantes, faça anotações nas margens do módulo para aproveitar melhor sua leitura e aprofundá-la. Se quiser, faça anotações ou sistematize suas idéias no espaço reservado para você aqui no módulo.

Procure fazer reflexões enquanto estuda os textos das cartas, lembrando sempre do que foi apresentado anteriormente: o debate sobre a regulamentação das profissões ligadas à Educação Física; os grupos antagônicos envolvidos nesse debate; as ideologias e os fundamentos políticos e econômicos que os subsidiam.

Aqui chegamos ao final da primeira unidade deste módulo. Como estão seus estudos? Lembre-se que ainda temos mais duas unidades para estudar, portanto, continue com disciplina e organização para realizar suas atividades no prazo correto. Não deixe dúvidas acumuladas – contate seu tutor, pesquise, peça ajuda aos colegas.

Tome fôlego, descanse e bons estudos na próxima unidade.



## Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *Pós-Neoliberalismo, as políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BETTI, Mauro. *A janela de vidro*. Campinas: Papyrus, 1999.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Magister, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1989.
- CARTAS Brasileiras de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: Autores Associados, v. 23, n. 1, set. 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FÉRNANDEZ ENGUITA, Mariano. *Trabalho, Escola, Ideologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREITAS, Francisco Mauri de C. *A miséria da Educação Física*. Campinas: Papyrus, 1991.
- GOMES, Luiz M. *Os homens do presidente*. São Paulo: Viramundo, 2000.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica no esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Esporte Escolar*. Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física. *Caderno de Debates*, v. 1, ago. 1994.
- MARTINS, Umberto. *A crise do capital não está restrita à esfera financeira*. *Revista Princípios*, n. 51, jan. 1999.
- MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: o processo de produção do capital. v. I e II, 7 ed., São Paulo: Difel, 1982.

- \_\_\_\_\_.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã: (I - Feuerbach)*. 9 ed., São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Moraes, 1983.
- MEDINA, João P. S. *A Educação Física cuida do corpo e "mente"*. Campinas: Papirus, 1983.
- NETTO, José P. *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1993.
- OLIVEIRA, Vitor M. de. *Consenso e conflito da Educação Física brasileira*. Campinas: Papirus, 1994.
- ROCHA, Ruth. *Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SOUZA, Solimar S. de. *Esporte escolar: novos caminhos*. Vitória: CEFD/UFES, 1994.
- SADI, Renato S. Impactos da regulamentação no projeto pedagógico ideal para a Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 21, n. 2/3, 2000.
- \_\_\_\_\_. A qualidade da Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 21, n. 2/3, 2000.
- UNESCO. *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da Unesco*. Paris, 1978. IN: Educação Física escolar: política, investigação e intervenção, vitória vol I, 2001.
- VAZ, Alexandre. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11. 1999. *Anais*. Florianópolis, 1999.
- VIEIRA, Evaldo. *Democracia e Política Social*. São Paulo: Cortez, 1992.

### Referências na Internet

[www.cbce.org.br](http://www.cbce.org.br)  
[www.boletimef.org](http://www.boletimef.org)  
[www.confef.org.br](http://www.confef.org.br)  
[www.mncr.rg3.net](http://www.mncr.rg3.net)





# 2



# Aspectos **socioantropológicos** do esporte

**Apresentação** → **Seu objetivo principal nesta unidade é entender o esporte numa abordagem**

socioantropológica, a partir da qual será demonstrada e compreendida sua dimensão de fenômeno cultural contemporâneo dos mais importantes.

Inicialmente, apresentaremos uma abordagem geral do homem como ser social, produtor e consumidor de cultura, numa perspectiva de caráter socioantropológico permeado por elementos históricos. No eixo dessa discussão, trabalharemos os temas Educação Física e Esporte.

A partir dessa base teórica, você será apresentado a uma visão de Educação Física que considera as contribuições das Ciências Humanas para sua compreensão e atuação. Essa abordagem possibilitará tratar do esporte como fenômeno sociocultural, ampliando o enfoque dominante quase que exclusivamente biológico.

A partir daí você será levado a explorar o tema cultura corporal e suas implicações no processo de ensino dos esportes, entendendo que o corpo não se constitui somente organismo biológico composto por ossos, músculos e nervos. Verá, também, que a prática do professor de Educação Física na escola não se resume apenas à transmissão de conteúdos educacionais; que as técnicas corporais não podem ser analisadas somente na perspectiva da eficiência biomecânica ou fisiológica; e que o esporte não pode se reduzir à execução de movimentos técnicos.

Após essa análise da Educação Física na perspectiva das Ciências Humanas, deverá compreender a visão de esporte a ela inerente, destacando-o como prática humana e, portanto, cultural. A partir dessa visão de cultura esportiva, terá a possibilidade de apreender algumas implicações para o ensino do esporte.

Finalmente, na última seção, você irá realizar uma leitura sobre o futebol brasileiro e suas contradições a partir da consideração de sua condição como um dos principais fenômenos socioculturais nacionais. Essa seção apresenta um exemplo de análise socioantropológica que tem como objeto a principal manifestação esportiva brasileira.



### 2.1.1 Sociologia funcionalista versus sociologia crítica do esporte

Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- Compreender que a sociedade e o esporte podem ser analisados tomando-se como base duas correntes de interpretação sociológica: o funcionalismo e a sociologia crítica;
- Compreender a concepção de sociedade apresentada pelos teóricos do funcionalismo e da sociologia crítica;
- Compreender as tarefas da educação ou da escola para as duas correntes;
- Compreender as funções ou os papéis desempenhados pelo esporte e pela Educação Física na sociedade para as duas correntes.

Duas interpretações sociológicas da sociedade convivem em permanente conflito: Em primeiro lugar, **a sociologia funcionalista**, a qual tem como eixo básico de análise o estudo do fenômeno esportivo a partir de categorias não-críticas da realidade social, enfatizando processos como:

- a socialização;
- a disciplina;
- a moral;
- as regras e normas e
- as formas de solidariedade social, presentes nas sociedades e nos grupos esportivos.

Em segundo lugar, temos a **sociologia crítica do esporte**, segundo a qual a linha de análise se fundamenta na crítica social ao esporte de rendimento. Para tal, recorre a categorias críticas da realidade social e política, a exemplo do poder, da ideologia, da desigualdade de classes e da reprodução das relações sociais.

Vamos estudar agora as principais características dessas duas interpretações sociológicas.



## 1) Sociologia Funcionalista

Apóia-se nos estudos de **Durkheim**, um clássico ligado à socialização, coesão social e formas de solidariedade na sociedade, cujo projeto político foi o aperfeiçoamento do capitalismo.

**A função da Sociologia para esse autor era conservadora** e, em sua obra, não há qualquer referência direta ao esporte, cabendo aos estudiosos do esporte adaptá-la ao tema.

O funcionalismo é um método de interpretação sociológica que concebe a sociedade como um organismo ou como um corpo vivo, onde cada uma das partes cumpre uma função em relação ao todo social. (A família, a escola, o exército, a religião, a empresa, o lazer, o esporte, as leis, a economia, etc. seriam partes desse todo, cada uma com um papel social). Nesse método, a parte (fatos sociais) existe em função do todo (a sociedade). Os fatos sociais são concebidos como coisas.

Há uma idéia biológica atrelada ao funcionalismo, que é a teoria do evolucionismo, segundo a qual, indivíduos mais aptos se adaptam melhor ao meio social. A idéia de rendimento no esporte pode ser explicada com base nesses fundamentos teóricos.

A partir dessa teoria sociológica, a tarefa da educação é a reprodução dos valores morais da sociedade, de modo a assegurar a integração e coesão de seus membros.

*Dessa forma, a visão de educação aqui é conservadora. O mesmo pode-se dizer em relação à Educação Física, se fixarmos a atenção nos valores da disciplina e do saber comportar-se em grupo, respeitando as regras da prática esportiva; etc.<sup>1</sup> (Azevedo, 1993).*



**Emile Durkheim, (1858-1917)** considerado um dos fundadores da teoria sociológica

## 2) Sociologia Crítica

Ela teve em **Marx** um clássico que representa a crítica da sociedade capitalista burguesa, enfatizando as suas contradições e conflitos, cujo projeto político é a superação do capitalismo.

Uma das mais elucidativas interpretações marxistas acerca das instituições sociais foi realizada por Althusser (1985), no que se refere à teoria dos **Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)**<sup>2</sup> – instituições como a igreja e a escola agem pela veiculação massiva ideológica, pela inculcação ou transmissão da ideologia do Estado e das classes dominantes, para a manutenção do *status quo*.

Diferem, portanto, dos chamados **Aparelhos Repressivos do Estado (ARE)**, os quais atingem tal objetivo pela violência física generalizada ou força física, como a polícia e o exército, que são órgãos repressores e que visam manter a ordem vigente.

*À luz dessa teoria, o esporte também desempenha um papel de Aparelho Ideológico.*



**Karl Marx (1818-1883)** elaborou um conjunto de teorias econômicas, filosóficas, políticas e sociológicas denominado **marxismo**, que explica a história universal como a história da luta de classes e prediz o fim do capitalismo devido a suas contradições econômicas internas; trata da alienação do homem pelo mecanismo da produção e pela divisão do trabalho

No contexto da sociologia crítica, Brohm (1976) chamou a atenção para as funções sociopolíticas do esporte, as quais se dividem em externas e internas. Dentre as funções externas do esporte, podem ser destacados o papel diplomático do esporte e o chauvinismo esportivo.

Em relação às funções sociopolíticas internas do esporte, Brohm destacou:

- (a) a função integradora do esporte e a estabilização do sistema capitalista** - Com base nessa função, o esporte cria um consenso social implícito, apoiado sobre o senso comum conseguindo, até mesmo, a adesão popular à hegemonia da classe dominante. Sem jamais pôr em questão a ordem estabelecida, o papel do esporte consiste em inculcar o espírito de disciplina, de obediência, contribuindo efetivamente para criar e manter o conformismo social.



*O esporte atual mantém o espírito da cultura dominante e dominadora do capitalismo, assimilando não só os conhecimentos, mas também os valores capitalistas.*

- (b) Apolitismo e Despolitização: “ópio do povo”** – Refere-se à utilização, de certa forma consciente, do espetáculo esportivo para fins políticos, tendo em vista um obscurecimento ideológico procurando camuflar e/ou embelezar a realidade social existente.



*Neste aspecto percebe-se que o uso do espetáculo esportivo pelos países desenvolvidos tem por finalidade a diversão política.*



**Qual foi o papel da Copa do Mundo de 70 para a ditadura no Brasil?**

- (c) Manutenção da Ordem Pública** – Essa função preconiza que o esporte consiste em uma espécie de “polícia ideológica a serviço das classes dominantes” (Brohm, 1976). Os espetáculos esportivos exigem a intervenção das forças da ordem e levam as autoridades governamentais a criar medidas de segurança para evitar casos de violência. A função do Estado é evitar que os choques e conflitos não se degenerem em confrontos abertos e violentos de maior proporção, vindo a justificar plenamente a presença das forças da ordem.



**Enquanto você estuda as funções do esporte descritas por Brohm, pense no significado das grandes competições desportivas realizadas na Alemanha Nazista. Qual era o papel do esporte naquele período da história?**

- (d) Colaboração de Classes** – Um outro aspecto da ação unificadora do esporte é a sua contribuição para minimizar as barreiras sociais, pelo menos, temporariamente, por ocasião dos encontros esportivos. Essas barreiras são essencialmente barreiras de classe, de *status*, de nível de vida e de cultura. A prática de esportes com colaboradores e superiores hierárquicos cria um sentimento de pertencer a um mesmo grupo, enquanto oculta a contradição fundamental entre os interesses do capital e os interesses dos trabalhadores, podendo reduzir ou minimizar em benefício do capital as tensões resultantes dessa contradição.

*O esporte funciona como um meio neutro de diálogo entre as classes e, por outro lado, assegura a compensação pelas perdas de ordem física, emocional e mental, impostas pela organização do trabalho, permitindo, dessa forma, a integração do trabalhador à empresa.*



Em relação aos estudos de Marx, sua concepção sobre a sociedade capitalista nos possibilita pensar a educação e o ensino sob uma perspectiva crítica. Desse modo, podemos perceber que a desigualdade social também ocorre no interior da escola à medida que essa instituição social é controlada pelo Estado, que representa os interesses da classe dominante. A escola tem, então, o papel de reproduzir essas desigualdades sociais<sup>3</sup> (Marx, Engels, 1978).

A Educação Física, como um componente curricular da escola, desempenha a mesma função, seja por meio da legislação ou pela sua prática, em razão de incorporar os valores da competição, do individualismo, da divisão por sexos, do excessivo número de alunos por turma, da discriminação e seleção pela aptidão física, etc, legitimando assim os ideais da dominação e do poder de uma sociedade dominada pela ideologia burguesa.

## Agora é com você

Reveja os objetivos desta seção. Conseguiu atingi-los? Alguma dúvida? Se tiver, refaça a leitura, pesquise mais sobre o assunto ou entre em contato com seu tutor.

Não esqueça de registrar suas reflexões no espaço reservado do módulo.



**Como a escola consegue reproduzir as desigualdades sociais? Pense na escola em que você atua e tente verificar a que classe social pertencem seus alunos. Qual é a qualidade do ensino e das instalações? Existe biblioteca? Quadra de esportes? Procure sempre refletir sobre a teoria vista nos textos relacionando-a com sua realidade**

## 2.1.2 Relação homem-sociedade

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender o conceito de sociedade civil;*
- *Identificar as características da sociedade capitalista;*
- *Reconhecer o esporte moderno<sup>7</sup> como produto sociocultural da sociedade industrial e capitalista e como elemento desse modelo social.*



Entendemos que o homem é um sujeito construtor de idéias, valores e sentidos e que sua **ação social** reveste-se de intencionalidade. Mas se, por um lado, o homem é produtor de sentidos, por outro, ele é parte de um contexto social maior, que costumamos denominar de sociedade. A compreensão do significado de sociedade – entendida como sociedade civil – tem seu matiz na filosofia hegeliana.

**Na acepção de Weber – a ação social tem de possuir um elemento fundamental que é a intenção do sujeito que a pratica; ações do indivíduo influenciadas pelas condutas de um coletivo de sujeitos não é uma ação social**

**Friedrich Hegel (1770-1831)**

filósofo alemão

**Max Weber (1864-1930)** sociólogo, economista e filósofo alemão; um dos autores mais influentes no estudo do surgimento e funcionamento do capitalismo e da burocracia



**Hegel** distinguiu claramente a sociedade civil do Estado e fundamentou tal distinção na diferenciação entre as esferas privada (sociedade civil) e pública (sociedade política ou Estado).

Com Marx, a compreensão de sociedade civil vai ao encontro da noção de sociedade burguesa, que constitui a base material das relações econômicas – infra-estrutura, enquanto o Estado representa-se na superestrutura da sociedade e tem um papel ideológico-cultural.

Para **Weber** (1983, p. 97), por seu turno, o conceito de sociedade está alicerçado na noção de relação social, que é intermediada por ações dos sujeitos, isto é, por ações sociais.

Na atualidade, a expressão sociedade civil é substituída pelo termo mais genérico sociedade, principalmente na literatura política de língua inglesa.

*A sociedade civil ou sociedade é entendida como o terreno dos conflitos econômicos, ideológicos, sociais e religiosos que o Estado tem a seu cargo resolver, intervindo como mediador ou suprimindo-os (cf. Bobbio, 1990, p. 1.210).*

Todavia, é importante mencionar que existem mecanismos de tensão entre os interesses do Estado, da sociedade civil e dos indivíduos. Esses mecanismos de tensão se constituem como parte do modelo dominante de sociedade – o capitalismo – que apresenta como elemento inerente o conflito.

Na sociedade capitalista, que é resultado do processo histórico-social que culminou com a dupla-revolução (Francesa, 1789 e Industrial, 1760-1830), tem-se a constituição de um modelo que apresenta os seguintes aspectos:

- crescimento demográfico;
- processo de urbanização;
- industrialização;
- desenvolvimento dos transportes e das comunicações;
- aumento da mobilidade social;
- desenvolvimento tecnológico;
- burocratização da administração pública;
- produção em massa;
- massificação da sociedade – sugerindo novos estilos de vida baseados no consumo;
- expansão da mobilidade psíquica – marcada pela necessidade de um conhecimento prático sobre outras culturas; e
- aceleração e institucionalização da troca social – que representa um incremento no crescimento da velocidade das mudanças sociais (Ferrando et al., 2002).



**Você já refletiu sobre o esporte como gerador de disparidades entre grupos sociais ou entre nações? Existem esportes de elite e esportes do povo? Existem esportes característicos de nações ricas e de nações em desenvolvimento?**

*Neste contexto, o esporte moderno é um produto sociocultural da sociedade industrial, já que, como fenômeno social, ele participa ativamente das mudanças sociais, por vezes reproduzindo conflitos, instigando a integração social e a ordem, gerando solidariedade e disparidades entre grupos sociais, entre nações, enfim, sendo um elemento partícipe do modelo de sociedade que temos instituído desde a Modernidade.*



## **Agora é com você**

Alguma dúvida ou dificuldade de compreensão? Reveja os objetivos desta seção de estudos. Conseguiu alcançá-los? Então, já está pronto para o estudo da próxima seção. Bom trabalho!



### **2.1.3 O homem, a sociedade de consumo e o fenômeno esportivo: a secularização do esporte**

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender que o esporte evolui de acordo com as mudanças dos modelos de sociedade ao longo da história.*



O esporte moderno se caracteriza em especial por seu secularismo, isto é, por oferecer igualdade de oportunidades, com a definição de regras, com uma organização burocrática e racional, e, ainda, por objetivar aspectos quantitativos como a busca de recordes e de medalhas, preferencialmente, olímpicas (Guttman, 1978 apud Ferrando et al., 2002). Tais características do esporte moderno são idênticas às características da sociedade ocidental moderna. Como você pode concluir, o esporte moderno acaba refletindo as mudanças sociais e, por conseguinte, funciona como uma espécie de espelho que reflete tudo (ou quase tudo) que se passa na sociedade.

Para situar o fenômeno esportivo no cenário da sociedade capitalista é preciso, pois, mostrar os fatos que possibilitaram sua caracterização como secular. O primeiro desses aspectos diz respeito à sua evolução.

*O esporte sofreu alteração em relação à constituição dos diferentes modelos de sociedade ao longo da história.*



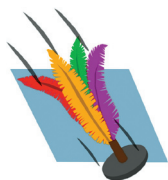
Durante o período medieval, o esporte era sinônimo de profanação, já que trabalhava habilidades corporais e, naquele momento qualquer relação com o corpo era vista como pecado, isto é, proibida pelos ditames da Igreja Católica. Com a passagem do modo de produção feudal, em que predominava o culto ao espírito, para o modo de produção capitalista, uma nova ética foi construída. Esta ética foi marcada por dois grandes



**Entre os povos primitivos, qual seria a finalidade da prática de esportes? O treino para a guerra? O lazer? O aprimoramento de habilidades para a caça? Para você e para seus alunos, o que significa a prática de esportes no mundo atual?**



**Pense no esporte na Idade Média, período de dominação da Igreja Católica. Que modalidades se praticavam? Se tiver oportunidade, assista ao filme *Coração de Cavaleiro* e reflita sobre a questão.**



movimentos ideológicos: o Iluminismo e o racionalismo (fim do século 17 e transcorrer do século 18).

O **Iluminismo** buscou a ruptura com os pressupostos da fé cristã e com a crença em Deus como criador da humanidade.

O **racionalismo** representou a ruptura com o modo de pensar do antigo período, isto é, rompe-se, por meio do racionalismo, com as explicações dogmáticas do Catolicismo e busca-se uma visão mais material da realidade social.

Os dois movimentos foram importantes por demonstrarem que havia grande insatisfação com o dogmatismo do antigo regime e que a era moderna pretendia lançar mão de outras formas de explicar a vida em sociedade.

Assim, a evolução das sociedades pré-industriais para as industriais tornou o fenômeno esportivo um complexo sistema, que se secularizou. Neste ínterim, o esporte moderno apresentou características diferenciadas dos exercícios físicos da antiguidade clássica e dos povos primitivos.

Devemos questionar, todavia, o porquê de o esporte estar na base de sociedades da antiguidade clássica e ter perdido importância durante o período medieval e até os primeiros séculos da era moderna, sendo posteriormente adotado como fenômeno secular participando das grandes narrativas desta nova era.

Ao longo dos séculos, tanto a Igreja Católica quanto a Protestante observaram, com cautela, o culto ao corpo proposto pelas competições esportivas. Contudo, embora apresentassem restrições, acabaram por aceitar a presença do esporte moderno e a promovê-lo, posteriormente, por sua vertente de disciplina corporal (Ferrando et al., 2002).

## **Agora é com você**

Até o momento, você viu, nesta unidade, como as disciplinas da área de Ciências Humanas são fundamentais para o entendimento do esporte moderno e da prática da Educação Física em nossa sociedade e, especialmente, em nossas escolas. Você refletiu sobre conhecimentos e análises oriundas da História, da Sociologia e da Economia para entender que o esporte é espelho e parte integrante da sociedade, que modifica e é modificada pelo homem e que modifica e é modificada pela sua noção própria de homem e de corpo.

Nas próximas seções você irá estudar a importância específica da contribuição da Antropologia para a compreensão do esporte como fenômeno sociocultural e que implicações esse enfoque multidisciplinar possui na prática escolar. Aproveite a parada na leitura e descanse um pouco. Respire fundo e recarregue as energias para as próximas leituras.

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de*

- *Compreender a necessidade da inclusão de disciplinas da área de Humanidades no estudo da Educação Física.*



A área de Educação Física no Brasil, tradicionalmente, sempre fez parte das ciências biológicas e, conseqüentemente, sempre priorizou as explicações para sua atuação nas características anatômicas ou nas manifestações fisiológicas ou bioquímicas do organismo humano. Não é nossa intenção neste trabalho analisar os fatores históricos que fizeram com que a área de Educação Física tivesse essa quase exclusividade biológica em seus argumentos. Muito menos pretendemos negar a importância de estudos e pesquisas provindos das Ciências Biológicas para a Educação Física. Entendemos que eles são necessários ao debate da área acadêmica de Educação Física, mas, por si só, não conseguem apreender a área como um fenômeno com implicações sociais, políticas e culturais.

Pretendemos, a partir de avanços de estudos oriundos das ciências humanas nos últimos anos, considerar a Educação Física como um fenômeno sociocultural. Pensar a Educação Física a partir desse referencial traz, necessariamente, a discussão do conceito de “cultura,” para uma área em que isso era até há pouco tempo inexistente. Os currículos dos cursos de graduação de Educação Física somente há poucos anos vêm incluindo disciplinas próprias das ciências humanas – como Sociologia, Antropologia e outras – e isso parece estar sendo útil para a ampliação da discussão na área.

As publicações – artigos em periódicos e livros – que utilizam como base de análise de Educação Física conhecimentos das ciências humanas têm aumentado nos últimos vinte anos. Não causa mais polêmica afirmar que a Educação Física lida com conteúdos culturais e pode ser apreendida a partir das ciências humanas.



**Em sua formação você cursou disciplinas da área de humanidades como as citadas no texto? Seus professores conseguiram relacionar as diversas teorias e conceitos com a área de Educação Física?**

## 2.2.1 As mudanças no conceito de corpo – a concepção biológica e padronizada



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender que o conceito de corpo e de ser humano sofreram modificações ao longo da história;*
- *Compreender as conseqüências na prática pedagógica na Educação Física do conceito de corpo advindo exclusivamente da área de Ciências Biológicas;*
- *Refletir sobre a padronização do corpo na Educação Física e na mídia.*

Talvez uma das maiores contribuições das ciências humanas para o estudo da Educação Física tenha sido a revisão e ampliação do conceito de corpo.

É por demais sabido que a área de Educação Física no Brasil, originária dos conhecimentos médicos higienistas do século 19, foi influenciada de forma determinante por uma visão de corpo biológica, médica, higiênica e eugênica.

Essa concepção naturalista atravessou praticamente todo o século 20 – com variações específicas em cada momento histórico –, estando ainda hoje presente em currículos de faculdades, publicações e no próprio imaginário social da área.



*A conseqüência dessa exclusividade biológica na consideração do corpo pela Educação Física parece ter sido a construção de um conceito de intervenção pedagógica como um processo somente de fora para dentro no ser humano, que atingisse apenas sua dimensão física, como se ela existisse independentemente de uma totalidade, desconsiderando, portanto, o contexto sociocultural onde esse ser humano está inserido.*

As concepções de Educação Física como sinônimas de aptidão física, a opção por metodologias esportivas tecnicistas, o conceito biológico de saúde utilizado pela área durante décadas, apenas refletem a noção mais geral do ser humano como entidade exclusivamente biológica, noção essa que somente nesses últimos anos começa a ser revista e ampliada.



**Pense na maneira como você entende e trabalha seus alunos. Você vê seus corpos como máquinas treináveis que deixam mente e sentimentos na sala de aula? Você percebe que o emocional se expressa através desses corpos?**

Essas concepções parecem ter sido determinantes para a tendência à padronização da prática de Educação Física, sobretudo a escolar. Segundo essa lógica, se todos os seres humanos possuem o mesmo corpo – visto exclusivamente como biológico –, composto pelos mesmos elementos, ossos, músculos, articulações, tendões, conseqüentemente a mesma atividade proposta em aula servirá para todos os alunos, causando neles os



mesmos efeitos – tomados como benefícios. Isso talvez explique a tendência da Educação Física em padronizar procedimentos, tais como voltas na quadra, metragens, marcação de tempo, repetição exaustiva de gestos esportivos, coreografias rígidas, ordem unida, etc.

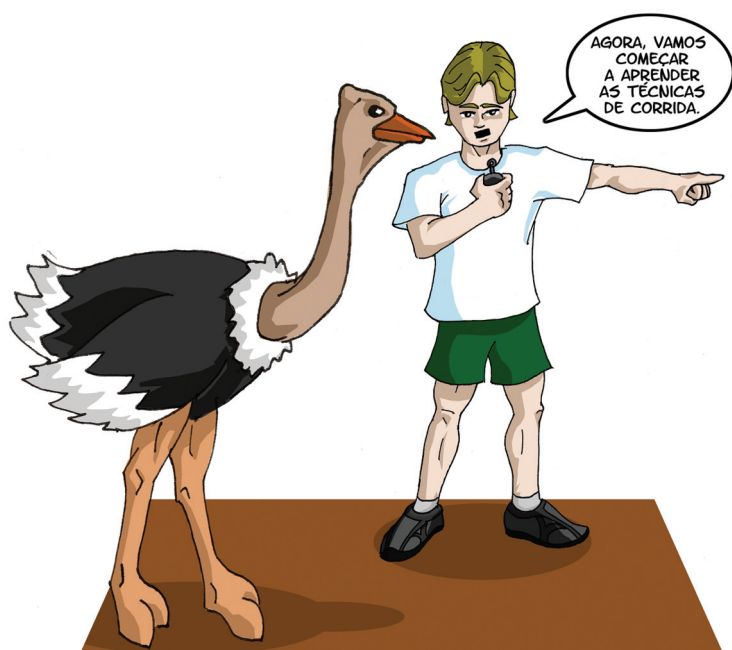
É óbvio que a partir dessa concepção de corpo e de Educação Física, não havia espaço nem interesse em aspectos estéticos, expressivos ou subjetivos. A tendência era de uma ação sobre a dimensão física, passível de treinamento visando à repetição de técnicas de movimento, sejam as esportivas, de ginástica ou de atividades rítmicas. Era como se a Educação Física fosse responsável por uma intervenção sobre um corpo tido como natural e sem técnica, a fim de dar a ele padrões mínimos de funcionamento para a vida em sociedade.

Se se falava na consideração dos aspectos psicológicos individuais ou na dimensão estética dos gestos, isso era desvinculado da dimensão física, como se o corpo fosse a expressão mecânica de uma superioridade psíquica ou mental.

Nessa mesma linha de raciocínio, não eram consideradas as diferenças culturais expressas pelos vários grupos e por indivíduos no interior de um mesmo grupo. Em outras palavras, a Educação Física proposta – seja nas escolas ou nos clubes e academias –, era uma só, como se as diferenças culturais não fossem responsáveis por variações de desenvolvimento motor, pelas opções por atividades físicas diferentes e mesmo por diferenças de interesse e motivação por parte dos



**Lembre do papel da escola em preparar os indivíduos para o modo de produção industrial e capitalista, que exige obediência a regras, horários, movimentos repetitivos e rígidos. A atividade física tradicional na escola é fundamental para esse treinamento? Que tipo de pessoas você está formando em suas turmas? Pessoas para a indústria ou para o pensamento e ação independentes?**



**Você já propôs atividades para seus alunos que resgatassem alguma tradição folclórica ou brincadeira da região?**



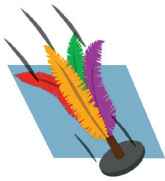
**Refleta sobre seu posicionamento em relação ao ideal de corpo magro e sarado. Como você trata seus alunos abaixo ou acima do peso ideal? Que tipo de idéia ou pré-conceito você faz quando se depara com aquela criança gordinha que tem preguiça de correr ou jogar? A mídia pegou você nessa armadilha?**

alunos, sem falar dos significados atribuídos às práticas corporais.

O mais interessante é que esse processo ainda se mostra presente na sociedade atual quando notamos, principalmente através da mídia, a valorização no ser humano do corpo “malhado”, “sarado”, treinado exaustivamen-

te nas academias de ginástica, novos templos de padronização de corpos, ou nas clínicas de estética ou de cirurgia plástica, que literalmente esculpem os corpos de clientes ávidos por sucesso, fama, beleza, etc. Mesmo nos clubes e nas escolas a mídia tem ditado as formas de movimento ou os padrões de corpo e os profissionais da área têm tido dificuldade em se opor a esse processo, não levando seus alunos a uma postura crítica em relação a esses mecanismos de padronização, tornando ainda a Educação Física preconceituosa e discriminatória.

## Agora é com você



Você terminou mais uma seção de estudos. Muito bem. Ficou algum ponto sem esclarecimento? Volte aos objetivos e avalie, de maneira sincera, se conseguiu atingi-los. Se tiver dúvidas, já sabe: contate seu tutor ou seus colegas por e-mails, telefone, ou em grupos de estudo.

### 2.2.2 As mudanças no conceito de corpo – as contribuições da Antropologia



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender o conceito de técnica corporal proposto por Marcel Mauss;*
- *Compreender que as técnicas corporais são próprias de cada cultura. e que se modificam;*
- *Compreender o conceito de fato social total;*
- *Compreender que o homem é um elemento integrante da sociedade, mantendo com esta uma relação de complementaridade e de interdependência;*
- *Compreender que a relação homem-meio pode ser pensada como parte de uma dinâmica sociocultural ou como uma relação consubstanciada no determinismo.*

**Marcel Mauss (1872-1950), antropólogo francês que viveu entre o final do século 19 e a primeira metade do século 20, considerado um dos fundadores da Antropologia.**

A revisão e ampliação do conceito de corpo a partir da Antropologia Social deve muito a **Marcel Mauss** (1974). Foi ele o primeiro antropólogo a propiciar a intersecção entre a Antropologia e a Educação Física de modo direto.<sup>4</sup>

No seu texto “As técnicas corporais”, Mauss mostra que havia uma ignorância generalizada sobre a noção de corpo, que era costumeiramente caracterizado no item diversos pelos estudos científicos. Afirma o autor:

“Sabia muito bem que o caminhar, a natação, por exemplo, todas as espécies de coisas deste tipo, são específicas de sociedades determinadas; que os polinésios não nadam como nós, e que minha geração não nadou como nada a geração atual. Mas que fenômenos sociais eram estes?” (Mauss, 1974, p.212).

E continua o autor:

“Outrora, ensinavam-nos a mergulhar depois de ter nadado. E quando nos ensinavam a mergulhar, ensinavam-nos a fechar os olhos, depois a abri-los na água.



Hoje em dia a técnica é inversa. Toda a aprendizagem é começada habituando a criança a permanecer na água com os olhos abertos” (Mauss, 1974, p. 212).

Assim conclui haver uma técnica que foi descoberta na sua geração e que propiciou a reformulação da técnica anterior, possibilitando com o nado de olhos abertos atribuir maior segurança para as crianças, inibindo seus medos, ensinando-lhes a domar os reflexos perigosos.

Para Mauss, as técnicas corporais são hábitos próprios de cada sociedade, isto é, de cada cultura. Por essa razão existem diferenças entre o caminhar do brasileiro, do americano e do neozelandês. Essas diferenças podem ser percebidas em relação ao ritmo do caminhar, mais lento, mais pretensioso, mais malandro, ou como fazem as mulheres maori da Nova Zelândia.

“(Não se diga que são primitivos: creio que, em certos aspectos, são superiores aos celtas e aos germânicos). As mulheres indígenas adotam um certo gait (a palavra inglesa é deliciosa): ou seja, um balanceamento destacado e, não obstante, articulado das ancas que nos parece desgracioso, mas que é extremamente admirado pelos maori. As mães adestravam (o autor diz drill) as filhas nesta maneira de fazer o que se chama “onioi”. Ouve mães dizerem às filhas [traduzo]: tu não fazes o onioi, quando uma menina esquecia de fazer esse balanceamento. Era uma maneira adquirida, e não uma maneira natural de andar. Em suma, talvez não exista maneira natural no adulto” (Mauss, 1974, p. 216).

Contudo, assim como observa o andar dos maori, Mauss observa o andar nas sociedades complexas de sua época e registra uma interessante passagem em um período em que esteve nos EUA e foi hospitalizado com uma enfermidade.

Na oportunidade, Mauss observava que o andar das enfermeiras do hospital era o mesmo que o das “mocinhas” do cinema, fato que lhe causou espanto. Mas, ao voltar à França, surpreende-se com o que vê. O andar das francesas era o mesmo das enfermeiras americanas, portanto, o mesmo das mocinhas do cinema. Mauss faz uma constatação. A moda do cinema alterou a técnica cultural do andar, apresentando-se como uma característica coercitiva e, portanto, uniformizadora.

Esta idéia sugere que a técnica corporal é sentida pelo autor como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química, e é seguido com tal fim.

Nesse âmbito, Mauss apresenta sua definição de técnica corporal. Para ele é técnica todo ato tradicional e eficaz, isto é, não há técnica se não há tradição (aprendizado que se baseia em práticas costumeiras).

Para Mauss o corpo é o primeiro e o mais natural dos instrumentos do homem.



Trata-se do primeiro e mais natural objeto técnico do homem. Portanto, estudando, investigando as técnicas corporais, é possível ampliar o espaço de compreensão do homem, permitindo-se desembocar na compreensão de Geertz (citada por Laraia, 2002) quando afirma que o homem tem uma capacidade imanente de se adaptar a diferentes culturas.



*As técnicas corporais (atos humanos) são incorporadas pelos sujeitos como um conjunto de fatores sociais (culturais), biológicos e psicológicos, todos relacionados ao estilo de vida, que acabam por reforçar a noção de habitus. Isto é, fatos que variam com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios.*

**Cliford Geertz, antropólogo americano, fundador da antropologia simbólica centrada na pesquisa sobre as diferentes maneiras que os indivíduos entendem o local em que vivem, assim como as ações dos demais membros de sua sociedade. Todas essas interpretações se dão por meio de símbolos e processos como os rituais; através deles os seres humanos estabelecem significados para suas ações, partilhando uma forma de linguagem própria.**

A esse respeito deve-se salientar que Geertz, ao tratar do “impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem” nota, por exemplo, que o pensamento iluminista era incapaz de reconhecer a mutabilidade das leis por adotar os pressupostos das ciências naturais. Tal constatação faz com que **Geertz** (1989, p. 47), mais adiante, afirme que:

“(...) a imagem de uma natureza humana constante, independente de tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão, que o que o homem é pode ser uma ilusão, que o que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, que ele é e no que ele acredita, que é inseparável deles”.

A idéia do autor contribui para mostrar a existência de uma intrínseca associação entre homem e o seu meio, pois mostra uma relação de interdependência entre esses dois elementos (homem e meio). Todavia, pode-se pensar na relação homem-meio como parte de uma dinâmica sociocultural ou como uma relação consubstanciada no determinismo.

O enfoque na perspectiva dinâmica sociocultural permite a aproximação das idéias de Geertz e está ancorada na formulação do homem social total tratada por Mauss.

A perspectiva do determinismo, por seu turno, pode apresentar-se de duas formas.

A primeira forma se mostra fundada na idéia do pensamento iluminista, em que o importante era a centralidade do Homem.

A segunda pode ser apresentada pela teoria de Durkheim, que situa a determinação do meio sobre o homem com fundamento na relação todo-parte. Suas idéias, embora estivessem amparadas nos pressupostos das ciências naturais, redefinem a noção de homem e contribuem para mostrar a importância do meio (sociedade).

*A relação meio-homem/todo-parte parte do princípio de que o homem é um elemento integrante da sociedade, mantendo com esta uma relação de complementaridade e de interdependência, tal qual a associação estabelecida entre o organismo de um animal superior e seus órgãos internos (Durkheim, 1991).*



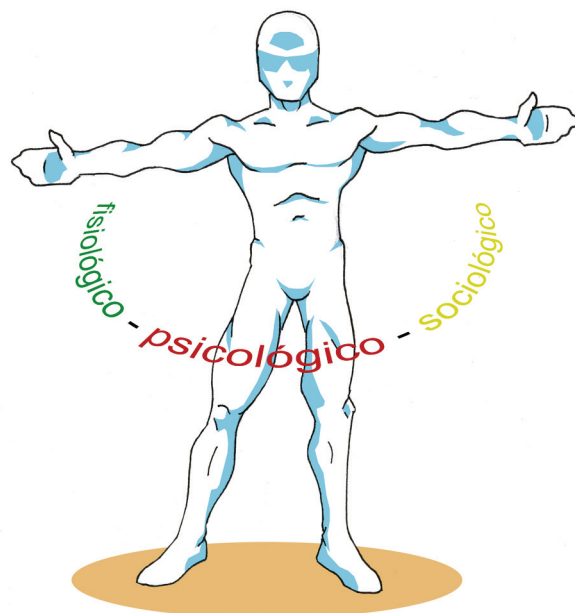
A incompreensão da complexidade das perspectivas (a da dinâmica sociocultural e a do determinismo) pode gerar alternativas equivocadas de compreensão dos conceitos de homem e de cultura, parecendo, para Geertz (1989, p. 49), como alternativas perigosas, a saber:

“Perigosas, porque, se nos descartarmos da noção de que o Homem, com letra maiúscula, deve ser visto “por trás”, “debaixo”, ou “além” dos seus costumes, e se a substituirmos pela noção de que o homem, sem maiúscula, deve ser visto “dentro” deles, corre-se o perigo de perder por completo a perspectiva do homem.”

Neste ambiente, como se situa a educação física? O homem é pensado como corpo. O corpo foi apropriado como objeto de estudo da disciplina enquanto corpo sedentário e, conforme Carvalho (2001, p. 93), ela “parou no corpo sedentário, de tal modo que a maioria dos interlocutores (alunos e clientes etc.) que interagem (escola, academia, clube etc.) com o campo de conhecimento da área se reconhecessem como corpo”.

Dentro de uma compreensão próxima à de Geertz (1989) assinala Carvalho (2001, p. 93)

“Quando a referência se dá no âmbito do aparente, do superficial, a deformação não é tão desastrosa se comparada com a desvalorização, que se situa no âmbito do profundo, dos valores, dos pensamentos, dos sentimentos, das emoções, das vontades e dos desejos”.



Isto quer dizer que o que está em questão é o modo de compreender os homens por meio de seus corpos, buscando a essência do fenômeno estudado e, então, interpretando-o.

É importante frisar dois conceitos de Marcel Mauss que são determinantes para a revisão da noção de corpo e para a Educação Física, de maneira geral.

O primeiro deles é o conceito de **“fato social total”**, cunhado ainda na década de 1920, e que, em síntese, propunha uma totalidade na consideração do ser humano, englobando os aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos. Essas três dimensões estariam interligadas e expressas em todas as condutas humanas, não sendo possível dissociá-las. Em outras palavras, qualquer ação humana conteria os três aspectos, não podendo ser explicada por um único ponto de vista.

Ora, para a Educação Física essa união é até hoje problemática, sendo o homem considerado unicamente ou primordialmente como entidade biológica, sendo as outras dimensões desconsideradas ou secundarizadas.

O segundo conceito de Mauss importante para a Educação Física refere-se às **“técnicas corporais”**, definidas como as maneiras pelas quais os homens, de forma tradicional e específica, utilizam seus corpos. Assim, todo gesto corporal pode ser considerado uma técnica, pois atende aos critérios de tradição e eficácia no interior de uma dada dinâmica cultural.

É interessante que Mauss não se refere explicitamente nesse e em outros trabalhos à dimensão simbólica, talvez pelo fato de faltar, ainda nas primeiras décadas do século 20, estudos sobre as questões do símbolo e dos significados nas ações humanas. A **Semiologia e a Semiótica** eram na época áreas de estudo apenas incipientes. Entretanto, o caráter inovador e relevante na obra de Mauss é justamente essa dimensão simbólica implícita e basilar de toda sua análise.

Ora, se se considerar o corpo apenas na sua dimensão biofísica, não há necessidade de diferenciá-lo através do seu uso específico e regional, pois, afinal de contas, o corpo biológico de todos os membros da espécie humana é muito semelhante. Só é possível discutir as especificidades de uso do corpo a partir da consideração de que ele expressa determinados valores de um dado grupo.

De fato, quando Mauss utiliza a expressão “eficácia”, ele não o faz acompanhada da expressão “simbólica”, como vários autores da Antropologia o farão nas décadas seguintes, entre eles, **Claude Lévi-Strauss**. Entretanto, a idéia de “eficácia simbólica” está visivelmente prenunciada em sua obra. E este é outro importante ponto a ser frisado: a dimensão simbólica do ser humano.

**Semiologia e semiótica** são sinônimos para designar a teoria geral dos modos de produção, funcionamento e recepção dos diferentes sistemas de signos (por exemplo, a publicidade ou o código Morse) que permitem a comunicação entre indivíduos e/ou coletividades de indivíduos.

**Claude Lévi-Strauss** expoente francês da Antropologia Social, ramo que tem como um de seus objetivos descobrir verdades fundamentais sobre a natureza do comportamento humano



*Para a Educação Física tradicional, essa dimensão simbólica não interessa, levando a análises que consideram somente a dimensão eficiente dos movimentos, quer em termos biomecânicos, fisiológicos ou, ainda, em termos de rendimento atlético-esportivo.*

De fato, é interessante observar na produção da área, pelo menos até a década de 1970, o uso da palavra “técnica”.

Considera-se técnico aquele movimento preciso, econômico, correto, quase sempre imitativo dos movimentos de atletas de esporte de alto rendimento. Por oposição, os outros movimentos são tidos como não-técnicos, errôneos, espontâneos, naturais, brutos, merecendo, por parte da Educação Física tradicional, intervenção no sentido de corrigi-los, aperfeiçoá-los e padronizá-los.

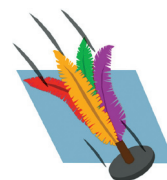
Tendo priorizada tradicionalmente a dimensão da eficiência, a Educação Física distanciou-se dos aspectos estéticos, subjetivos, simbólicos. Considerou o corpo como máquina biológica passível de intervenção técnica e perdeu a possibilidade de vê-lo como produtor e expressão dinâmica de cultura, fato que somente nos últimos anos começa a ser tratado pela área.

Assim, vale reforçar juntamente com a contribuição de Marcel Mauss a noção de cultura de Clifford Geertz<sup>5</sup> (1989), que a complementa. A contribuição do antropólogo americano contemporâneo parece fundamental para a rediscussão do corpo e a revisão do papel da Educação Física.

## Agora é com você

Mais uma seção lida e compreendida. Ficou alguma dúvida? Os objetivos foram atingidos? Se for preciso, faça nova leitura, organize um esquema ou um resumo para entender melhor o assunto. Anote as dúvidas e pergunte ao seu tutor.

Pronto para mais leitura e reflexão?



### 2.2.3 O homem como ser cultural

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender o conceito de cultura para Geertz e suas implicações para a Educação Física;*
- *Compreender que todo ser humano produz cultura na dinâmica de sua vida na sociedade;*
- *Compreender a concepção estratigráfica do homem e as críticas a ela;*
- *Compreender a concepção sintética de homem;*
- *Compreender a abordagem sociocultural da Educação Física e sua importância.*



Se em Mauss, a dimensão simbólica humana estava mais inferida do que explícita; em Geertz isso se constitui a estrutura de sua abordagem.

Partindo das contribuições da Semiótica de Charles Peirce, Geertz defende uma proposição de cultura eminentemente simbólica, como uma teia de significados. Para Geertz, a cultura é pública, porque o significado é público. E a Antropologia, segundo ele, deve ser vista, não como ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa em busca do significado.

## Jean-Jacques Rousseau

(1712-1778)

filósofo suíço, viu uma estreita relação entre política, educação e moral; acreditava que o homem era naturalmente bom, sendo corrompido pela sociedade; exaltava a emoção e o sentimento em oposição ao racionalismo.

Clifford Geertz procura romper, ao mesmo tempo, com a visão de cultura originária do Iluminismo, a concepção evolucionista típica do século XIX e a concepção “psicológica”

Para o Iluminismo, a dimensão cultural era sobreposta a uma natureza boa do homem, como pregava **Rousseau** no século 18.

Para o evolucionismo, a cultura era produto do estágio evolutivo de cada grupo humano, sendo utilizada como critério para a classificação dos humanos em primitivos ou civilizados.

Para a concepção “psicológica”, a cultura coletiva era apenas a somatória das mentes e produções individuais.

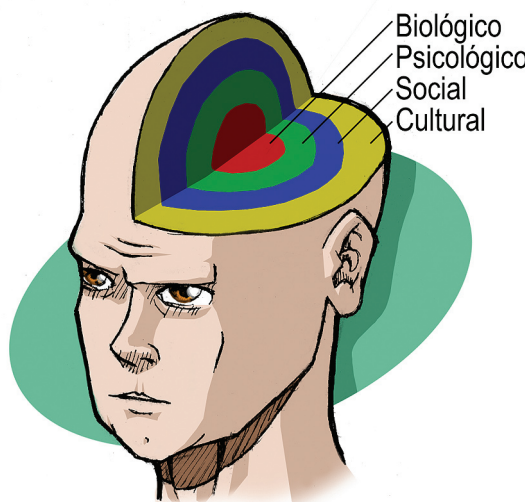
Para Geertz, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual os homens dão sentido às suas ações. Constitui-se processo singular e privado, mas é também plural e público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida em sociedade que significa o que o ser humano faz. A cultura se dá na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico.

Como se vê, a cultura deixa de ter um sentido elitista, como no uso preconceituoso de senso comum, para ser a condição de funcionamento da vida humana.



*Todos os seres humanos, no cotidiano de suas vidas e buscando orientação para elas, produzem cultura o tempo todo. Não são as orientações biológicas intrínsecas aos seres humanos as responsáveis por suas ações específicas em sociedade, mas os códigos extrínsecos culturalmente construídos e constantemente atualizados. Aquelas fornecem as informações gerais de funcionamento dos seres humanos, como as capacidades biológicas de falar, de locomoção, visão, reações orgânicas, etc., enquanto esses regulam os sentidos e os significados absolutamente variáveis e específicos, como a língua falada, os cheiros agradáveis ou desagradáveis, os sentimentos alegres ou tristes, os conteúdos do pensamento, e assim por diante.*

Nessa linha de pensamento, se todos os seres humanos produzem cultura na dinâmica de expressão dessa cultura, há variações de expressões de suas ações.





Atuar com seres humanos sem considerar essa dinâmica cultural pode levar a certos preconceitos, discriminações ou, ainda, a certos pontos de vista absolutos que desconsiderem os reais significados inerentes às práticas humanas.

Clifford Geertz critica a concepção chamada por ele de “estratigráfica”, que divide o homem em camadas, tendo o nível biológico como núcleo, superposto hierarquicamente pelos estratos psicológico, social e cultural. Segundo essa visão, o componente biológico humano teria se formado primeiramente, sendo complementado ao longo da evolução pelos componentes psicológico, social e cultural. Tem-se, nessa perspectiva, a cultura como secundária e complementar à formação do cérebro humano, como se fosse originária e conseqüente dele. Geertz refuta essa visão, defendendo a chamada concepção “sintética”, na qual todas as dimensões estão presentes no homem, interagindo como variáveis no seu comportamento.

O desenvolvimento cultural na evolução humana foi simultâneo à progressão biológica, um aspecto tendo constantemente influenciado o outro, culminando aproximadamente 100 mil ou 200 mil anos com o *homo sapiens*, esse ser inteligente que, bem ou mal, conseguiu sobreviver às dificuldades do meio e aos outros animais.

Reunindo a contribuição de Marcel Mauss – as noções de “fato social total” e de “técnica corporal” – e a contribuição de Clifford Geertz – o conceito semiótico de cultura e sua concepção de homem –, abrimos a possibilidade de ampliar sobremaneira o olhar sobre a Educação Física e sobre o olhar desta em direção ao corpo.

*Primeiramente, utilizando as noções de “fato social total” e a “concepção sintética” de homem, pode-se considerar a dimensão cultural como constitutiva da dinâmica humana. Nessa direção, cai por terra a visão tradicional da Educação Física como uma ação apenas sobre o corpo físico, pois não há dimensão física isolada de uma totalidade humana biológica, cultural, social e psíquica.*



Podemos também pensar o corpo como dotado de eficácia simbólica, grávido de significados, rico em valores dinâmicos e específicos. Podemos vê-lo a partir do seu significado no contexto sociocultural onde está inserido. Podemos considerar, ao invés de suas semelhanças biológicas, suas diferenças culturais; podemos reconsiderar nossos critérios de análise sobre o corpo, fugindo de padrões preconceituosos que durante muitos anos subjugarão e excluíram pessoas da prática de Educação Física. Podemos substituir padrões inatistas por critérios mais dinâmicos e culturais.

A revisão do conceito de cultura tem se mostrado importante para a Educação Física, uma vez que a área trata do homem nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. Embora fruto de uma tradição que separou a natureza da cultura, a Educação Física lida diretamente com o homem na integração entre esses dois aspectos.



*O corpo humano é ao mesmo tempo e indissociavelmente natureza e cultura. Se por um lado existe um patrimônio biológico universal, que faz com que todos os homens sejam membros da mesma espécie, por outro lado, há construções corporais culturais diferentes. O conceito de cultura não exclui a natureza biológica que o homem inegavelmente possui, mas a engloba, procurando dar conta da inserção desse homem em contextos culturais diferentes.*



**Toras são utilizadas em competições também na Escócia e no Japão. Na Escócia, os homens realizam arremesso de toras muito pesadas e no Japão equipes cavalgam toras grandes e pesadas descendo montanhas abaixo. Você conhece outros exemplos dessas competições que revelam, antes de mais nada, traços e tradições das culturas?**

Afirmar que o homem possui construções corporais diferentes em função de contextos culturais diversos é de fácil comprovação. Basta observar o enorme elenco de hábitos corporais, formas de cobrir o corpo, práticas lúdicas, formas de marcar o corpo, tipos de dança, cuidados com o corpo, conceitos de saúde, etc., que os mais variados grupos humanos espalhados pelo mundo apresentam. O mais sutil e relevante, entretanto, é discutir as formas de significação a respeito do corpo e do movimento que o ser humano vai construindo ao longo do tempo e do espaço. Assim, a mesma modalidade esportiva, como o basquetebol, por exemplo, adquire matizes diferentes em função da dinâmica cultural específica de cada local. Nesse sentido há várias formas de se praticar o basquetebol, assim como há várias formas culturais de se compreender a dança, o jogo, a ginástica.

Essa variabilidade dos fenômenos humanos ligados ao corpo e ao movimento é fundamental quando se pensa na pluralidade de formas de vida que o ser humano moderno apresenta. Enquanto a Educação Física pautou-se unicamente pelo referencial das ciências biológicas, ela pôde afirmar categorias absolutas em relação às manifestações corporais humanas. Porque, afinal de contas, em termos biológicos, todos os humanos possuem corpos semelhantes uns aos outros. Quando se considera, entretanto, a dinâmica cultural variada na construção das ações corporais, há de se considerar os processos de significação, ou seja, aquilo que dá sentido a determinadas ações corporais. Em outros termos, o que dá sentido ao movimento humano é o contexto onde ele se realiza. Desvinculado desse contexto, o movimento seria analisado somente como uma expressão biológica do homem, portanto, muito semelhante em qualquer lugar. Assim, o que vai definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela Educação Física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde ela se realiza.

Como exemplo, podemos citar a corrida de toras que os índios da tribo Canela<sup>6</sup>, do sul do Maranhão, realizam (Geertz, 1989). Homens e mulheres deste grupo realizam uma corrida de revezamento carregando nas costas um tronco de madeira cujo peso pode chegar a 130 kg para os homens e 80 kg para as mulheres. Esta prática, muito significativa entre os índios Canela, seria tratada com outros significados em aulas de Educação Física no Sul e Sudeste do País. Poderia ser analisada, estudada e inclusive praticada em qualquer lugar, mas com significados diferentes daqueles que a própria comunidade Canela impinge a essa prática.

A Educação Física, a partir da revisão do conceito de corpo e considerando a dimensão cultural simbólica defendida por Clifford Geertz, pode ampliar seus horizontes, abandonando a idéia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão física e técnica, para vir a ser uma área que considera o ser humano eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais.

A abordagem sociocultural na Educação Física tem procurado compreender a imensa e rica tradição da área que durante anos a definiu como ela se apresenta hoje e, ao mesmo tempo, tem procurado entender suas várias manifestações como expressões de contextos específicos. Além disso, a perspectiva cultural faz avançar na Educação Física a consideração de aspectos simbólicos, estimulando estudos e reflexões sobre a estética, a beleza, a subjetividade, a expressividade, a relação com a arte, enfim, o significado. Assim, a Educação Física pode, de fato, ser considerada como a área que estuda e atua sobre a CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.<sup>7</sup>

## Agora é com você

Refletir sobre as diferenças humanas é fascinante e nos leva a ter menos preconceitos contra grupos diferentes do nosso. Procure pesquisar e conhecer tradições esportivas de outras culturas ou de outros estados do País para enriquecer sua prática e realizar um trabalho interdisciplinar com seus alunos.

Mas, e os objetivos desta seção? Você atingiu todos eles? Não esqueça de anotar suas dúvidas e descobertas no espaço reservado para essa finalidade no módulo. Personalize seu material com suas idéias.



### 2.2.4 Técnica esportiva: entre a eficiência e a eficácia simbólica

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:*

- *Compreender que a dimensão técnica do esporte extrapola o instrumental e a questão do gesto eficiente;*
- *Compreender a diferença entre eficiência e eficácia simbólica no ensino de esportes;*
- *Refletir sobre o conceito e o ensino do gesto técnico dentro de contextos culturais diversos*



Já vimos que o antropólogo Marcel Mauss, em seu clássico texto sobre as Técnicas Corporais, afirmava que todo gesto corporal constitui-se técnica, uma vez que é dotado de tradição e eficácia, equiparando as técnicas corporais às demais técnicas humanas, como as técnicas de cozimento de alimentos, técnicas de plantio, de adorno, etc. Segundo ele, o ser humano cria, ao longo de sua existência e em função de seu contexto cultural, certos costumes que vão se tornando tradicionais, sendo transmitidos de geração a geração. Esses procedimentos vão se tornando tradicionais justamente porque são dotados

de eficácia simbólica, ou seja, respondem a certas demandas da sociedade onde estão adotando significados importantes para o grupo local.



*Ora, se todo movimento é técnico, não podemos falar numa técnica considerada melhor, perfeita ou correta, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados.*

A Educação Física, historicamente, sempre defendeu o ensino de uma técnica para o saque por cima no voleibol, ou de uma técnica para a bandeja no basquetebol, a técnica do salto em altura no atletismo ou da braçada do nado de costas na natação, elegendo alguns movimentos como melhores e desconsiderando outras formas de expressão corporal.

A área de Educação Física, no trato com o esporte, tradicionalmente, sempre considerou a dimensão técnica de maneira exclusivamente instrumental. As obras específicas da área nada mais fazem do que coletar um conjunto de movimentos considerados eficientes e perfeitos para as finalidades de determinada modalidade esportiva e dividi-los em estágios de uma seqüência pedagógica para o seu ensino. Assim, uma única maneira de executar um movimento esportivo torna-se o padrão de correção, e todas as outras formas são tidas como errôneas, incompletas ou variantes menos desejáveis da técnica considerada perfeita. Um gesto técnico passou a ser aquele movimento eficiente, seja em termos biomecânicos, fisiológicos ou esportivos. Fazendo isso, a área de Educação Física e Esportes acabou por privilegiar certos alunos que já sabiam executar os movimentos tidos como eficientes, subjugando aqueles que apresentavam outras formas de expressão, fruto de outras experiências, valores diferentes e interesses específicos.



*Falar em eficiência implica pensar no fim, no resultado, no produto final em curto prazo. Falar em eficácia simbólica implica considerar o processo, o meio pelo qual os alunos buscam alcançar seus fins, as diferenças de significados entre grupos diferentes. Por isso estamos enfatizando a eficácia simbólica no ensino dos esportes em vez de priorizar a eficiência.*

O gesto esportivo oriundo dos movimentos dos atletas de alto rendimento constitui-se, sem dúvida, em técnica, aliás, das mais eficientes e, plasticamente, das mais belas. Mas não pode ser tomado como a técnica modelar, a ser ensinada imediatamente a todos os alunos. Primeiramente, por se tratar de movimentos dos mais elaborados, demandando grande tempo de treinamento para sua perfeita manifestação; em segundo lugar, porque os alunos, culturalmente situados, podem possuir outros interesses de movimento, que levem a outras demandas em termos de execução.

É justamente essa característica que separa o ser humano dos outros animais. Enquanto esses últimos apenas reproduzem movimentos, podendo até realizá-los com certa eficiência, os humanos, além da busca da perfeição, continuamente atribuem significados culturais às suas ações, variando as formas de execução, transformando-as, criticando-as e executando-as com objetivos os mais variados possíveis.

Não se pretende, nessa discussão, opor os conceitos de eficiência e eficácia simbólica, como se fossem excludentes, mesmo porque o movimento biomecanicamente eficiente é dotado, inegavelmente, de significados culturais. Isso se torna mais efetivo atualmente, devido ao grande poder da mídia esportiva que reverbera mundialmente as atuações de atletas de alto rendimento. O professor não pode estar imune aos apelos da mídia, mas também não deve a ela se render, como se todos os seus alunos devessem obrigatoriamente executar aqueles mesmos movimentos.

Caso você tenha atuado com grupos diferentes, em bairros ou cidades diferentes, já percebeu que o mesmo conteúdo esportivo insere-se de formas próprias em contextos diversos, adquirindo um caminho pedagógico específico que lhe dá sentido naquele contexto. Os interesses do grupo em questão podem ser diferentes, as experiências esportivas serem outras, os significados atribuídos àquela modalidade serem outros, e os objetivos, obviamente, serem variados. Cabe ao professor atento e compromissado fazer a mediação entre o conhecimento esportivo a ser trabalhado com o grupo em questão e seus interesses, experiências e demandas culturalmente determinadas.

Esta reflexão procura avançar na discussão da relevância, do lugar e do tempo do ensino dos gestos técnicos específicos de cada modalidade esportiva.

*Utilizando um conceito cultural de técnica corporal, a partir do qual deve ser considerado o significado de todo e qualquer movimento no seio de uma dada sociedade, é possível considerar o ensino dos gestos técnicos não apenas a partir da dimensão da eficiência, mas dentro de contextos culturais específicos, considerando-se também a eficácia simbólica inerente a toda ação humana.*



## Agora é com você

E então? Está conseguindo refletir sobre sua prática com os alunos a partir de suas leituras?

Tenha sempre em mente os objetivos declarados no começo de cada seção para orientar seu aprendizado.

Caso encontre termos ou autores pouco conhecidos por você, procure pesquisar e conhecer mais sobre eles. Seu curso vai melhorar bastante.



## 2.2.5 Implicações para o ensino do esporte



Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- Compreender que o esporte e seu ensino não são neutros, exigindo do professor uma consciência crítica diante das escolhas na prática pedagógica;
- Compreender que toda prática esportiva é educativa;
- Compreender todas as dimensões necessárias para o efetivo conhecimento sobre um esporte.

Algumas implicações para o ensino do esporte podem ser apreendidas da discussão que tem sido feita até o momento.



*A primeira delas é a de que o esporte não é neutro.*



**O mais bem preparado e adaptado é que deve sobreviver – idéia base da teoria evolucionista que está sendo questionada e revisada atualmente.**

Como não é uma entidade abstrata, suspensa no tempo e deslocada no espaço, em si, não é bom nem ruim, positivo ou negativo, útil ou inútil. Ele será aquilo que seus praticantes fizerem dele. Daí a grande importância do educador no ensino do esporte. Como vimos, a prática esportiva não se resume à mera repetição de um conjunto de técnicas, mas no trato constante de valores, valores esses que, consciente ou inconscientemente, serão transmitidos pelo profissional responsável pelo processo.

Foi nessa linha de raciocínio que Valter Bracht<sup>8</sup> (1997) afirmou que não tinha sentido chamar um esporte de educativo, pois, num sentido geral, toda prática esportiva é educativa. Resta saber quais são os valores e atitudes que determinado esporte defende e pratica. Um professor ingênuo poderá achar que estimular nos alunos um comportamento competitivo exacerbado será útil para forjar campeões, desconsiderando que essa prática é exclusiva, injusta e anti-democrática, além de refletir princípios da sociedade capitalista, como o de que o mais capaz deverá suplantar os outros.

Por outro lado, um professor mais crítico e mais atento a esse processo histórico poderá implantar princípios de respeito às diferenças individuais e co-participação em suas aulas, gerando prazer na prática, solidariedade nas atitudes e reflexão desses princípios entre os participantes.



*A prática esportiva tem assumido principalmente os valores do esporte de rendimento ou espetáculo, mesmo quando ocorre em escolas. O fato de haver um esporte na escola não garante uma atitude crítica em relação a aspectos considerados negativos do esporte de rendimento.*

Daí a afirmação de vários autores da área de Educação Física atualmente defendendo o esporte DA escola, em vez do esporte NA escola. Enquanto esse último apenas reproduziria de forma a-crítica condutas e princípios do esporte de rendimento, como a competição exacerbada, a especialização precoce<sup>8</sup>, o ganhar a qualquer preço, etc., o esporte DA escola defenderia a construção do esporte possível, com valores discutidos entre os participantes e com condutas condizentes a esses valores. Nessa construção do esporte DA escola, como já afirmamos, o papel do professor é fundamental, a fim de que se posicione claramente em relação a valores que levem a maior participação de alunos, ao reconhecimento e respeito às diferenças entre eles, à oportunidade de apropriação por parte de todos desse maravilhoso patrimônio cultural, que é o esporte.

Outro aspecto a ser considerado quando se pensa no ensino do esporte é a relação com a mídia. Se, por um lado, a mídia tem divulgado o esporte, fazendo dele um grande fenômeno contemporâneo e, de certa forma, levando a demanda de prática esportiva para mais pessoas, por outro lado, a mídia tende a reproduzir valores do esporte de rendimento, transformado em espetáculo para o seu consumo. Esses valores, como vimos, podem não ser aqueles que desejamos em nossos processos educativos. De fato, qualquer pessoa, motivada pelas mensagens esportivas multiplicadas pela mídia, considera-se conhecedora do esporte e busca praticá-lo a partir dos princípios apreendidos por ela.

Mais uma vez enfatizamos a figura do professor no ensino do esporte como mediador entre os valores expressos pelos seus alunos e os objetivos do programa. Influenciados pela mídia, os alunos, não raro, freqüentam as aulas de Educação Física na escola e as escolinhas de esporte ou os clubes sonhando tornarem-se campeões esportivos como aqueles vistos na televisão. Chegam imbuídos daqueles valores, muitas vezes sem apresentarem posicionamento crítico em relação às mensagens da mídia.

*O profissional responsável pelo trabalho com esporte deve, não apenas reproduzir as técnicas de movimento das modalidades esportivas, mas constituir-se mediador de um conhecimento amplo e crítico sobre o esporte – incluídos aí aqueles reproduzidos pela mídia.*



Mauro Betti<sup>9</sup> (1998) preocupou-se com essa questão procurando compreender a representação sobre esporte que a televisão expressa e como deveria agir o profissional de Educação Física diante disso. Segundo ele, a Educação Física e seus profissionais deveriam contri-

buir para a formação de um espectador crítico, inteligente e sensível. Assim, a televisão – e podemos estender para outros veículos da mídia – poderia se constituir instrumento pedagógico efetivo da Educação Física no trabalho com esporte.

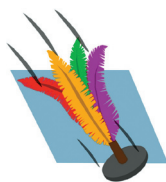
Como se vê, ensinar esporte não se resume somente na reprodução de gestos técnicos transmitidos de forma neutra, até porque o conhecimento sobre esporte não se resume à sua prática.



*Ser conhecedor do esporte implica também saber a sua história, compreender seus determinantes políticos, saber apreciar a beleza estética dos gestos esportivos, compreender que o mesmo esporte pode ser praticado diferentemente devido a especificidades culturais, respeitar as características individuais de cada praticante, entender a mídia esportiva nas suas entrelinhas, enfim, muito mais do que apenas reproduzir gestos.*

Essa é a difícil e relevante tarefa dos profissionais que atuam com o esporte.

### **Agora é com você**



Você já havia entendido que seu papel como educador é tão amplo e importante dentro da sociedade? Registre suas impressões e opiniões sobre o assunto no espaço reservado para sua produção no final desta unidade. Converse com seus colegas, descubra como mudar ou ampliar a visão que vocês possuem do papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade.



## O futebol brasileiro e suas contradições<sup>10</sup>

Ao término do estudo desta seção, você deverá ser capaz de:

- *Compreender a importância do exercício da análise antropológica para um entendimento do esporte como fenômeno sociocultural, por meio da leitura do exemplo apresentado pelo autor.*



Mais uma vez estamos diante de uma Copa do Mundo de Futebol e o País se prepara para esse evento de uma forma mais intensa do que faria em qualquer competição de outra modalidade esportiva. Nesse momento, podemos confirmar a importância que o futebol possui no País, ocupando o papel de esporte nº 1, ou paixão nacional. É o chamado esporte bretão que mais movimenta as massas, mobilizando a energia torcedora de cada um dos brasileiros. Numa época de Copa do Mundo, é o futebol que acaba atualizando e renovando o espírito de nação, aliás, tão pouco praticado ultimamente pelo sofrido povo brasileiro.

Aí surge a pergunta que intriga a todos os estudiosos e torcedores desse esporte: como foi possível uma modalidade esportiva surgida na Inglaterra, trazida ao Brasil em 1885, ter-se tornado já nos primeiros anos do século 20 uma prática extremamente popular? Essa popularização é ainda mais impressionante quando lembramos que a divulgação de eventos esportivos era muito limitada, uma vez que a televisão, hoje a grande responsável pela transmissão de espetáculos esportivos, ainda não existia.

De fato, o futebol é o principal esporte nacional, seu estilo de jogo é referência mundial e os principais jogadores brasileiros são ídolos em todas as partes do planeta, sendo disputados por equipes de vários países. Ronaldinho talvez se torne o principal atleta do mundo na atualidade. Da mesma forma como o foram, retrospectivamente, Romário, Zico e Pelé.

Como todos sabem, o futebol chegou ao Brasil por meio de jovens de classe alta e as primeiras equipes apareceram nos clubes cujos sócios representavam a elite da sociedade da época. Entretanto, já nos primeiros anos do séc. 20, começaram a surgir equipes de futebol não pertencentes a colégios, fábricas ou clubes sociais de elite, tais como a Ponte Preta, em 1900, o Corinthians, em 1910, além de outros. Era o início da tomada do futebol pela população brasileira, não apenas os representantes da classe alta. Em 1923, no Rio de Janeiro, o Vasco da Gama venceu o campeonato estadual com um time composto por negros e mulatos – e pobres –, fato que incomodou dirigentes e torcedores que ainda tentavam manter o futebol como um esporte branco e de elite. Era a vitória da técnica dos jogadores populares sobre a imposição elitista ainda presa à tradição britânica. Em 1933, foi adotado o profissionalismo com grande resistência daqueles que ainda pretendiam um certo purismo no futebol brasileiro.

O futebol brasileiro alcançava, nessa época, estrondoso sucesso nacional, escapando ao controle de dirigentes de clubes ou diretores de escolas estrangeiras ou donos de fábricas para ser praticado nas praias, campos de várzea, enfim, por todo o País. Já se via grandes platéias assistindo a jogos de futebol. A terceira Copa do Mundo de Futebol, realizada na França em 1938, consagrou o estilo de jogo brasileiro, levando o país à terceira colocação na competição, destacando justamente jogadores negros como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, estrelas principais dessa equipe.



*Várias explicações podem ser atribuídas a essa popularização do futebol brasileiro, uma delas seria o alto contingente negro na população nacional. Assim, seria próprio dos negros uma disponibilidade corporal que os levaria a praticar atividades físicas rítmicas de forma mais coordenada. Nessa linha de raciocínio, explica-se também a prática da capoeira, do samba e de outras danças originárias do continente africano. Os defensores dessa teoria defendem as vantagens atléticas dos negros em competições esportivas, utilizando-se de vários jogadores negros como exemplos, destacando-se, dentre eles, Pelé.*

O problema dessa teoria é que ela remete a explicação da popularização do futebol no Brasil para o componente biológico da população negra, como se houvesse um gene para o futebol.



*A relação entre população negra e a prática do futebol existe, mas obviamente deve-se, não à dimensão congênita, e sim à maior concentração de negros e mulatos nas camadas populares.*

Foi isso que se verificou com o Vasco da Gama, que teve que admitir jogadores negros para conquistar o campeonato do Rio de Janeiro de 1923. É ilustrativa aqui a lembrança de que, por essa época, alguns negros tinham que ser embranquecidos com pó de arroz, a fim de não parecerem tão negros quanto eram e, assim, serem aceitos pelos sócios brancos dos clubes.

Uma outra linha de explicação para a popularização do futebol brasileiro seria a facilidade de prática desse esporte, quer em termos de regras, como em termos de espaço e equipamentos. De fato, as regras do futebol são de fácil compreensão em relação aos outros esportes. Sua prática pode dar-se em qualquer lugar – campo, quadra, praia, terreno baldio, rua – e a bola, o único material obrigatório, pode ser representada por uma bola de meia, de plástico, uma lata, uma tampinha, etc. Com uniforme completo ou não, com bola de couro ou não, em um campo demarcado ou não, todos jogam futebol.



Entretanto, essa facilidade de prática do futebol, se pode ser considerada facilitadora para a popularização, não parece ser absoluta para podermos compreender a grande fama deste esporte no País, uma vez que outras modalidades esportivas teriam chegado ao País na mesma época que o futebol, exigindo também poucos implementos e regras de fácil compreensão. De qualquer forma, não parece promissor explicar o futebol pelo que o diferencia das outras modalidades.

Nem explicação biológica (as vantagens da raça negra), nem explicação funcionalista (a facilidade da prática do futebol). Sem entrarmos no mérito das duas teorias citadas acima, parece ter havido uma combinação entre o código do futebol e o contexto cultural brasileiro.

*Em outros termos, o futebol demandaria um estilo de jogo, uma exigência técnica, uma eficácia e uma eficiência, que se adequaram às características culturais do povo brasileiro.*





**Vamos citar o filme Boleiros sobre futebol. E existe uma música do grupo Skank sobre o tema. Você é capaz de lembrar de mais alguma música, filme ou novela que tenha enfocando o futebol?**

Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer aos seus praticantes, mas permitia principalmente a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. Isto explicaria o alto poder simbólico que o futebol foi adquirindo ao longo do séc. 20 passando a representar o homem brasileiro, da mesma forma que o fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval, por exemplo.

Faça uma experiência: observe quantos minutos são dedicados ao futebol e aos outros esportes nos programas de TV e quantas páginas nos jornais impressos.

Basta observarmos o quanto o futebol está presente em nossas vidas. Quantas músicas retrataram o futebol; quantos filmes, peças de teatro e novelas tiveram o futebol como personagem principal ou como cenário para suas tramas; quantas horas diárias a imprensa televisiva e radiofônica gastam com o futebol; quanto espaço diário de jornal é dedicado a esse esporte, em detrimento da cobertura de outros; quantas emissoras de rádio transmitem o mesmo jogo nas tardes de domingo. A final do campeonato brasileiro de futebol de 1997 entre Vasco da Gama e Palmeiras levou ao Maracanã mais de 100 mil torcedores, além de muitos outros que acompanharam o jogo pela televisão, ao vivo, ou pelas retransmissões posteriores. Regularmente muitos torcedores acompanham seu time, chegando a viajar para apoiar seus jogadores.

Um dado da grandeza dos números do futebol brasileiro é a afirmação constante de que um estádio com 10 mil pessoas estaria vazio. Ora, em qual outro esporte um contingente de torcedores como este seria considerado pequeno? Essa afirmação parece decorrência da grandeza de construção dos estádios de futebol espalhados pelo Brasil, muitos deles, de tão grande que são, jamais têm sua lotação esgotada.

É interessante observar como nosso cotidiano está impregnado de termos futebolísticos, tais como “pisar na bola”, “fazer o meio campo”, “dar um chute”, “bater na trave”, “fazer um gol de placa” e assim por diante. Essas gírias são utilizadas por todos, mesmo aqueles que não são torcedores fanáticos. O fato é que essas expressões foram incorporadas pela sociedade brasileira, tendo claro significado no cotidiano de todas as pessoas.

Um outro exemplo da popularidade do futebol é a fidelidade dos torcedores aos seus times. Ainda que a fase não esteja boa ou que a equipe caia para a segunda divisão, o torcedor não muda de time. Sofre com ele, acreditando em dias de sucesso, tornando-se ainda mais fanático. No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade que está expressa na porta do quarto da maternidade, quando os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniaturas, representando o time de futebol da família.

Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família e negativos em relação às equipes adversárias. Assim se aprende no nosso país a torcer por uma determinada equipe de futebol, diferentemente de muitas equipes de voleibol ou basquetebol que, como representantes de empresas, mudam de nome a cada temporada.

Para explicar o papel que o futebol representa no Brasil, estamos defendendo que houve uma combinação entre as exigências técnicas do futebol e as características socioculturais do povo brasileiro.

*O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. Em outras palavras, o futebol constituir-se-ia, por um lado, uma imagem da sociedade brasileira e, por outro, um exemplo que daria a ela um modelo para se expressar.*



O homem brasileiro comportar-se-ia na vida como num jogo de futebol, com chances de ganhar ou perder – e às vezes empatar –, tendo que se defrontar com adversários, tendo que respeitar certas regras, mantendo respeito por uma autoridade constituída, jogando dentro de um tempo e de um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais. Após uma derrota, haveria sempre a chance de se recuperar no próximo jogo.

É nesse sentido que Roberto DaMatta<sup>11</sup> (1982) – um estudioso do futebol como fenômeno cultural brasileiro – afirma que cada sociedade tem o futebol que merece, pois deposita nele uma série de questões e demandas que lhes são relevantes. Assim, o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns.

*Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira de o homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras.*



Pois não é no futebol que o torcedor “machão” chega às lágrimas, tanto de alegria como de tristeza? Não é no futebol que a gente aprende que após uma seqüência de derrotas virá a redentora vitória? Não é no futebol que se aprende que não se pode comemorar antes que o juiz apite o final do jogo? Não é o futebol que ensina que não se pode entrar em campo “de salto alto”? Não é o futebol que ensina que não se deve subestimar o adversário? Não é o futebol que por vezes faz todas as emoções extrapolarem desordenadamente levando a confrontos físicos com torcedores adversários?

Com todas as contradições possíveis, o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Nesse sentido ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se uma forma de o homem brasileiro se expressar. É, portanto, dinâmico, por refletir a própria sociedade brasileira.



*As manifestações de dentro de um estádio de futebol, quer as da torcida, quer as dos jogadores, ou as dos dirigentes e jornalistas, não podem ser analisadas de forma desvinculada de todas as outras questões nacionais. Nesse sentido, a violência dos torcedores, por vezes exacerbada, não pode ser explicada de forma simplista como manifestação de alguns marginais, como querem alguns jornalistas esportivos. Ela constitui-se expressão da violência da sociedade brasileira por vezes reprimida em outras ocasiões.*

Nesse sentido a questão mais oportuna parece ser: o que vem acontecendo com a sociedade brasileira ultimamente que tem gerado tantas expressões de violência nos estádios de futebol?

A partir do referencial teórico que entende o futebol como expressão da sociedade brasileira, é possível compreender algumas contradições presentes nesse esporte. Contradições essas que numa análise precipitada e descontextualizada refletiriam a pobreza ou a falência do futebol brasileiro, levando a propostas extremas de se acabar com o futebol ou substituí-lo por modalidades tidas como mais civilizadas. De fato, algumas pessoas referem-se ao futebol como um esporte arcaico, primitivo, opondo-o a modalidades mais modernas.



*Ora, o futebol brasileiro, como qualquer outro fenômeno nacional, é e sempre será aquilo que a sociedade fizer dele, aquilo que os atores envolvidos – torcedores, dirigentes, imprensa, etc. – forem constantemente atualizando nele e com ele. O futebol não está em oposição à sociedade brasileira, mas junto dela, expressando-a e renovando-a, talvez mostrando algumas facetas que nós temos dificuldade de enfrentar e gostaríamos de esconder.*

O Brasil é o único país participante de todas as Copas do Mundo e o único pentacampeão. Seu futebol é respeitado e temido por outras seleções. Somos o principal exportador de jogadores do mundo, jogadores que têm feito fama em vários países. Temos os maiores estádios de futebol do mundo. Entretanto, esses grandiosos números contrastam com campeonatos internos extremamente desorganizados, com equipes chegando a jogar até três vezes na mesma semana. O salário médio dos jogadores brasileiros é baixo, contrastando vultuosas somas de jogadores de grandes equipes com salários ridículos da grande maioria de profissionais espalhados pelo País. A grande maioria das equipes brasileiras está endividada, atrasando constantemente salários dos jogadores. Muitas equipes não conseguem manter o seu quadro de profissionais durante o ano, demitindo jogadores e o técnico após o final de cada campeonato. Muitos políticos utilizam-se do futebol para amealhar votos, investindo em alguns times em períodos eleitorais, deixando-os à míngua após as eleições.

A evasão de rendas tornou-se prática comum em quase todos os estádios, provocando risos e deboches toda vez que é anunciado, nos jogos, o público pagante sempre menor do que nossos olhos podem ver. Há os casos não raros de subornos de árbitros, bandeirinhas e até jogadores para “fabricarem” resultados.

A seleção brasileira foi alvo de grandes investimentos, na tentativa de conquista do inédito título de pentacampeão do mundo de futebol. Os métodos científicos de treinamento físico, técnico e tático, de apoio psicológico aos atletas, de cuidados



médicos e dentários, de acompanhamento nutricional aos atletas, são contraditórios com um técnico extremamente supersticioso, que se considera predestinado ao sucesso e ironiza as contribuições científicas ao esporte. O mais interessante é que o componente supersticioso no futebol é reforçado pela própria imprensa e praticado constantemente pelos jogadores e torcedores.

É importante lembrar que Cláudio Coutinho, técnico da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, foi incompreendido por tentar dar cientificidade ao futebol brasileiro, aliando a técnica dos nossos atletas com contribuições da fisiologia e de pesquisas na área do esporte.

Talvez a principal característica do futebol brasileiro seja a rica mistura entre o jogo coletivo e o individualismo de nossos atletas. O futebol, como esporte coletivo, exige tática grupal para uma equipe obter vantagem sobre outra. Para isso é necessário que um time mantenha a posse da bola e a faça circular, procurando envolver o adversário, posicionando-se com vantagens para conseguir atingir o alvo. Mas isso não garante que a equipe marque gols e vença a partida. De fato, em muitos jogos ocorre claro domínio por parte de uma das equipes, sem que isso resulte em vantagem em termos de pontos. Pode mesmo ocorrer que uma equipe com menor tempo de posse de bola vença o jogo. Isso porque, além da dinâmica tática da equipe, é necessário o individualismo dos jogadores para vencer a defesa adversária.

Ora, se as duas equipes jogarem rigidamente dentro de padrões táticos exaustivamente treinados, os jogos terminariam sempre empatados sem gols. Portanto, é necessário que um ou mais jogadores, em algum momento do jogo, liberem-se do esquema tático da equipe e ousem uma jogada individual. Essa ousadia pode resultar em fracasso e até na derrota da própria equipe, mas também pode dar certo e resultar num lance de grande beleza plástica e até em gol e vitória para a própria equipe.

É óbvio que isso pode levar ao modelo do jogador “fominha”, aquele que só pensa em si e não se preocupa com o sucesso da equipe. Seria uma distorção, ou exacerbação da necessidade de conciliação entre jogo individual



**Será que o destaque do futebol brasileiro não se deve à feliz combinação entre tática coletiva e tática individual? Ou, dito de outra forma, numa relação entre o eu e o grupo, numa coragem individual para se libertar das imposições do jogo coletivo?**

e coletivo. Se isso for verdadeiro, poderíamos supor que essa característica do futebol brasileiro, contrastando virtuosismo técnico individual com anarquia tática coletiva, deve-se à própria forma de o homem brasileiro se dispor no mundo, conciliando e tirando vantagem da expressão individual sobre um plano coletivo. Poderemos aqui lembrar do jeito malandro tipicamente brasileiro. Como uma finta no futebol, o malandro é aquele que tem que dar um jeito para conseguir dinheiro, para levar alguma vantagem, para sobreviver apesar das adversidades, para conseguir, enfim, marcar gols. É óbvio que ele necessita do grupo, mas ele não anula sua expressão individual perante a do coletivo. Se isso pode não ser sempre vantajoso, tanto no futebol como na vida em sociedade, acaba dando a característica do próprio estilo de jogo brasileiro: ousado, individualista, pouco afeto às táticas coletivas e, por vezes, fascinante, uma vez que gera jogadas e jogadores interessantes.

Já que estamos falando de aparentes contradições do futebol brasileiro, não podemos deixar de falar dos ídolos que o futebol gera.

Um esporte com essa popularidade, ocupando grande espaço na mídia, gera, cotidianamente, novos heróis, que serão endeusados pela população, invejados, imitados pelas crianças e servirão de modelo para comportamentos da população. Pelé foi e ainda é um ídolo gerado pelo futebol, como o foram também Zico, Roberto Dinamite, Rivelino, Sócrates, Toninho Cerezo... e, hoje, Ronaldinho. Mas também são ídolos gerados pelo futebol Edmundo e Romário, jogadores que, apesar de sua incontestável capacidade técnica, são personalidades polêmicas, envolvendo-se em brigas, dentro e fora do campo, discussões com jornalistas, acidentes e atitudes, no mínimo polêmicas. Edmundo é conhecido como “animal”, apelido que se deve menos à sua categoria no futebol e mais por suas ações intempestivas. É interessante lembrar que a carreira de Edmundo, sempre marcada por comportamentos polêmicos, nunca impediu sua transferência para outras equipes de futebol. Pelo contrário, sempre foi aclamado e idolatrado pelos torcedores, fato que sugere identificação com o craque.

Há uma contradição apenas aparente no fato de o futebol brasileiro atual gerar ídolos como Ronaldinho, por um lado, e Edmundo, por outro. Representam os dois lados da mesma moeda dos desejos humanos: ser ao mesmo tempo, calmo e rebelde, manso e feroz, bom e mau, humano e animal.



*Isso é possível no futebol, que, como fenômeno cultural brasileiro, é construído e atualizado justamente para dar vazão a essas demandas emocionais da população brasileira. É nesse sentido que falamos que o futebol é expressão da sociedade e que cada sociedade tem o futebol como um espelho.*

Um outro tema do futebol digno de análise é sua dificuldade em aceitar mudanças de regras, gerando também o que estamos chamando de falsa contradição. Porque, ao mesmo tempo em que algumas alterações



mostram-se necessárias para o melhor desenvolvimento do jogo, elas não acontecem de fato, havendo resistências da torcida, de dirigentes, dos atletas, técnicos e jornalistas.

Alguém se lembra do basquetebol sem cesta de três pontos? Ou do voleibol e tênis sem *tie-breaker*? Estas foram algumas das regras que fizeram com que a dinâmica de jogo desses esportes fosse alterada para melhor.

Enquanto isso, o velho esporte bretão continua basicamente com as mesmas regras de quando foi criado há mais de cem anos. Durante a realização do torneio Rio–São Paulo de 1997, houve uma experiência de se limitar o número de faltas de cada equipe, havendo, a partir daí, a cobrança de tiro livre sem barreira. Já houve propostas de aumentar o tamanho do gol, de utilizar dois árbitros, de modificar para mais ou para menos o tempo de jogo, além de outras soluções criativas.

*Se aceitarmos, mais uma vez, que o futebol é depositário de características culturais da sociedade brasileira, ainda que de forma inconsciente, podemos sugerir que a mudança de regras visando à modernidade no futebol faria com que ele perdesse o caráter incerto, casual, irreverente, improvável. Será que não é justamente isso que a sociedade deseja e projeta no futebol?*

Um time tecnicamente inferior, com um pouco de sorte e defendendo-se bem, pode ganhar de uma equipe superior, fato que dificilmente acontece no voleibol, por exemplo, onde uma equipe melhor preparada impõe sua superioridade técnica. Um jogador de futebol sem virtuosismo consegue superar sua falta de técnica por meio de esforço físico e escolhendo uma posição correta para jogar. No futebol, as regras permitem aos jogadores a posse de bola por tempo indeterminado, favorecendo a habilidade do jogador e permitindo que ele seja irreverente com a equipe adversária, desmoralizando-a. A torcida sabe disso e começa a gritar “olé”. Essa característica de posse de bola permite, também, diferentemente de outros esportes, a “cera”. Ou seja, o chamado antijogo de outras modalidades, no futebol é incorporado pelas regras, desde que ocorra com a bola em jogo.

O papel do árbitro no futebol também apresenta características interessantes. Diferentemente de outras modalidades, que incluem dois ou mais árbitros e mesa de anotação com responsabilidades de marcação do tempo de jogo e de faltas, no futebol, o árbitro é o senhor do jogo, com plenos poderes para marcar faltas, impedimentos, dando ou não desconto no tempo de jogo, decidir rapidamente se houve vantagem no lance por parte do jogador que sofreu falta, podendo até desconsiderar as marcações dos seus auxiliares. Esse poder absoluto do árbitro no futebol contrasta com a dificuldade que ele tem para marcar tudo corretamente e, freqüentemente, comete equívocos. Equívocos que revoltam os jogadores e a torcida, levam a brigas, expulsões e agressões, mas que, ao mesmo tempo, tornam o árbitro humano e falível. Afinal de contas, ele poderá também



**Quem provocou essas mudanças? Teria sido a mídia?**



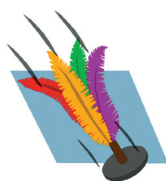
**Da mesma forma que o autor explorou em análise o futebol e seus significados e importância na sociedade brasileira, seria possível analisar o basquetebol para a sociedade americana o beisebol para os japoneses, as artes marciais para os chineses.**

errar favorecendo a nossa equipe, e nesse momento será perdoado pelos erros anteriores.

A discussão que temos feito ao longo desse texto procura compreender o futebol como impregnado na sociedade e cultura brasileiras, expressando características e desejos do homem nacional, ainda que implicitamente. As tradicionais regras do futebol, que os brasileiros e a Fifa – entidade que foi dirigida por mais de vinte anos por um brasileiro – relutam em modificar, parecem refletir o jeito brasileiro de jogar e viver, permitindo a ousadia, a irreverência, a malandragem, o caráter incerto das ações, a superstição, a imprevisibilidade, a ousadia, a voluntariedade e a ambigüidade.

É nesse sentido que falamos das contradições do futebol brasileiro, apenas aparentes, se procurarmos compreender a lógica cultural desse importante fenômeno nacional. Não é o Brasil o país dos contrastes e das ambigüidades? Um país que, no dizer de Roberto DaMatta<sup>12</sup> (1997), mesclou todas as raças e erigiu a mulata à condição de padrão nacional de beleza. Um país cujo povo consegue conciliar criativamente a superstição com a religiosidade e a ciência. Um país que, entre o não e o sim, entre o pode e o não pode, descobriu o jeitinho brasileiro como forma de vida. Um país que encontrou no futebol sua melhor tradução, fazendo dele uma de suas maiores expressões.

## **Agora é com você**



Terminado o estudo deste módulo, é hora de conferir se você conseguiu alcançar todos os objetivos previstos ao longo das unidades. Releia cada um deles e confira se obteve sucesso.

Não deixe de realizar as reflexões sugeridas nas margens dos textos, pois elas são uma forma de trazer a teoria estudada para mais perto de sua realidade e de situações concretas. Você não precisa enviá-las ao tutor, pois são parte de seu auto-aprendizado, mas é interessante que leve um tempo desenvolvendo suas idéias e reflexões a partir delas. Utilize o espaço do próprio módulo para registrá-las.

As atividades que devem ser enviadas ao seu tutor para avaliação serão informadas a você no devido tempo.

Caso tenha ficado alguma dúvida, retome a leitura ou entre em contato com seu tutor. Ele está preparado para auxiliá-lo. Se estiver estudando com um grupo de colegas, ou se estiver acessando o curso na Internet, entre em contato com eles e procure clarear as idéias – a discussão é parte importante de sua formação.



# Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Lara Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 128 p.
- AZEVEDO, Aldo A. *O poder na escola: um estudo da prática disciplinar na Educação Física*. 1993. Tese (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.
- BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 7, n. 2, p. 44-51, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* 8. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A cultura DA/NA educação física*. 2002. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- DIECKERT, J.; MERINGER, J. A corrida de toras no sistema cultural dos índios brasileiros Canela. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 15, n. 2, p. 166-180, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política. Livro primeiro: o processo de produção do capital*. v. I e II, 7 ed., São Paulo: Difel, 1982.

\_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã: (I - Feuerbach)*. 9 ed., São Paulo: Hucitec, 1993.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. 2v.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo liberado? In: STROZENBERG, Ilana (Org.). *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.

- <sup>1</sup> No que se refere ao tema “disciplina”, consultar Azevedo, Aldo A. *O poder na escola: um estudo da prática disciplinar na Educação Física*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993. (Tese de Mestrado em Educação Brasileira).
- <sup>2</sup> Consultar Althusser, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 128p. Tradução de: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro.
- <sup>3</sup> Acerca da educação e do ensino, uma visão detalhada da teoria marxista pode ser encontrada em: Marx, Karl & Engels, Friedrich, Engels. *Crítica da educação e do ensino: introdução e notas de Roger Dangeville*. Portugal: Moraes Editores, 1978. 265p.
- <sup>4</sup> Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*, 1974.
- <sup>5</sup> As noções gerais da visão antropológica de Clifford Geertz estão explicitadas em seu livro *A interpretação das culturas*, de 1989.
- <sup>6</sup> Conforme Dieckert & Meringer, *A corrida de toras no sistema cultural dos índios brasileiros Canela*, 1994.
- <sup>7</sup> Daolio, Jocimar. *A cultura DA/NA educação física*, 2002.
- <sup>8</sup> Bracht, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*, 1997.
- <sup>9</sup> Betti, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*, 1998.
- <sup>10</sup> Este texto foi elaborado pouco antes da Copa do Mundo de Futebol da França, em 1998. Foi publicado, inicialmente, na revista eletrônica *Lecturas: Educacion Fisica y Deportes*, Buenos Aires, Ano 3, Nº 10, em Maio de 1998 (<http://www.sportquest.com/revista>). Posteriormente, em 2000, fez parte da coletânea *Futebol: paixão e política*, organizada por Paulo Cesar R. Carrano e publicada pela Editora DP&A. Em 2003, foi incluído na segunda edição da coletânea de Jocimar Daolio *Cultura: educação física e futebol*, Editora da UNICAMP. Nesta versão, sofreu pequenas alterações.
- <sup>11</sup> DaMatta, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, 1982.
- <sup>12</sup> DaMatta, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*, 1997.

UNIDADE

3



# Esporte, escola e cidadania

**Apresentação** → **Pensando na escola e em seus porquês – A escolarização é um fenômeno**

mundial. A necessidade de aquisição e desenvolvimento de conhecimento para todos é uma característica de promoção de aspectos de democracia. Esta afirmação, embora um tanto quanto óbvia, raramente é procedida da interrogativa – Por que? Já perceberam como é comum nos acostumarmos a ver a construção cultural do homem sem, contudo, refletirmos sobre seus porquês?

A escola certamente comporta vários porquês da sua existência historicamente construídos. Seria inútil nos atermos a toda uma historicidade neste momento para justificarmos o porquê da escola, uma vez que várias referências históricas já foram elencadas. A “coisa” ia ficar longa e talvez pouco atrativa para este momento.

Fica a reflexão como forma de suscitar uma percepção de como, às vezes, nos acostumamos com as coisas, para buscar o verdadeiro foco que pretendemos despertar: A experiência da escola tem valido a pena?

## A escola como experiência significativa e desejável



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- *A escola em que você estudou e na qual você trabalha – seu real significado e importância na vida do aluno e na sua;*
- *A escola, enquanto meio de reprodução da sociedade capitalista;*
- *A escola como lugar de liberdade, promovedor da autonomia em todos os componentes curriculares, incluindo a Educação Física;*
- *O uso de métodos que possibilitem o desenvolvimento da autonomia, da inteligência para a resolução de problemas e o desenvolvimento da capacidade de avaliação de situações emergentes.*

Como estamos dialogando com professores de Educação Física, queremos levantar a seguinte indagação: o que temos feito no âmbito da nossa área de atuação para fazer da escola uma experiência significativa para a vida das pessoas?

O que mais guardamos na memória são experiências que advieram como consequência muito mais da contextualidade do que da intenção declarada da escola<sup>1</sup> (Brito, 1997).

Sabemos que educação acontece sempre dentro de um determinado contexto, então aqui propomos mudar o contexto para que este seja mais igualitário e dê chances a todos, para aquisição de conhecimento. Seria justo que para os estudantes o “alimento” da escolarização fosse algo que ampliasse sua possibilidade de qualidade, alegria, felicidade, apontando para a oportunidade de transformação de si e da realidade na qual se insere.



Nada mais justo do que esperarmos que uma convivência tão prolongada, diga-se de passagem, obrigatória, seja marcada por experiências que justifiquem o tempo dedicado e contribua para a realização dos indivíduos.

A escola, entretanto, não tem ido muito além do ensino de regras de “boa conduta”. A maneira como isso vem se dando ao longo da história está relacionada à sedimentação do processo de divisão tecnossocial do trabalho e a dominação de classes que, em última análise, constitui-se um mecanismo de manutenção das estruturas, como aponta Enguita (1991).

Obviamente, isso não acontece sem a resistência dos personagens que habitam o dia-a-dia da escola. O desconforto é generalizado, sobretudo o desconforto corporal. O corpo “fala” desse desconforto, e as crianças são as mais corajosas em revelar abertamente o que não é agradável, isto é, a rotina à qual estão sendo submetidas. Isso se evidencia antes mesmo de ir para escola. Já na ritualística preparatória, o mau humor é uma constante.

*No entanto, não precisamos que a escola seja modificada para ser simplesmente lúdica e dar mais chance ao “corpo”, é preciso que a escola dê chance de liberdade, que promova a autonomia em todas os componentes curriculares, incluindo a educação física. Para isso, é importante uma atenção nos métodos que possibilitem o desenvolvimento da autonomia, da inteligência para a resolução de problemas e o desenvolvimento da capacidade de avaliação de situações emergentes, sejam estas positivas (aquelas que queremos a permanência) ou negativas (aquelas que queremos a extinção ou troca).*

Zajdsznajder (1992) entende que, na atualidade, a escola já se encontra em uma condição muito desfavorável de apreciação, pois sedimentou-se ao longo da sua existência numa complexidade alienada das questões de ordem social e individual, transformando-se cada vez mais numa peça dos sistemas estatais sem relevância para a vida dos estudantes, pois se afastou quase totalmente da vida deles – a despeito de prevalecer, no discurso, a premissa de que a escola é importante para eles. Percebe-se por trás disso a reprodução de um hábito que não circunscreve uma postura crítica, uma vez que se sustenta uma posição vazia de sentido real em suas vidas.

O poder da inculcação dos “chavões” do propagandismo hegemônico é excepcional. Para se ter uma idéia de como as coisas acontecem, por esses tempos circulou de diversas maneiras (propaganda televisiva, camisetas, adesivos autocolantes...) a frase: “Eu quero todas as crianças na escola”. Será que as pessoas já refletiram o que estão propagando? Essa frase sequer pressupõe que as escolas não sejam iguais. Que uma escola de periferia seja diferente de uma escola de um bairro rico. Que existam escolas com projetos pedagógicos diferentes.



**O desconforto corporal se manifesta inclusive nas doenças típicas do professor: problemas nas cordas vocais, tensão muscular; alergia a giz**



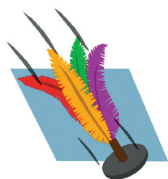
Propagam-se essas idéias como se todas as escolas fossem dotadas de um nível de qualidade capaz de contribuir para os indivíduos serem melhores. Vamos tentar, então, reformular o *slogan*; que tal dizermos: Quero ver todas escolas desejadas pelas pessoas. Faça seu exercício reflexivo. Recrie!



*Se as escolas não são iguais, podem ter a possibilidade de desenvolvimento da autonomia, de capacidade de resolução de problemas dentro de contextos diferentes de jogos e esportes. Esta perspectiva pode enriquecer as atividades escolares, tornando o esporte verdadeiramente agradável.*

Quem sabe um dia, todas as pessoas, e não só as crianças possam ir às escolas com alegria. Mas, é difícil esperar que isso venha a acontecer num modelo de escola que mantém, usa e abusa das manobras de amedrontamento, de coerção a liberdade, dos jogos de poder, da inculcação de valores e conhecimentos sem sentido para as crianças.

## **Agora é com você**



Este é o começo da última unidade deste módulo. Como está sua organização e a realização das tarefas?

Lembre-se que a autonomia que desejamos dar ao seu aluno precisa ser aprendida por você também como aluno a distância.

Pronto para continuar os estudos?

### **3.1.1 A escola que queremos**



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- *A escola do SER e a escola do TER;*
- *Um modelo de prática docente que permita a construção de uma escola que adote uma perspectiva heterárquica;*
- *A importância da reflexão sobre sua prática docente e a de todos os professores em conjunto com a perspectiva de transformação.*

Historicamente o professor de Educação Física atuou como um símbolo de uma cultura regrada e disciplinadora. A aplicação das regras do esporte e o uso do espaço físico e do tempo como controladores da atividade, são alguns símbolos que ainda hoje permanecem.

Quem sabe um dia as escolas possam almejar o SER, o CONVIVER, o CONSTRUIR, o MODIFICAR e o RECRIAR.

Da escola do Ter estamos perto de sua falência; seja por seu passado, por sua origem burguesa, por seus meios e intento, por sua inanição tecnológica, por seu alto custo, por seu peso burocrático, por sua estrutura carcomida, por sua ilusão de querer transformar homens em rótulos profissionais, por sobreviver submetida a um modelo fragmentado, por ser dominada pela lógica de mercado, e, entenda,

isso não quer dizer que uma base material não seja necessária, mas que isso é uma **parte** do processo formativo. A totalidade do problema é muito maior.

Necessitamos, para além do discurso, de uma escola verdadeiramente cidadã. Cidadania, aqui entendida, para além da consciência dos direitos e deveres no convívio social e do exercício dos mesmos, consiste em resgatar o que lhe foi alienado, sua força de trabalho (controle dos processos e produto de sua produção) e mais do que isso controle sobre o seu tempo, que procure na ousadia, maneiras de romper para continuar melhor, como sugere Snyders (1993), com esse modelo de sociedade que sufoca o ser humano pela busca da eficiência, imposta por um modelo de produção alicerçado nos princípios do vigiar, controlar e adestrar. Que molda as pessoas ao que chamaríamos de *Homo Institucionalis*, que mais aparenta ser uma mercadoria etiquetada no mundo do capital/trabalho, alienado do tempo de si, subjugado ao tempo do outro, modificado nos seus fluxos naturais, tornado previsível por um “relógio” do cronos artificial, iludido pelos sonhos de consumo, vampirizado de sua energia vital.



O **Programa Segundo Tempo** vem auxiliar professores e monitores a verem como este processo alienador pode ser modificado, e o acesso à aquisição de conhecimento pode ser desenvolvido em programas esportivos que ensinam e desenvolvem esportes através de um contexto gerador de ações democráticas.

Necessitamos de uma escola que ouse a realização de uma **práxis**, como aponta Gonçalves (1994), referindo-se à concepção de aulas abertas, que saiba dos desejos e necessidades dos estudantes, favorecendo-lhes a emersão de processos criativos de reflexão e ação, por meio da co-participação nas decisões concernentes a diversas etapas da ação educativa, e porque não, do projeto de escola, que constituam através da reflexão crítica de sua realidade próximo-distal, formas de ação concreta de transformação. Referindo-se ao papel do professor, a autora destaca:

“(…) Na sua prática é importante que o professor desmistifique para os alunos as relações de dominação de uma classe sobre a outra e suas conseqüências na forma de ser e pensar de indivíduos e grupos, proporcionando vivências de organização comunitária objetivada segundo valores democráticos (...) o professor orienta conscientemente o processo educativo para esses objetivos, procurando formar o homem que seja capaz de gerar as transformações sociais.”

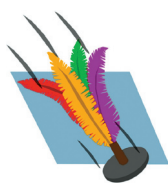
**Práxis** – para os marxistas, um conjunto de atividades que visam transformar o mundo e, em particular, os meios e as relações de produção sobre as quais repousam as estruturas sociais. A práxis se identifica com a própria atividade filosófica, unindo a teoria com a prática para mudanças constantes. Como ação dialética, a prática e a teoria formam uma unidade.

**Ensino tecnicista** – tendência que valorizava fundamentalmente os meios, as tecnologias e os procedimentos de ensino – apresentados como neutros, eficientes e eficazes, em detrimento do fator humano.

Para que isto aconteça, é preciso que passemos de um modelo de ensino hierárquico para um contexto heterárquico, para que possamos ter mais resultados comunitários, que todos possam ter chances, que a dominação pare de existir e seja substituída para um modelo de divisão de conhecimento e promoção de bem-estar e sobrevivência mútua. Todos estes aspectos eram, no modelo de **ensino tecnicista**, desenvolvido de forma contrária, de forma hierárquica.

Porém, entendemos que esse processo somente desencadear-se-á com profundidade, mediante uma perspectiva que contemple simultaneamente uma reflexão das relações que o indivíduo mantém com seu meio, aí incluídos os outros indivíduos e o ambiente, e uma auto-reflexão, compondo assim uma tríade dinâmica que objetiva o equilíbrio.

## Agora é com você



Você deve ter percebido que exigimos de você muita reflexão ao longo de todo o módulo, mas ela é a peça fundamental para seu desenvolvimento e para a melhoria de suas práticas pedagógicas. Tenha em mente que a reflexão profunda sobre sua realidade de trabalho e de formação será sua companheira até o final do curso. Coragem! Estamos quase na reta final deste primeiro módulo.

### 3.1.2 A escola a serviço da sociedade capitalista



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- *A formação e a prática do professor de Educação Física a serviço do modelo capitalista e, portanto, como ações apolíticas.*

Nas universidades e, em especial, nos cursos de Educação Física espalhados pelo País, a dualidade intensificada pela clássica divisão das ciências em naturais, humanas e sociais é evidenciada na supremacia do ramo técnico-biológico em relação ao humanista e social.

Uma complexa ideologia se constituiu em torno desse paradigma, e virou uma tradição no cenário da prática da Educação Física, uma vez que esta, até hoje, ainda é sinônimo de preparação desportiva. Uma das conseqüências dessa divisão é o ensino fracionado, analítico e diretivo da técnica esportiva.

Esta ideologia ou tradição gerou também uma forte contradição: o apolitismo do professor, já que, de forma irrefletida, passou a reproduzir os parâmetros da produção e do rendimento, incorporando-os na prática cotidiana das aulas. Isto fez do professor um objeto a serviço do rendimento corporal como preparo para o trabalho produtivo necessário às sociedades complexas capitalistas. O professor não percebeu que o corpo humano sub-repticiamente era moldado como instrumento político e instrumentalizado pelo poder, com o fim de disciplinar e camuflar as desigualdades sociais; as quais estavam visíveis sobretudo nos alunos das

periferias (na falta do café da manhã, de dinheiro para comprar um tênis, um caderno ou uniforme, etc.).

Neste sentido, há que se considerar que a instituição educacional, na qual a Educação Física se inseriu, seguiu os parâmetros do capitalismo, que impôs à educação

uma “**distinção**”<sup>2</sup> de classe, nos termos de **Bourdieu** (1983), uma vez que gerou uma franca diferenciação social entre os professores.



A cultura do corpo de professores de Educação Física revela-se “distinta”, ainda, pela própria historicidade da concepção de corpo e mente, a qual determinou que o corpo seria sempre um instrumento a serviço do intelecto e da mente; e, portanto, sem qualquer importância social ou cultural.

O **Programa Segundo Tempo** supõe criatividade. Professores, monitores, estudantes e pais devem ser incentivados à reflexão, criação e imersão em um contexto altamente gerador de novas

situações diárias para o processo de aquisição de conhecimento.

## Agora é com você

A mente é mais importante que o corpo? O corpo é mais importante? Os dois são parte integrante do EU? O que você acha disso? O que a escola faz com os dois – treina a mente na sala de aula e deixa o corpo quieto por 4 horas e treina o corpo sem mente nas aulas de Educação Física? O que você faz?

Pronto para pensar mais sobre a escola? Tem tido dúvidas? Preste atenção – ainda é tempo de resolvê-las com seu tutor.

### 3.1.3 Pensando um projeto para a Educação Física

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- A dicotomia entre teoria e prática na Educação Física e suas consequências para os currículos de formação dos profissionais da área;
- O homem como ser complexo, composto de partes indissociáveis como corpo, mente e emoção e as consequências desse conceito para a formação, pesquisa e atuação pedagógica nas escolas.

Uma das questões centrais das agendas de debates na área da Educação Física brasileira é a **dicotomia existente entre teoria e prática**. Envolta em fundamentos filosóficos, científicos, objeto de estudo e de ordem prática, essa divisão tem ocupado dois espaços:

- a) os currículos das escolas de Educação Física; e,

**Pierre Bourdieu** (1930) – sociólogo francês, crítico dos sistemas de ensino enquanto instituições que asseguram a continuidade da transmissão de privilégios culturais ao reproduzir as relações de classes existentes na sociedade.

A noção de “**distinção**” é aqui elucidada por Bourdieu, ao colocar em questão o fato de as classes sociais terem interesses diferenciados quanto aos lucros sociais e de distinção que a prática de um determinado esporte pode proporcionar e, além disso, terem diferentes concepções do corpo e fazerem diferentes usos dele.



**Descartes (1596-1650) filósofo e matemático francês; o cartesianismo é uma escola filosófica que deriva de seu pensamento e uma das idéias instituídas por ele é a da universalidade da razão, da qual todos os homens participam.**

**Epistemológico – relativo a epistemologia, ou o estudo das teorias do conhecimento; filosofia das ciências em que se realiza uma história dos conceitos que se desenvolvem em dado campo científico.**

b) a atuação dos egressos, como “professores”, na sociedade.

A considerar, inicialmente, o currículo das escolas de Educação Física, a questão se difunde em alguns focos ou fundamentos de discussão:

- a) Fundamento Científico: a clássica divisão da ciência;
- b) Fundamento Filosófico: a fragmentação corpo e mente (**Descartes**);
- c) Objeto de Estudo: Qual é o objeto de estudo da Educação Física; ou seja, sua identidade ?

A secular divisão da ciência em exatas e humanas, ao diferenciar as ciências físicas e biológicas das ciências sociais, deixou a Educação Física numa encruzilhada. Afinal o que é Educação Física no contexto dessa divisão? É ciência exata, dos ramos físico e biológico? O corpo físico deve ser estudado apenas por esses ramos? É ciência social, pois o ser humano é um todo e não parte de um todo? O corpo físico, a exercitação física e o esporte são os objetos de estudo da Educação Física? Qual é seu objeto de estudo ou identidade?

Tais questões, por vezes debatidas, traduzem a complexidade da área e da sua divisão em disciplinas nos currículos das faculdades. A própria compreensão dos alunos se torna difusa; pois, o objeto é difuso. Ele está em todos os ramos. Mas, parece óbvio que assim seja; pois, o homem é um todo, não é só um corpo físico regulado pela Biomecânica, Fisiologia, Anatomia, Cinesiologia, etc. É também um corpo emocional, que tem sentimentos, que está na sociedade e responde a esta sociedade na razão das suas exigências, poder, injustiça social, dominação, etc. Desse modo, a fragmentação cartesiana surge como um fundamento **epistemológico** radical da Educação Física, à medida que serviu como divisor objetivo dos currículos e dos contextos das escolas de Educação Física.

Nessa perspectiva, a escola deve procurar a superação da supremacia da intelectualidade, representativa do apego histórico que as sociedades ocidentais desenvolveram com relação a mente (cognição), atendo-se a um processo de reintegração que vislumbre suas diversas dimensões, como bem explora João<sup>3</sup> Bastos (2003)

“(…) A corporeidade envolve as dimensões do físico (estrutura orgânica-biofísica-motora organizadora de todas dimensões humanas), do emocional-sentimental (instinto-pulsão-afeto) e da mental-espiritual (razão-pensamento-cognição-consciência). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade (...) Portanto a corporeidade é o resultado complexo da articulação do universo físico (physis), do universo da vida (bios) e do universo antropossocial.”

Santin (1987), sugere que

“(…) o homem não age por partes, mas age sempre como um todo; o pensar as emoções, os gestos são humanos, não são ora físicos, ora psíquicos, mas sempre totais... o homem é corporeidade e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença.”

*O ranço da intelectualidade hierárquica da escola é muito bom para aplicar sabatina aos “velhos”, não para atrair os jovens e os mestres<sup>4</sup> de que a escola tanto precisa. Precisamos semear fogo, vento, guitarras, tirar leite de pedra, fotografar o silêncio e superar os clichês esquerdistas e de direita, pois o que importa mesmo é o ser consciente. Consciente de si, tendo base numa materialidade a qual denominamos corpo.*



A cognição é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma comunidade capaz de adquirir conhecimento e refletir sobre seu dia-a-dia e sua prática dentro de contextos diferentes. Por isso precisamos de intelectualidade, mas que seja inserida em contexto heterárquico.

Nesse sentido foram selecionadas citações (apud Brito, 1997) que podem aprofundar possibilidades de realização de um projeto de Educação Física atento à complexidade do que representamos no universo da bios (vida) referendando a questão focal que lançamos sobre se tem valido a pena a experiência da escola e a questão específica aos professores de Educação Física, se temos feito com que nossa mediação através das aulas represente uma experiência significativa para a vida dos estudantes.

Começamos com um dizer de D. H. Lawrence:

*“A vida do corpo é a vida das sensações e das emoções. O corpo sente a fome real, a sede real, a alegria real do sol e da neve, o prazer do cheiro real das rosas ou em olhar um arbusto de lilás; a raiva real, o calor real, o ódio real, o luto real. Todas as emoções pertencem ao corpo e a mente apenas as reconhece.”*

De Silvino Santin:

*“O movimento não pode ser limitado a um conjunto de articulações e forças, ele precisa ser compreendido no contexto de todas dimensões humanas. Antes de ser um fenômeno físico, o movimento é um comportamento, uma postura, uma presença e uma intencionalidade. Assim o movimento não é só uma linguagem, mas torna-se uma fonte inesgotável de simbologia que lhe confere uma grandeza ilimitada. (...) Reduzir o movimento do homem a exercícios físicos é reduzi-lo à extrema pobreza, à miséria.”*

De Don Jonson:

*“O dualismo entre corpo e mente que sustenta o autoritarismo é mais do que uma teoria verbal explicitamente ensinada. Na verdade tais doutrinas teriam pouco efeito se não fossem reforçadas por uma grande variedade de técnicas de condicionamento corporal que educam as pessoas no sentido de buscarem instintivamente orientação fora de si mesmas.”*

De Wilhelm Reich:

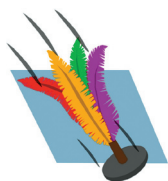
“Levar as pessoas a assumirem atitudes rígidas e artificiais é um dos meios mais eficazes utilizados pelos sistemas sociais ditatoriais para produzir indivíduos automatizados e sem vontade. Esse tipo de formação não é típico dos indivíduos; é um problema que atinge o âmago da estrutura e formação do caráter do homem moderno. Afeta grupos culturais amplos e destrói a alegria de viver e a capacidade de ser feliz de milhões e milhões de homens e mulheres.”

De Eduardo Galeano:

“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa.”

São dizeres. Palavras que podem ir como o vento. Mas, não podemos esquecer que palavras também constituem energia que estrutura e forma pensamentos. Pensamentos que são forças de ações. Ações que podem transformar as pessoas com novos pensamentos, que podem dependendo de quem, como e o que fizerem, mudar a vida, fazer uma escola cidadã.

## Agora é com você



Que outros conceitos de corpo e mente você conhece? A partir das reflexões do módulo, tente formular um conceito próprio, inclusive para a relação entre esses dois aspectos do ser humano.

Agora vamos continuar nossa reflexão sobre a escola e sua importância para a formação da consciência de coletividade e de cidadania.

### 3.1.4 Um projeto para a escola que queremos



*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- *A escola cidadã formadora de cidadãos.*

De acordo com um estudo realizado com estudantes universitários e de escola do ensino fundamental<sup>5</sup> (Brito, 1997), ficou evidenciado que os aspectos que mais marcam a sua memória no que diz respeito à escola se referem à qualidade das relações humanas/amizades, à relação professor-estudante-conteúdo, à relação teoria e prática/contextualidade/conteúdo, ao estímulo à curiosidade/pesquisa/desafio/descoberta, à abertura para outras possibilidades, às atividades que romperam com a rotina, ao intercâmbio com os outros sobretudo através de jogos/esportes/festas, ao jeito descontraído/natural/brincante dos professores darem sua aula, ao material didático.

Esses diversos referenciais podem, sem dúvida, alguma fazer parte de qualquer processo de ensino, mas é necessário que haja vontade política e competência individual e coletiva para fazer valer um projeto em que a escola não seja mera observadora, mas ativa no processo. Aconteceram como desdobra-



mento do próprio contexto relacional ou de ações isoladas, não foram ações intencionais planejadas pela escola.

É, contudo, necessário o entendimento de que, se por um lado a crítica à escola é por demais corriqueira e pesada – alguns defendem até a sua extinção – nós também somos responsáveis por esse estado crítico de coisas, pois fazemos parte desse contexto direta ou indiretamente. Dessa maneira é fundamental que, sobretudo o professorado esteja atento e ativo para as possibilidades que a ação de ensino pode significar enquanto processo transformador.

Uma escola cidadã é ainda uma construção a ser realizada como observamos ao longo do texto. Os professores de Educação Física, por sua vez, têm uma grande possibilidade nesse sentido. A escola dentro do cenário de uma sociedade como a nossa representa um espaço-tempo que inegavelmente pode contribuir para o dimensionamento da pessoa como ser no mundo. A escola pode contribuir para que a pessoa perceba-se numa coletividade e, nessa coletividade possa socializar-se. Escola cidadã é aquela que possibilita aos alunos a criticidade e a intervenção ativa.

Não custa reafirmar a importância cada vez maior da escola como **ethos** de convívio numa sociedade tão decadente de relações humanas, cada vez mais individualista, cada vez mais limitada ao espaço intramuros, cada vez mais comunicando-se por meios indiretos (internet, telefone, bip), cada vez mais distante do contato direto.

Como sustenta Morin (1997) falando do conceito de physis, a idéia de que o universo físico é o *locus* (local) onde podemos presenciar a criação e a organização, pode se materializar na escola cidadã. A physis é o “espaço” onde a vida acontece, assim, devemos superar a idéia trivial de que somos seres físicos transformando-a em idéia significante<sup>6</sup>.

A escola pode também contribuir para a formação do caráter e da personalidade, e isso se subscreve às relações humanas que nela acontecem.

Nesse ínterim, cabe citar Gonçalves (1994, p. 160-161) em duas passagens do seu livro “Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação”. Na primeira diz ela:

“Nas leis que legitimam a prática escolar da Educação Física (EF), e mesmo na ideologia de seus profissionais, já esteve presente e permanece, em parte, até hoje, a idéia de uma função socializadora da EF de contribuir para a adaptação do aluno à sociedade. Dentro de uma perspectiva transformadora, entretanto, o objetivo da EF não é levar o aluno à adaptação, mas sim, como diz Fiori, a ‘participar, desadaptar-se e recriar.’”

A formação do caráter e da personalidade, neste aspecto, pode ser vivenciada no sentido de realçar as qualidades individuais, a formação do Eu, e não de enquadrar a pessoa num modelo de comportamento que engessa a livre expressão. O EU é indivíduo e sociedade ao mesmo tempo, isto é, a individuação. Esta relação tem que ser percebida dentro de comunidades, caso contrário, as mudanças serão tímidas.



**Ação de ensino – dentro dessa idéia, o autor gosta de usar o neologismo ensinagem (processo dinâmico de ir e vir da informação como mecanismo educativo). O que você acha dessa expressão? Você a adotaria também?**

**Ethos – forma de comportamento social de um indivíduo ou grupo humano indicadora de que seu portador faz parte de determinada classe social ou grupo étnico.**

Na segunda citação, acrescenta:

“Dentro da perspectiva transformadora, a prática do esporte no âmbito escolar, fugindo de uma prática de competição exagerada, elitizante e agressiva, oferece amplas oportunidades ao professor de Educação Física para proporcionar aos alunos autênticas experiências corporais e, ao mesmo tempo, a possibilidade de vivenciar concretamente princípios democráticos.”

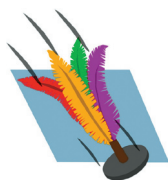
E citando Walter Bracht, continua:

“(…) com a ‘metodologia funcional-integrativa – que incentiva a reflexão e o diálogo, a participação dos alunos nas decisões, que são tomadas em conjunto pelos elementos do grupo e pelo professor; que possibilita a mudança de regras desportivas, para que todos os integrantes do grupo possam participar; que proporciona a existência de um clima agradável de cooperação e companheirismo –, a aula de Educação Física pode se transformar em um ‘campo de ação e vivência social.’”

Isso pode até se desdobrar para além do espaço-tempo de aula. O sentido gregário pode ser incentivado na escola através da oferta de condições para grupos se formarem e praticarem, sobretudo por livre iniciativa, atividades extraclasse relacionadas aos conteúdos que são trabalhados nas aulas. A escola pode estimular a partir desse processo um sentimento de pertença, transformando-se em algo integrado à vida dos indivíduos que nela habitam.

A escola cidadã pensada à luz de uma perspectiva transformadora, na forma como estamos estruturando esse discurso, deve também vislumbrar o tempo em que o estudante não está na escola. Pode, desta maneira, valorizar a ampliação da cultura do brincar e do jogar, na perspectiva de construir uma práxis libertadora onde a opção de lazer se faz mediante uma consciência crítica de valor. A contribuição das práticas corporais nesse aspecto tem um valor inestimável, sobretudo quando se tem um amplo espectro de experiências corporais que nos permitem escolha e inserção em diferentes contextos.

### **Agora é com você**



E então, sua escola realiza ou já realizou algum programa que envolvesse a comunidade escolar? O Programa Segundo Tempo é o primeiro?

Como vai seu ritmo de estudos? Estamos quase no final deste primeiro módulo...

## A necessidade de uma nova concepção de esporte

*Ao término do estudo desta seção, você deverá ter refletido sobre:*

- *O esporte como um fato social total;*
- *A cultura esportiva e a cultura corporal*



Considerando a auto-crítica que a Educação Física brasileira vem realizando nesses últimos anos, podemos pensar o esporte.

Se a Educação Física, como afirmamos há pouco, pode ser considerada atualmente como uma área que estuda e atua sobre as manifestações da chamada Cultura Corporal, o esporte deve fazer parte desse campo de estudo, pois se constitui uma das principais expressões corporais humanas da atualidade.

Nesse sentido, faz-se necessário tratar o esporte não apenas como manifestação da dimensão biológica humana restringindo-se a analisar os determinantes e as conseqüências de uma determinada prática esportiva sobre o organismo humano, tampouco, analisar o esporte desvinculado de um contexto histórico, político e sociocultural, como se fosse uma prática “desencarnada” dos significados sociais humanos. O esporte tratado como um “fato social total”, para utilizar a feliz expressão de Marcel Mauss, tem outras possibilidades.

*Como um fato social total, o esporte constitui uma expressão humana repleta de valores e significados culturais.*



O indivíduo praticante do esporte, ao mesmo tempo em que expressa comportamentos esportivos, constrói e reconstrói um universo de valores sociais, significando e ressignificando atitudes, enfim, agindo e representando socialmente.

O esporte, como todas as expressões corporais humanas, não existe naturalmente e nem existiu sempre do mesmo jeito. Foi construído pelos seres humanos, sofrendo constantes transformações, tanto em sua prática como nos significados a ele atribuídos.



*Os seres humanos, ao longo de sua evolução, foram criando certas práticas corporais, como as danças, os jogos, as formas de exercitar o corpo, as expressões corporais, as formas de luta, os esportes, além dos conceitos sobre o corpo, sobre a saúde, sobre os cuidados higiênicos, etc. É esse conjunto de manifestações corporais humanas que compõe a chamada Cultura Corporal.*

O esporte moderno (Brancht, 1997) é uma atividade corporal com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia no século 18 que se expandiu rapidamente por todo o mundo, transformando-se atualmente num dos principais fenômenos humanos. Essa prática foi resultado de um processo de modificação de jogos e de atividades corporais que inicialmente estavam relacionadas às colheitas, à religião e às festas populares. A partir do século 18, houve um processo de hegemonização do esporte em detrimento das outras atividades da cultura corporal de movimento, levando-o a assumir características de competição, rendimento físico-técnico, treinamento e busca de recordes.

Essa rápida expansão do esporte nos últimos duzentos anos é coincidente com o crescimento do capitalismo pelo mundo, expressando características da nova sociedade industrial, como as rotinas de treinamento, busca da perfeição técnica e competição exacerbada. Atualmente o esporte, como espetáculo mundial, tornou-se mercadoria, patrocinado por grandes empresas comerciais e utilizado como propaganda dessas mesmas empresas ou por governos de quase todos os países do mundo.

Assumindo tais papéis, a prática esportiva acabou também por assumir características do vencer a qualquer preço e de valores respaldados pelo princípio de que os fins justificam os meios. O uso do *doping* e a especialização precoce (Kunz, 1994) são expressões desse espírito capitalista de conseguir campeões e de promover a mercadoria esportiva às últimas conseqüências. É fundamental que os profissionais que trabalham com esporte reflitam sobre os valores desejados na prática esportiva e os mantenha presentes em sua atuação, discutindo-os continuamente com seus alunos.

Esse breve recorte histórico serve para fortalecer os vários sentidos e funções que o esporte moderno cumpriu desde sua origem. Mas o que nos interessa enfatizar é que a prática esportiva não é natural, no sentido de que as pessoas a realizam como expressão da natureza humana.



*A prática esportiva é uma prática social e cultural construída pelos humanos e constantemente atualizada, atendendo a valores e significados específicos.*

Várias perspectivas teóricas da área de Educação Física atualmente no Brasil concordam que o esporte faz parte de uma dimensão da cultura humana, constituindo-se, ao mesmo tempo, em produção e expressão do ser humano.

*O esporte não é um dado de natureza; não é um elemento a-histórico, ou apolítico.*



O ser humano, ao longo de sua história de cerca de quatro milhões de anos, foi construindo uma cultura ligada às questões corporais, de movimento, de lazer, de saúde, produzindo um vasto conhecimento sobre essas dimensões. Assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte.

Temos preferido a expressão cultura esportiva<sup>9</sup> em vez de esporte, a fim de enfatizar sempre esse caráter dinâmico de produção humana. Segundo Betti (1993), a cultura esportiva faz parte da cultura corporal, que, por sua vez, é parte da cultura humana.

*Sendo visto como um elemento de cultura, o esporte manifesta um movimento dialético entre os movimentos padronizados, as técnicas, regras, e sua contextualização num determinado momento e num grupo específico.*



É nesse sentido que o autor fala do texto e do contexto do esporte. Não se trata somente das variações de regras de determinada modalidade ou da criação de outras a partir de um modelo (como o voleibol de areia, por exemplo), mas da própria inserção de uma mesma modalidade em contextos específicos, estabelecendo formas diferentes para se jogar o mesmo esporte.

Essas dimensões do texto e do contexto parecem dar conta da compreensão do esporte como fenômeno sociocultural, uma vez que consideram sua construção ao longo do tempo e as suas variadas inserções nos diversos contextos.

*Da mesma forma que o ser humano é, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura, uma modalidade esportiva é construída, expressando a forma como esse ser humano concebe o mundo e sendo por ele transformada em função do tempo, espaço e valores próprios de cada grupo.*



O texto altera o contexto das modalidades esportivas e vice-versa, num processo dinâmico. Por exemplo, o basquetebol é jogado numa quadra

com determinadas medidas, com cinco jogadores em cada equipe, com regras e técnicas que o identificam em qualquer parte do mundo. Por outro lado, a mesma modalidade esportiva ocorre em um determinado espaço/ tempo, num contexto específico que a torna própria e particular daquele grupo. Nesse sentido não temos um basquetebol, mas várias formas de prática do basquetebol.

De fato, se analisarmos jogos de seleções mundiais de basquetebol ou qualquer outro esporte, veremos que, a despeito de jogarem a partir das mesmas regras e técnicas e com táticas semelhantes, cada seleção expressa características culturais particulares, fruto de sua história e dos significados que aquela modalidade foi assumindo naquele país ao longo dos anos. Também, se analisarmos equipes de uma mesma modalidade esportiva de cidades diferentes ou até mesmo de bairros diferentes, veremos diferenças culturais na forma de prática da mesma atividade. Isso também pode ser notado em momentos históricos diferentes de uma mesma modalidade num mesmo lugar.

É interessante também observar como uma modalidade esportiva se desenvolve mais numa região que em outra, devido a fatores e a várias influências, incluindo, dentre elas, as características socioculturais do próprio grupo praticante. Como exemplo desse processo, podemos citar o futebol, modalidade que, surgida na Inglaterra, chegou ao Brasil no final do século 19 para se tornar já nas primeiras décadas do século 20 o principal esporte nacional.



*Esse processo de criação e transformação de uma modalidade esportiva dá-se por meio da manipulação de símbolos, característica que distingue o ser humano de outros animais. Os indivíduos em sociedade vão atribuindo significados a tudo o que fazem, procurando dar sentido às suas ações. São esses significados que diferenciam os inúmeros grupos humanos espalhados pelo mundo e ao longo da história. Assim, uma mesma modalidade esportiva, mundialmente codificada com regras e técnicas definidas por uma confederação, é praticada com estilos diferentes, porque os significados a ela atribuídos pelos diversos grupos são diferentes.*

Um outro fenômeno interessante que acontece com o esporte é sua contínua transformação em outras modalidades. Parece ter sido o caso do voleibol que, após um período sendo praticado só em quadras, incorporou uma demanda popular de prática nas praias brasileiras, desdobrando-se em voleibol de areia, não mais com seis jogadores, mas com dois. O voleibol de areia, inicialmente praticado de forma lúdica nas praias brasileiras, foi institucionalizado pela federação internacional desta modalidade, com competições profissionais, chegando a fazer parte dos Jogos Olímpicos. A partir do voleibol de areia, já temos hoje o chamado voleibol 4 x 4, sem falar do futvolei, que incorpora elementos do futebol numa quadra de voleibol. Muitos jogos que já existiam aparecem na mídia de massa justamente porque vendem mais do que outros programas de esporte pouco atrativos comercialmente.

Dentro de um mesmo país, há preferências regionais por determinada prática corporal – esportivas ou não – que não se restringem somente a questões climáticas ou devido às oportunidades ambientais e aos apoios governamentais. É o caso do jogo de peteca em Minas Gerais, que se tornou quase exclusivo daquele Estado.

Mais importante do que descrever as diferenças de prática esportiva nas várias regiões e a diversidade de características dentro de uma mesma modalidade é a consideração dos significados que estão associados a elas, aquilo que José Carlos Rodrigues<sup>10</sup> (1987) chamou de **conteúdos conotativos de determinadas expressões culturais**. Pois são esses conteúdos que expressam as características identificadoras de um determinado grupo, sua história particular, aquilo que o fez praticar aquela modalidade daquele jeito, seu jeito diferente e significativo de fazer as mesmas coisas.

Um professor que pretenda atuar com o esporte de maneira inclusiva, fazendo com que esse rico patrimônio da humanidade seja apreendido por todos, deverá saber lidar com esse fenômeno de maneira mais ampla do que uma simples e tradicional visão tecnicista, como historicamente a Educação Física sempre fez. Deverá tratá-lo também como fenômeno sociocultural, a partir da contribuição das ciências humanas e, assim, considerando aspectos culturais próprios de cada grupo, os determinantes políticos implícitos na prática esportiva, as relações humanas que permeiam os esportes, as influências da mídia. A mesma prática esportiva que se realiza numa quadra, num estádio, ou mesmo na rua, permite análises e tratamentos que vão além de mera repetição de gestos técnicos. Pode-se ver uma partida de futebol, considerando que essa prática é expressão maior da cultura brasileira, compreendendo manifestações por vezes desmesuradas de jogadores, dirigentes e da própria torcida. Pode-se admirar a harmonia estética de uma partida de basquetebol. Pode-se analisar a influência da mídia na construção e valorização de determinada modalidade esportiva. Pode-se compreender a dimensão política de um feito esportivo quando um governo utiliza-o como propaganda, como foi o caso da conquista do tricampeonato mundial de futebol por parte do Brasil em 1970. Pode-se compreender a dimensão do atleta, feito mercadoria de troca entre grandes empresas multinacionais. Pode-se praticar o esporte valorizando outros comportamentos que não a exclusão, a injustiça, a dissimulação, a violência e a subjugação de uns por outros.

Mas além da compreensão sobre inclusão em um processo cultural e inclusão no esporte, é necessário repensar os métodos de ensino, as competições pedagógicas e os festivais esportivos, para que o **Programa Segundo Tempo** possa ser concreto e visível à comunidade escolar e para que comecemos nossa interminável estrada de reflexão e prática de uma metodologia inclusiva e heterárquica.

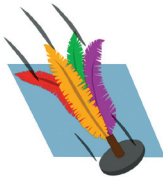
Mediante a elevação de nossa capacidade reflexivo-crítica, e pensando o esporte como fenômeno dinâmico da construção cultural, será possível imaginar uma escola como mediadora da superação da dicotomia entre o Eu e o coletivo trabalhando para combater a coerção advinda da ordem econômica capitalista?

Será possível imaginar uma escola contribuindo para a conscientização e superação da fragmentação das diversas dimensões do ser humano?

Será possível imaginar uma escola com uma visão ampliada de mundo e ao mesmo tempo aterrada, estruturada dentro de uma firmeza das raízes culturais na qual surgiu, capaz de existir no mundo sem perder sua identidade?

Será possível, em síntese, uma escola que acredite que fundamental é ser feliz, que ouse criar e romper os “cordões de isolamento” entre ela e a realidade e “sambar” na avenida da vida, sem medo de ser feliz? Reflita sobre isso!

## **Agora é com você**



Ao longo de toda esta unidade, você deve ter percebido que não apresentamos objetivos específicos de aprendizado para você alcançar, porque nossa intenção foi levá-lo a realizar uma leitura síntese com todas as idéias e conceitos principais estudados ao longo do módulo.

Ao mesmo tempo que você estava revisando conceitos, esperamos que tenha podido refletir sobre alguns pontos importantes de toda a teoria bem focalizados em sua formação e em sua prática.

Se surgiu alguma dúvida, releia a seção correspondente ao tema nas outras unidades ou contate seu tutor.

Esperamos que seu estudo tenha sido realmente proveitoso, e que você tenha conseguido descobrir novas formas de refletir sobre a prática pedagógica do ensino de Educação Física e sobre o esporte ao longo dos séculos.

Não esqueça de utilizar o espaço próprio do módulo para registrar seus progressos, descobertas e dúvidas e de enviar ao seu tutor as atividades obrigatórias para sua avaliação.





# Referências bibliográficas

- BASTOS, Renato J. *Corporeidade: uma perspectiva da complexidade humana para a educação*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 7, n. 2, p. 44-51, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução: Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Ufes, 1997.
- BRITO, Marcelo de. *O lúdico na escola: um elemento contraditório*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médica, 1991.
- GONÇALVES, Maria Augusta S. *Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- MORIN, Edgar. *O método III – o conhecimento do conhecimento*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.
- RODRIGUES, José Carlos. O corpo liberado? In: STROZENBERG, Ilana (Org.). *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.
- SANTIN, Silvino. *Educação Física: a abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987.
- SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- ZAJDSZNAJDER, Luciano. *A travessia do pós-moderno: nos tempos do valeduto*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

## Notas

- <sup>1</sup> Essas referencias marcantes fazem parte da Dissertação de mestrado: *O lúdico na escola; um elemento contraditório*. UnB/FED. 1997 de autoria de Marcelo de Brito.
- <sup>2</sup> C.f. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P.136-153. Tradução: Jeni Vaitsman.
- <sup>3</sup> Em: *Corporeidade: uma perspectiva da complexidade humana para a educação*. UnB/FED, 2003. Dissertação de mestrado.
- <sup>4</sup> Neste caso a referência se estende para além da titularidade acadêmica. O autor fala de pessoas que são referência por seu notório saber.
- <sup>5</sup> BRITO, Marcelo de. *O lúdico na escola: um elemento contraditório*. Brasília: UnB/FEF, 1997. Dissertação de mestrado.
- <sup>6</sup> MORIN, Edgar. *O método III – o conhecimento do conhecimento*. Portugal: publicações Europa–América, 1997.
- <sup>7</sup> BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*, 1997.
- <sup>8</sup> KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*, 1994.
- <sup>9</sup> Conforme BETTI, Mauro. *Cultura corporal e cultura esportiva*, 1993.
- <sup>10</sup> RODRIGUES, José Carlos *O corpo liberado?*, 1987

